



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

MARIA HELENA DA SILVA VIANA

Ana Maria Machado em sala de aula: leitura literária e formação do leitor

Belém – Pará

2015

MARIA HELENA DA SILVA VIANA

Ana Maria Machado em sala de aula: leitura literária e formação do leitor

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Pará (UFPA), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Professora Doutora Germana Maria Araújo Sales.

Belém – Pará

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Viana, Maria Helena da Silva, 1966–

Ana Maria Machado em sala de aula: leitura literária e formação do leitor / Maria Helena da Silva Viana. – 2015.

Orientadora: Germana Maria Araújo Sales.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2015.

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Professores: ensino e atividades relacionadas. 3. Letramento. I. Título.

CDD 22. ed. 418.4

MARIA HELENA DA SILVA VIANA

Ana Maria Machado em sala de aula: leitura literária e formação do leitor

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Pará (UFPA), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.
Linha de pesquisa: Leitura e produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Data da defesa: 31/08/2015

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales

Universidade Federal do Pará (UFPA) (Titular-Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima do Nascimento

Universidade Federal do Pará (UFPA) (Membro Interno)

Prof. Dr. Carlos Magno Santos Gomes

Universidade Federal de Sergipe (UFS) (Membro Externo)

Prof.^a Dr. Fernando Maués de Farias Júnior

Universidade Federal do Pará (UFPA) (Suplente)

Dedico este trabalho aos meus pais, Gaspar Viana (*in memoriam*) e Maria Madalena da Silva Viana, com eterna gratidão.

E aos meus filhos, Paula Helena Viana de Sousa e Pedro Henrique Viana Baldez, com todo o meu amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela vida, força e bênçãos que me tem concedido;

Aos meus pais, Gaspar Viana (in memoriam) e Maria Madalena da Silva Viana, pelos valores, educação e apoio que sempre me proporcionaram ao longo de minha vida;

À minha filha, Paula Helena Viana de Sousa, pelo apoio e paciência na escuta e na construção desse trabalho;

Ao meu filho, Pedro Henrique Viana Baldez, pela compreensão de minhas ausências;

Ao meu esposo, Esdras Queiroz Baldez, pelo companheirismo e apoio em todos os momentos;

Aos meus irmãos, Regina, Jeremias, Luís e França, pelo carinho;

A CAPES, pelo incentivo com bolsa de estudo;

À minha orientadora professora doutora Germana Sales, pelo incentivo e apoio;

Aos professores-doutores do Mestrado Profissional em Letras, pela imensa contribuição ao meu trabalho;

Aos colegas de curso, mais que colegas, amigos, irmãos, companheiros, pessoas tão especiais, profissionais tão competentes, aprendizes tão generosos, que compartilharam comigo, sonhos, aflições, anseios, expectativas. Obrigada, pela companhia, pela troca de experiências e aprendizagens, às quais jamais esquecerei. Com saudades, cito Drummond “não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”;

Aos meus alunos, pela participação e empenho nas aulas;

Aos meus colegas professores de todas as escolas em que atuo, pela amizade e companheirismo;

À Ana Maria Machado, pela magnífica obra literária dirigida a todos os públicos, especialmente, às crianças e jovens do Brasil;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste trabalho.

RESUMO

ANA MARIA MACHADO EM SALA DE AULA: LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Este trabalho se propõe a apresentar uma proposta metodológica para a leitura de duas obras (*Quem perde ganha* e *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*) da escritora brasileira Ana Maria Machado, destinadas ao público infantojuvenil com o intuito de incentivar o letramento literário e a formação do leitor em uma escola pública do município de Ananindeua, no estado do Pará. Considera-se, assim, a leitura literária como um direito de todos (Queirós, 2014) e o texto literário sendo o núcleo da disciplina de Português por ser manifestação por excelência de memória, do funcionamento e da criatividade da língua portuguesa (Silva, 1988). O ensino de literatura na escola pública é alvo de críticas e tem contribuído timidamente para formar leitores proficientes, uma vez que o processo de escolarização vem ocorrendo de forma inadequada e o desafio do professor é encontrar o equilíbrio entre os interesses da fruição pessoal e as necessidades de escolarização do literário (Cosson, 2014). É necessário, então, que se repense o problema para que o texto literário não seja apenas objeto de nomenclaturas, banalidades gramaticais e análises superficiais (Soares, 2011), mas um instrumento capaz de suscitar reflexões e contribuições relevantes para a vida dos alunos. O trabalho está organizado em três capítulos: o primeiro discorre sobre o ensino de literatura e a formação do leitor, o segundo aborda o universo literário de Ana Maria Machado e o terceiro traz a proposta de intervenção pedagógica. Pretende-se, dessa forma, que a escola promova a inserção da literatura infantojuvenil e do clássico em seu cotidiano de modo a contribuir para que a leitura do texto literário seja atividade significativa e prazerosa para os alunos do ensino fundamental e que, assim, favoreça a formação de leitores na escola pública.

Palavras-Chave: Leitura literária. Ensino de literatura. Letramento literário. Formação do leitor. Ana Maria Machado.

ABSTRACT

ANA MARIA MACHADO IN THE CLASSROOM: LITERARY READING AND READER FORMATION

This paper aims to present a methodological proposal to the reading of two works (*Quem perde ganha* e *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*) by Brazilian writer Ana Maria Machado, intended for children and youth in order to encourage the literary literacy and the reader formation in a public school in the city of Ananindeua, in the state of Pará. It is considered, thus, the literary literacy as a right of all (Queirós, 2014) and the literary text being the core of the Portuguese discipline for being a manifestation of excellence of memory, of operation and creativity of Portuguese language (Silva, 1988). The literature teaching in public schools is target of criticism and has contributed timidly to form proficient readers, since the schooling process has occurred inappropriately and the teacher's challenge is to find the balance between the interests of personal enjoyment and the needs of literary schooling (Cosson, 2014). It is necessary, therefore, to rethink the problem so that the literacy text is not just nomenclatures object, grammatical banalities and superficial analysis (Smith, 2011), but an instrument that can raise reflections and relevant contribution to the lives of students. This paper is organized in three chapters: the first discusses the teaching of literature and the reader formation, the second deals with the literary universe of Ana Maria Machado and the third brings a proposal of pedagogic intervention. It is intended, this way, that the school promotes the insertion of children and youth literature and of the classical in their daily lives in order to contribute so that the reading of literary text be a meaningful and pleasurable activity for elementary school students and, thus, encourage the reader formation in public schools.

Keywords: Literary reading. Literary education. Literary literacy. Reader formation. Ana Maria Machado.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – <i>Fiapo de Trapo</i>	57
Figura 2 – <i>A menina que vivia perdendo</i>	59
Figura 3 – <i>O boto e a estrela</i>	60
Figura 4 – <i>O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	62
Figura 5 – <i>Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras</i>	64
Figura 6 – Capa de um dos diários de leitura produzido por uma aluna do 7º ano da escola pesquisada	79
Figura 7 – Capa do livro <i>Quem perde ganha</i>	101
Figura 8 – Ilustração da história <i>Fiapo de Trapo</i>	103
Figura 9 – Ilustração da história <i>A menina que vivia perdendo</i>	106
Figura 10 – Ilustração da história <i>O boto e a estrela</i>	109
Figura 11 – Capa do livro <i>O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	111
Figura 12 – Ilustração do livro <i>O Cavaleiro do Sonho</i>	115
Figura 13 – Ilustração do livro <i>O Cavaleiro do Sonho</i>	117
Figura 14 – Ilustração do livro <i>O Cavaleiro do Sonho</i>	119

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O ENSINO DA LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR	17
2.1	Leitura	17
2.1.1	Aspectos sociais e históricos da leitura	18
2.1.2	A leitura na prática escolar	22
2.1.3	O professor-mediador de leitura	26
2.2	Literatura	29
2.2.1	Ensino de literatura e seus desafios	29
2.2.2	Os clássicos para a infância: primeiros contatos	36
2.2.3	A leitura na perspectiva do letramento literário	40
2.3	Ensino	40
2.3.1	A escolarização da literatura infantojuvenil	43
2.3.2	A biblioteca escolar	44
2.3.2.1	O livro infantil	46
2.3.2.2	O livro didático	46
3	O UNIVERSO LITERÁRIO DE ANA MARIA MACHADO	49
3.1	Análise de dois livros de Ana Maria Machado	54
3.1.1	<i>Quem perde ganha</i>	56
3.1.2	<i>O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	61
4	PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	68
4.1	Contextualização da escola e do público-alvo	68
4.2	Metodologia utilizada	69
4.2.1	Texto <i>Fiapo de trapo</i>	71
4.2.2	Texto <i>A menina que vivia perdendo</i>	73
4.2.3	Texto <i>O boto e a estrela</i>	74
4.2.4	<i>O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	75

4.3	Diário de leitura: a voz dos sujeitos-leitores	77
4.3.1	Análise das páginas do livro <i>Quem perde ganha</i>	79
4.3.2	Análise das páginas do livro <i>O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha</i>	84
4.4	Avaliação	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS	94
	ANEXO 2 – DADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	96
	ANEXO 3 – CADERNO DE ATIVIDADES	99
	ANEXO 4 – POEMA DOM QUIXOTE	125
	ANEXO 5 – VIDA E OBRA DE ANA MARIA MACHADO	126
	ANEXO 6 – SINOPSES DAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO	133

A literatura é uma das mais antigas e mais duradouras manifestações do espírito humano.

(Ana Maria Machado – 1999)

1 INTRODUÇÃO

A epígrafe que abre este trabalho remete-se a literatura como uma das mais antigas e duradouras manifestações do espírito humano, isso significa que a obra literária se consolidou ao longo do tempo e da História como um dos principais instrumentos de expressão do pensamento humano. Desse modo, é importante considerar o texto literário presença indispensável nos diversos espaços sociais, nos lares, nos museus, nas praças, nas escolas, nas bibliotecas, a fim de favorecer o importante encontro entre livro e leitor.

Em vista da importância que literatura tem para o desenvolvimento do ser humano e em função de dados obtidos através de pesquisa realizada em uma escola pública no município de Ananindeua-Pará, constatou-se que grande parcela dos alunos do ensino fundamental tem pouco ou praticamente nenhum convívio com obras literárias importantes para sua formação como leitores, fazendo-se, então, necessária a intervenção docente para mudar esse quadro.

Tal projeto de intervenção pedagógica parte da observação de informações colhidas através da aplicação de questionário aos alunos de duas turmas do 7º ano do ensino fundamental com o objetivo de conhecer suas experiências leitoras anteriores. Os dados demonstram que cerca de 90% desses alunos não leram um livro de literatura infantojuvenil e 99% desconhecem a existência da escritora brasileira Ana Maria Machado.

Nesse sentido, a escola, especialmente, tem responsabilidade fundamental na formação de leitores, na forma como o livro é ou não valorizado no cotidiano, uma vez que ela deve promover a inserção e a convivência dos alunos com a cultura letrada, de modo que ler passe a significar um leque de possibilidades de aquisição de conhecimentos e de fruição pessoal.

Aplicar uma proposta no intuito de realizar leitura literária na escola implica pensar em seleção de textos e em critérios para essa escolha. Implica também refletir sobre os procedimentos metodológicos para essa aplicação visando atingir os objetivos propostos. Dentro desse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 23) orientam para a leitura de uma diversidade de gêneros textuais. No entanto, talvez nenhuma leitura seja tão relevante como a literária, uma vez que ela pode proporcionar essa inquietação, esse enriquecimento da sensibilidade humana e pode fazer com o que as pessoas possam se tornar

melhores do que são. Por tudo isso, a leitura do texto literário deve ser valorizada, incentivada e praticada nas salas de aula, de modo a suscitar conversas, discussões e reflexões sobre temas que dizem respeito ao ser humano.

Desse modo, é necessário a escola estabelecer prioridades de ações metodológicas de práticas leitoras para obras literárias, a fim de se assegurar experiências significativas e enriquecedoras para a vivência dos alunos.

Um aspecto que dificulta essa aproximação é o fato de a literatura ter cada vez menos espaço nos currículos escolares, principalmente, do ensino fundamental, já que não se configura mais como uma disciplina específica. Como se tem observado, a escola tem uma carga horária para a disciplina de língua portuguesa de seis aulas semanais, com um total de trinta horas mensais. Nessas aulas, costuma-se dar preferência ao estudo e leitura de gêneros textuais considerados mais simples ou mais fáceis de serem trabalhados, como os textos jornalísticos, informativos. Assim, a leitura literária depende em larga escala da vontade, do desejo e das ações do professor de língua portuguesa para se efetivar no cotidiano escolar.

Outra questão relacionada a prática comum nas escolas se refere ao fato de ser única e exclusivamente responsabilidade do professor de língua portuguesa a seleção de textos e autores a serem lidos pelos alunos. Tal prática deveria ser repensada e transformada para considerar os interesses e gostos dos alunos, além da qualidade estética da obra. Esses aspectos não são levados em consideração, porque o ensino de língua portuguesa e literatura em grande parte das escolas está pautado no livro didático, distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), do Ministério da Educação. A esse respeito, Cosson (2014, p. 22) afirma:

[...] que no ensino fundamental predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos e as atividades extraclasse, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula, cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras.

Tais práticas ainda persistem no cotidiano escolar, porém são inadequadas porque não ampliam a visão de mundo do leitor e reduzem o texto literário a mero objeto pedagógico, além de não acrescentar reflexões sobre o processo criativo. A obra perde, assim, toda a riqueza de significados, da linguagem, da intenção do autor, e, é claro, do prazer de ler.

Para se reverter esse quadro, novas práticas de leitura literária devem ser desenvolvidas na escola, levando em conta um planejamento coletivo e participativo de todos os seus membros, uma metodologia que leve o aluno a ser conquistado pela qualidade do

texto. Isso requer que o professor seja o autor de sua aula, capaz de construir material didático adequado e metodologias consistentes para atingir os objetivos da leitura literária. Na ausência de biblioteca escolar, que ele realize levantamento de obras literárias de qualidade para montar seu próprio acervo bibliográfico, devendo também observar a organização do tempo escolar e o ordenamento de espaços adequados e ações leitoras sistemáticas para priorizar aquelas em que os alunos possam ser despertados para o gosto e a importância do ato de ler.

O caminho percorrido para o desenvolvimento deste trabalho consiste em uma análise dos dados obtidos pela aplicação de questionário¹ em turmas do 7º ano do ensino fundamental, seguido da seleção de duas obras de Ana Maria Machado e elaboração da intervenção e do caderno de atividades. Tais ações foram fundamentadas teoricamente através de pesquisa bibliográfica sobre o ensino de literatura, a leitura literária na perspectiva do letramento literário e a biografia e obra de Ana Maria Machado. O caminho teórico-metodológico para a aplicação da intervenção baseia-se na sequência básica do letramento literário proposta por Cosson (2014, p. 51) que consiste em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

É importante que se promova a leitura literária na escola desde os primeiros anos escolares, mas com obras de qualidade, respeitando o ritmo e o tempo de cada aluno. Desse modo, não se compromete aspectos importantes na formação de novos leitores literários.

É evidente que os sentidos atribuídos ao texto literário são individuais, mas o compartilhamento, a conversa sobre a leitura da obra literária e discussões coletivas sobre seu conteúdo e estrutura, abrem portas para uma compreensão mais abrangente dele. O texto literário deve estar nas mãos do leitor escolar e a análise literária o convida a explorá-lo de diversas maneiras e o aproxima mais dele.

Sabe-se que a lacuna ocasionada pela ausência da leitura compromete todo o processo de ensino e aprendizagem da língua materna e de outras áreas do conhecimento. É evidente que um número considerável de escolas públicas sofre com a ausência de biblioteca escolar para desenvolver práticas da leitura. E sem acervo bibliográfico, incentivar a leitura se torna tarefa muito mais difícil, mas é preciso superar as dificuldades com a criação de outros mecanismos como empréstimos de livros, campanhas de doação e utilização de livros do próprio acervo do professor.

Para Girotto e Souza (2010, p. 47),

¹ Para íntegra do **Questionário Aplicado aos Alunos**, ver **Anexo 1**.

O professor precisa planejar e definir, intencionalmente, atividades cada vez mais complexas para que o leitor possa adquirir autoconfiança e, nesse processo, seja capaz de redefinir por si próprio as operações e ações na atividade de ler, constituindo-se aí a aprendizagem de estratégias de leitura.

Assim sendo, o planejamento com a organização de atividades cada vez mais elaboradas e planejadas e de uma seleção criteriosa do texto a ser lido constitui ponto importante para que o aluno possa ir descobrindo-se e aprimorando-se como leitor.

Entretanto, a proposta de leitura de obras literárias torna-se uma atividade desafiadora para o professor já que, nos dias atuais, as crianças e os adolescentes formam um público diferenciado com exigências particulares, principalmente, porque vivenciam a era digital, de informações rápidas e prontas a partir de um simples movimento na tela dos celulares e demais aparelhos eletrônicos. A realidade é que o livro perde cada vez mais espaço para aparelhos cada vez mais sofisticados. Talvez seja importante também utilizar dessas ferramentas digitais como aliados nas práticas de leitura, pois o mais importante é ler.

Nesse sentido, é necessário se pensar na importância da literatura infantojuvenil produzida no Brasil, de modo a se propor estratégias de leitura dessas obras destinadas a faixa etária do Ensino Fundamental. Para isso, deve-se refletir sobre algumas questões: Como fugir da rotina que se tornou o trabalho de leitura com o texto literário proposta pelos livros didáticos na escola? Como criar estratégias para atrair a criança e o jovem para o mergulho no universo literário? A resposta é óbvia: Com proposta de ações consistentes a fim de tornar a leitura literária na escola prática constante e significativa na escola.

A pesquisa realizada em escola pública revela dados que mostram o desconhecimento pela quase totalidade dos alunos das turmas do 7º ano da obra e do nome de Ana Maria Machado. Desse modo, para a execução do projeto de leitura, parte-se da seleção de duas obras dessa escritora brasileira, que já possui mais de cento e cinquenta títulos publicados, abrangendo obra infantil, juvenil e adulta de qualidade, e capaz de conquistar todo tipo de público. Trata-se de uma profissional interessada por questões relacionadas à leitura, e que procura trazer para sua obra assuntos e temas contemporâneos relevantes. Influenciada pela leitura da obra de Monteiro Lobato na infância, Ana Maria Machado acredita que

Todo leitor descobre um jeito diferente de conviver com os personagens a que se afeiçoa. Esse jeito é uma espécie de outro livro, que ele vai escrevendo em sua cabeça enquanto lê o que o autor escreveu. Daí nasce um convívio íntimo, que dura para sempre. Essa é a mágica e o grande mistério da leitura, um grande barato, um prazer imenso que nenhuma outra atividade pode dar (MACHADO, 2009, p. 140).

Desse modo, Ana Maria Machado veicula em suas obras valores, temas e questionamentos necessários e interessantes ao mundo infantil e juvenil na medida em que busca dar voz às minorias como índios, pescadores, animais, mulheres e às próprias crianças, que são suas personagens principais. Também utiliza uma linguagem extremamente cuidadosa, buscando aproximá-la do discurso coloquial, do oral, do cotidiano. Por outro lado, as personagens criadas pela autora, frequentemente, manifestam interesse e fascínio pela própria linguagem.

A proposta da leitura da obra infantojuvenil de Ana Maria Machado torna-se bastante relevante, uma vez que seus textos apresentam uma linguagem rica, poética e, ao mesmo tempo, simples e acessível à faixa etária dos alunos, além dos temas tratados se aproximarem bastante da realidade dessa clientela. Outro ponto positivo é que os livros propostos para a leitura também contam com ilustrações atraentes que convidam o leitor a adentrar no universo fascinante e mágico da leitura. Deve ser um direito de todos os alunos a leitura do texto literário de modo que possam aprender a pensar, a refletir, a libertar o pensamento e vivenciar o universo da fantasia presente nele.

É sempre uma tarefa difícil selecionar uma obra literária dentre tantas obras para o público infantojuvenil realizar leituras. Mas, levando em conta alguns critérios importantes como o de temas interessantes ao jovem leitor e o do desconhecimento de uma escritora como Ana Maria Machado por boa parte dos alunos, as obras selecionadas para a proposta de leitura foram: *Quem perde ganha* (5. ed. São Paulo: Global, 2008), dividida em três histórias em prosa poética com ilustrações de Cris Eich, e *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha* (São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005), adaptação do clássico de Miguel de Cervantes com ilustrações de Candido Portinari².

Desse modo, pretende-se, neste texto, além de se propor intervenção para amenizar as lacunas existentes em leitura literária dos alunos do 7º ano do fundamental e também refletir sobre questões que envolvem a leitura, a literatura e o ensino, além de destacar a importância da escritora brasileira Ana Maria Machado e de sua obra infantojuvenil.

O presente trabalho se encontra organizado em três capítulos. O primeiro deles está dividido em três blocos: o primeiro trata da importância da leitura e seus aspectos sociais e históricos, a leitura na prática escolar e o professor como mediador de leitura. O segundo bloco trata dos desafios do ensino de literatura, a literatura infantojuvenil e o clássico em sala de aula e a leitura na perspectiva do letramento literário. O terceiro trata da escolarização das

² Para **Sinopse das Obras de Ana Maria Machado** consideradas durante o projeto, ver **Anexo 6**.

instâncias da literatura infantojuvenil, a biblioteca escolar, o livro infantil e o livro didático. Já o segundo capítulo, trata do universo literário de Ana Maria Machado e uma breve análise dos livros selecionados para a intervenção. E o terceiro, finalmente, apresenta o projeto de intervenção para alunos do ensino fundamental, detalhando a metodologia utilizada e a análise de algumas páginas dos diários de leitura produzidos pelos alunos de modo a relacioná-los com as bases teóricas.

Para construir este trabalho utilizou-se como suporte teórico os estudos de Regina Zilberman (1996 e 2014) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), Ezequiel Theodoro da Silva (2011), Marisa Lajolo (2001 e 2004), Ana Maria Machado (2001 e 2002), Vítor Aguiar e Silva (1998-1999), Rildo Cosson (2014) e de Magda Soares (2011), entre outros autores.

Práticas de leitura do texto literário devem ser efetivadas na escola assegurando o desenvolvimento e crescimento intelectual e pessoal do ser humano. Desse modo, projeto de leitura, mais que relevante, é indispensável para o alunado poder ampliar seus horizontes e consolidar seu ingresso à cultura letrada, garantindo uma continuidade na política de formação de leitores do texto literário ao longo dos anos escolares.

2 O ENSINO DA LITERATURA E A FORMAÇÃO DO LEITOR

2.1 Leitura

A palavra leitura pode remeter a muitas acepções. Entre elas, podemos ter como exemplos: “**1** Atividade que consiste em compreender um texto escrito ou impresso depois de percebê-los pela vista ou pelo tato. **2** Aquilo que se lê. **3** Atividade que consiste em compreender ou interpretar qualquer tipo de signo”³. Nesse sentido, faz-se necessário explorar os sentidos de compreender e interpretar. Como atividade que implica compreensão ou interpretação, a leitura torna-se tarefa complexa, pois faz parte da existência humana. Segundo Silva (2011, p. 79),

Significa que o Homem ascende ao Ser, ou seja, preenche suas potencialidades, vem a ser, através da compreensão. A condição do homem de ser lançado ao mundo sem sua vontade vai depender de atos, orientados pela compreensão, que permitam ao homem objetivar e apropriar-se das coisas do mundo.

Compreender está relacionado a existência humana e ao uso da linguagem. Sendo a linguagem a capacidade humana que permite a comunicação e a expressão do pensamento, é fundamental que o indivíduo se aproprie de todas as suas formas.

Para Silva (2011, p. 81),

Ora, se o discurso (oral ou escrito) tem uma dimensão de expressão, que documenta a vida, ela exige também uma dimensão de recepção, que procura interpretar e compreender o que foi documentado. A expressão e a recepção geram situações de comunicação: ao falar e ouvir, o homem comunica-se ostensivamente com o outro na proximidade; ao escrever e ler, o homem comunica-se, na distância, com as expressões referenciais do mundo (documentos), inscritas por outro numa determinada obra.

A interpretação vai além da compreensão, significa estendê-la para significados mais amplos e depende, principalmente, das experiências e vivências do leitor. Então, exige que ele seja capaz de desvendar os sentidos não aparentes no texto, os implícitos. Desse modo, “o trabalho interpretativo revela-se como o desvelamento, elaboração e explicitação das possibilidades de significação do documento, projetadas pela compreensão. Em última análise, a interpretação descobre aquilo que a compreensão projeta” (SILVA, 2011, p. 83).

³ RAMOS, Rogério de Araújo (editor responsável). **Dicionário Didático de Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2011, p. 505.

Para Silva (2011, p. 89), a análise do ato de ler deve ser inserida, definitivamente, no contexto do diálogo existencial, em suas diversas formas. Entre estas, está a educação. Para o pesquisador, educação é o exercício da liberdade do homem para estruturar o seu projeto de existência, para viver os diferentes horizontes da cultura. Como um projeto que é capaz de transformar o homem e o mundo, a educação resulta no exercício de libertação, pois “no ato de libertar-se, isto é, de tomar consciência da sua necessidade é que o ato de ler passa a ganhar a sua significância maior e primeira” (SILVA, 2011, p. 90).

Desse modo, acredita-se que a educação inicial do homem bem como o papel de estímulo primeiro para a leitura deva ser da família. Segundo Lajolo (2001, p.7), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”, porém, infelizmente, nem todas as famílias tiveram ou têm a oportunidade de ter acesso aos livros e, por isso, o hábito não foi formado. Para Colomer (2007, p. 30), “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola”. Portanto, cabe a escola proporcionar ao aluno práticas de leitura consistentes, constantes e prazerosas, contribuindo, assim, para a formação de leitores capazes de posicionar-se diante do que leem, emitindo opiniões e participando conscientemente do meio em que vivem. “Ler é participar mais crítica e ativamente da comunicação humana” (SILVA, 2011, p. 47), sendo assim, é fundamental para a vida em sociedade.

2.1.1 Aspectos sociais e históricos da leitura

É consenso afirmar que a leitura é um ato indispensável para a formação da cidadania e para o homem compreender a vida, o mundo e as relações estabelecidas na sociedade. É, primeiramente, papel da família promover e estimular o contato da criança com o universo dos livros, seja contando histórias para elas dormirem, seja entoando canções de ninar ou mesmo levando-a a livrarias ou a feiras do livro.

A escola também tem um papel importante, nesse contexto, uma vez que precisa incentivar práticas de leitura em todas as etapas da vida escolar do indivíduo, mostrando a diversidade de gêneros textuais que circulam socialmente, com ênfase ao texto literário, de modo a ampliar o conhecimento de mundo, despertar a sensibilidade e ativar a imaginação dos alunos.

Para Zilberman (1988, p. 13), “a leitura como ato individual é resultado de um período determinado de escolarização”. Dessa forma, a escola tem responsabilidade de assegurar tal prática.

A autora ainda acrescenta que “o exercício da leitura depende do funcionamento e integração de, pelo menos, três fatores: o sistema da escrita, o processo de alfabetização e o conjunto de valores que postula a importância de a pessoa dominar o código escrito” (ZILBERMAN, 1988, p. 13).

Como o desenvolvimento da habilidade de leitura depende da escola, é importante que ela se efetive logo nos primeiros anos. A aquisição do sistema escrito da língua deve ser garantida pela escola de modo a possibilitar a inserção da criança no mundo letrado. Uma vez que o processo de leitura é complexo, deve-se ensinar a ler, gradualmente, para que o aprendizado inicial do indivíduo resulte em criação de expectativas e necessidades de leitura. Para tanto, é necessário fazer da sala de aula e dos demais espaços escolares um ambiente alfabetizador com textos de diversos gêneros, incluindo, desde cedo, os literários.

É evidente que, para as crianças que chegam à escola sem nenhum convívio ou familiaridade com a escrita e com a leitura, o processo é bem mais difícil. Essa clientela é, geralmente, oriunda de classes populares, menos privilegiadas da sociedade, o que implica em desvantagem em relação às crianças provenientes de classes mais altas. Com isso, a questão da leitura não é apenas de âmbito individual, mas também de natureza social e se complementa com uma dimensão histórica.

Entende-se por dimensão histórica da leitura a vinculação aos modos, motivações, meios e objetivos de ler ao longo do tempo, os quais sofreram e sofrem modificações para atender as necessidades, demandas e interesses sociais e políticos de cada povo e de cada época.

Segundo Zilberman (1988, p. 14), “foi no século XVIII que a leitura começou a incorporar as marcas de uma atividade definida por sua faceta social e por transformações de ordem tecnológica e institucional”.

A contribuição tecnológica para a leitura com a invenção da imprensa mecânica, no século XV, conferiu ao livro uma maior maleabilidade e acessibilidade, pois ele deixou de ser um objeto raro de difícil utilização para, paulatinamente, chegar ao alcance do maior número de pessoas que sabiam ler e se dedicavam aos estudos. Ocorreu também uma mudança fundamental no uso da língua literária com a expansão do vernáculo na literatura. Isso provocou novas formas de percepção, porque a circulação da linguagem passou a ser medida cada vez mais pela intervenção da escrita.

Com a Revolução Industrial e o aumento da produtividade das manufaturas para responder com eficiência ao crescimento do mercado consumidor, novas técnicas foram

postas à disposição das indústrias emergentes e, entre essas, encontrava-se a que se responsabilizava pela produção do material escrito.

Com as novas técnicas de reprodução, as tipografias puderam aumentar a tiragem das obras; as livrarias, viram crescer o volume das vendas; e os consumidores presenciaram o aparecimento e a consolidação de uma variedade notável dos meios de comunicação por escrito, como o livro, o jornal, o cartaz e o folhetim. Assim também se proliferaram diferentes gêneros a serem absorvidos por um público igualmente variado. Ao lado de modelos conhecidos de criação literária, como a poesia lírica e a novela, surgiram outros, como o folhetim e a literatura infantil, e reformaram-se terceiros, como o conto e a narrativa de aventuras.

Dessa forma, o livro e a literatura se vulgarizaram, mas, ao mesmo tempo, a leitura se popularizou, tornando-se uma prática usual entre as pessoas de diferentes classes sociais. Contudo, a distribuição da leitura não se deu de forma igualitária, por questões de preferência ou por disponibilidades econômicas e intelectuais dos eventuais consumidores das obras editadas.

Com a proliferação dos gêneros literários e não literários ocorreu a fragmentação do gosto com a expansão do romance, dirigido, principalmente, às mulheres; do jornal, visando aos homens de negócio; e da literatura destinada às crianças; porém, todos os grupos afinados com a burguesia urbana.

A leitura acabou, de certo modo, reproduzindo as divisões existentes no meio social e, então, assumiu uma conotação ideológica, estabelecendo uma distinção intelectual que reproduz papéis previamente verificáveis na sociedade. De um lado, os que leem e detêm o poder do conhecimento; do outro, os não leitores, geralmente de camadas populares, sem acesso ao mundo letrado e, por consequência, à literatura.

Segundo Zilberman (1988, p. 15), os produtos destinados à leitura visavam à burguesia por constituir uma classe letrada e por ela ter assumido a escolarização como necessidade geral a ser encampada pelo Estado e difundida em todas as parcelas da população.

Então, houve, novamente, a vinculação entre leitura e escola, pois o acesso à escola e a escolarização acabou por definir o caráter social da leitura. A partir do século XVIII, a educação se tornou um projeto coletivo, deixando de ser uma prática individual. O processo educativo passou por fases e por muitos métodos ao longo do tempo.

Entretanto, a mudança da concepção educacional para um processo coletivo contou com a contribuição de religiosos no movimento da Contra-Reforma. A companhia de Jesus

ofereceu o primeiro e maior contingente de professores que orientavam os indivíduos conquistados para as fileiras do Cristianismo: os índios da América e os orientais da Ásia. Constatou-se que esse sistema poderia ser utilizado também na Europa, no sentido de preparar as futuras gerações para exercerem suas funções sociais.

Zilberman (1988, p. 16) ressalta que, para que fosse superado o modelo da educação individual e particular da aristocracia, os burgueses recorreram à pedagogia dos jesuítas, porém adaptaram-na de acordo com seus interesses. Assim, o uso do vernáculo, a organização e a aquisição do conhecimento foram tomando corpo e ganhando força e a competitividade foi transferida para o âmbito da educação.

E, na base desse processo, estava a alfabetização, logo, o conhecimento passou a depender cada vez mais do ato de ler. A leitura só era obtida na escola, portanto, houve a necessidade de ampliar o sistema de ensino para torná-lo obrigatório e valorizar seus resultados. Em consequência, a escola passou a ser uma instituição com a qual a leitura vinculou-se para sempre. Como resultado dessa expansão, houve a multiplicação do número de leitores. A escola forneceu leitores para o mercado, ampliou a qualificação do indivíduo e a leitura passou a ser vista como elemento de ascensão social, mas ao mesmo tempo foi alvo de críticas e censuras quando veiculava leituras não recomendadas.

Essa dualidade se deslocou ao livro. Ele também passou a ser encarado de modo dúbio – valorizado, quando emite saberes e posições socialmente aceitos; – degradado, quando reconhecida sua condição de mercadoria; – censurado, quando investe contra ideias e sistemas dominantes (ZILBERMAN, 1988, p. 16).

Então, de acordo com a autora, entre os tipos de livros e de leituras, percebem-se esses dois aspectos, o de elevar e o de rebaixar. O primeiro depende de instituições como a universidade e a crítica literária. O segundo está relacionado à cultura de massa, em particular, à literatura trivial. Porém, essas caracterizações e avaliações são suspeitas.

Novamente, Zilberman (1988, p. 17) destaca que a alternativa foi confiar à escola a tarefa de recuperar o equilíbrio, que, segundo a autora, transferiu a ela essa dualidade, a de se confirmar enquanto lugar de transmissão de ideologia na qual a aquisição do saber é o passaporte para a ascensão social e, de outro lado, escolher alterar seu modo de ação, deixando de ser reprodução da classe dominante e responder às necessidades dos grupos emergentes.

De uma forma ou de outra, a relação entre livro/leitura e escola/aluno-leitor é evidente uma vez que a leitura e a escola são portas de entrada para o acesso à cultura letrada.

Evidentemente que para a escola nem sempre é tarefa fácil estabelecer propostas de estímulo a ler, porém, como instituição formadora, não pode deixar de cumprir importante papel de mediadora de atividades de leitura.

Independente do rótulo recebido e dos problemas que enfrenta, a escola deve assegurar aos alunos a aquisição e prática da leitura, objetivando viabilizar uma atitude de escolha e de transformação social.

2.1.2 A leitura na prática escolar

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 49-51), no processo de leitura de textos escritos, é importante que o alunado alcance os seguintes objetivos:

Selecione textos segundo seu interesse e necessidade; leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade; receba textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor; troque impressões com outros leitores a respeito dos textos lidos, posicionando-se diante da crítica, tanto a partir do próprio texto como de sua prática enquanto leitor, compreenda a leitura em suas diferentes dimensões: o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler; desenvolva a capacidade de aderir ou recusar as posições ideológicas que reconheça nos textos que lê.

Dentre esses inúmeros objetivos que a escola deve dar conta, é necessário estabelecer critérios de prioridade a serem alcançados ao longo dos anos escolares. O que é realmente importante para cada etapa do desenvolvimento da criança? Como conseguir essa autonomia em relação à leitura? Como transformar a prática de leitura na escola em momentos prazerosos e significativos?

Diante desses desafios, acredita-se que para se atingir os objetivos a que se referem os Parâmetros Curriculares Nacionais, a escola deve estar em processo permanente de estudo por parte dos professores e de construção de propostas e práticas inovadoras em relação a formação de leitores.

A leitura é o processo complexo de interação no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, o que leva em conta seus objetivos, seus conhecimentos prévios sobre o autor, sobre o tema e sobre a linguagem. Não se trata de um simples processo de decodificação de letras e de palavras.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 69-70),

Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

O leitor competente é capaz de fazer inferências e, a partir do que está explícito e do implícito, relacionar com seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 70) apontam que

O terceiro e quarto ciclos têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior. Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais.

O terceiro e quarto ciclos compreendem os anos do ensino fundamental e são responsáveis por desenvolver a autonomia dos alunos em relação à leitura. Desse modo, o desenvolvimento de práticas de leitura consistentes de textos mais complexos e integrais pode resultar em conquista e formação do leitor.

Para considerar a diversidade dos gêneros, as atividades organizadas para a prática de leitura devem se diferenciar, sob pena de trabalharem contra a formação de leitores. Além disso, se os sentidos construídos são resultados da articulação entre as informações do texto e os conhecimentos ativados pelo leitor no processo de leitura, o texto não está pronto quando escrito, portanto, a maneira de ler é também uma maneira de construir sentidos.

É importante nesses ciclos expandir os procedimentos utilizados nos ciclos anteriores e considerar as obras apreciadas pelo aluno. A escola deve construir relações entre textos de entretenimento e textos mais complexos, estabelecendo as ligações necessárias para ascender a outras formas culturais.

Para ampliar os modos de ler, é necessário o aluno descobrir ou perceber com a mediação do professor ou de outro leitor; que ele deve partir da leitura mais ingênua do texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura.

Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de

leitura. A seguir, encontram-se apresentadas algumas dessas condições, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 71):

A escola deve dispor de uma biblioteca em que sejam colocados livros à disposição dos alunos, inclusive para empréstimo, textos de gêneros variados, materiais de consulta nas diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas, entre outros. É desejável que as salas de aula disponham de um acervo de livros e de outros materiais de leitura. Mais do que a quantidade, nesse caso, o importante é a variedade que permitirá a diversificação de situações de leitura por parte dos alunos. O professor deve organizar momentos de leitura livre em que ele próprio leia, criando um circuito de leitura em que se fala sobre o que se leu, trocam-se sugestões, aprende-se com a experiência do outro. O professor deve planejar atividades regulares de leitura, assegurando que tenham a mesma importância dada às demais. Ler por si só já é um trabalho, mas não é preciso que a cada texto lido se tenha um conjunto de tarefas a serem realizadas. O professor deve permitir também que os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás.

A realidade de muitas escolas públicas é bem distante do que preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, pois não há uma infraestrutura mínima adequada para efetivar o que é necessário em termos de leitura.

Sabe-se, porém, que a leitura como prática cotidiana é fundamental para a formação da cidadania e para a inserção do indivíduo à sociedade letrada em que vivemos. Contudo, não é algo tão simples. Para Jouve (2002, p. 17), a leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções e que envolve cinco dimensões: a neurofisiológica, a cognitiva, a afetiva, a argumentativa e a simbólica. Dentre essas, a afetiva é decisiva, pois envolve as emoções, a inquietude, a simpatia do leitor, que são fundamentais no processo de identificação com o texto, podendo tornar a leitura muito mais prazerosa.

O ato de ler na escola não tem ocorrido na mesma proporção em que aumentam o número de publicações destinadas ao público infantojuvenil. No entanto, nem sempre a quantidade está atrelada a qualidade. É preciso assegurar práticas efetivas de leitura na escola, observando os objetivos e a atualidade das obras literárias selecionadas.

Então, que caminhos as ações docentes devem percorrer para cumprir a expectativa de uma parcela importante da sociedade? Silva (1988, p. 63) também aponta questões pertinentes ao ensino de leitura, entre elas, como e por que ensinar leitura na escola? Que objetivos para práticas de leitura devem ser traçados pela escola para que ela consiga formar leitores capazes de participar conscientemente e ativamente na sociedade em que estão inseridos? Essas são algumas indagações decisivas para se repensar o papel da leitura na escola, uma vez que os resultados não têm sido satisfatórios em âmbito local e nacional.

Para Silva (1988, p. 64), é importante que uma nova proposta para o ensino de leitura deva ter coerência e consistência entre fins e meios, entre teoria e prática, entre discurso e ação.

O pesquisador acrescenta que

A questão das finalidades das práticas de leitura é essencial à construção de uma nova pedagogia de leitura (...). Se aceitarmos a educação de leitores críticos e criativos como finalidade primordial dos trabalhos com leitura escolar, então deveremos verificar as suas implicações na esfera dos conteúdos e das metodologias de leitura (SILVA, 1988, p. 64).

A mudança de metodologia passa por uma mudança de mentalidade dos professores, pela efetiva construção de proposta metodológica inovadora e formação continuada desses profissionais, sem as quais não é possível uma transformação nas ações pedagógicas junto aos alunos.

Ler para pensar, ler para enriquecer ideias, ler para gostar de ler, ler para compreender o que lê, de modo a participar de forma crítica e dinâmica do mundo da escrita, construindo opiniões diante da realidade social, devem ser os objetivos perseguidos por todos os professores, e para atingi-los, é necessário fazer escolhas: Que textos e que autores devem ser lidos pelos alunos? Textos clássicos, temas universais, autores consagrados, textos com qualidade indiscutível, temas atuais, autores novos. São muitas produções imprescindíveis para ler. Essa escolha é um posicionamento político do professor, pois, a partir da seleção dos textos ou livros propostos para a leitura, será possível haver o exercício crítico dos temas que dizem respeito às questões que permeiam a vida do homem.

É claro, também, que os textos propostos devem estar em sintonia com os interesses do alunado, de modo a possibilitar a instauração do diálogo ou da interação discursiva com o leitor.

O cunho político da escolha dos textos e dos autores a serem lidos pelos alunos impõe ao professor a necessidade também que ele seja leitor crítico e consciente, e seu posicionamento repercute positiva ou negativamente na vida do aluno uma vez que este tem na figura do professor um modelo a ser seguido. Instaurado o hábito da leitura, os próprios alunos poderão escolher livremente o que irão ler de modo a ampliar seus gostos literários.

É necessário conhecer as necessidades, as inquietações e os desejos dos alunos-leitores para que se possa planejar um conjunto de ações de leitura que envolva toda a comunidade escolar. Segundo Silva (1988, p. 66), “o estatuto de criticidade da leitura pode ser conseguido através da organização de dinâmicas pedagógicas que permitam aos leitores trabalhar com

três movimentos de consciência: o constatar, o cotejar (refletir) e o transformar”. Essas dinâmicas devem atizar a curiosidade dos alunos, de modo que possam constatar significados presentes no texto, refletir sobre eles e transformar os sentidos em outros resultantes de sua experiência leitora.

No processo de interação com o texto, o leitor efetua um trabalho solitário de busca de significados que o texto pode veicular e, para isso, utiliza sua história e experiências anteriores.

Os dois momentos mais ricos da leitura são o cotejo e a transformação que devem ser priorizados através de um processo aberto e partilhado, de modo que se possa compreender os sentidos do texto. De acordo com Silva (1988, p. 66), esse aspecto tem sido eliminado por muitos professores que seguem como prática o uso exclusivo dos livros didáticos, pois os leitores são obrigados a reproduzir os significados já constatados pelo professor e/ou pelo livro didático. Esse tipo de leitura do texto acaba por transformá-la em uma tarefa rotineira e estafante, o que vem comprometendo sobremaneira o desempenho dos alunos quanto à compreensão dos textos lidos. Nesse sentido, é importante o professor de língua portuguesa ter consciência de seu papel e compromisso com a mediação do processo de leitura de seus alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 72-74) apresentam sugestões didáticas orientadas especificamente para a formação de leitores, entre elas, os tipos de leitura: leitura autônoma, colaborativa, compartilhada, em voz alta, programada e de escolha pessoal.

Há muitas formas ou tipos de leitura, no entanto, segundo Machado (2001, p. 119), “exemplo e curiosidade – são os dois pés sobre os quais deveria caminhar a descoberta da leitura”. Cabe ao professor dar bons exemplos de leitura, sendo ele leitor e responsável por continuamente instigar a curiosidade para que os alunos encontrem seu próprio caminho como leitores autônomos.

2.1.3 O professor-mediador de leitura

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 22), o ensino de Língua Portuguesa na escola pode ser considerado como resultante da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino.

Nessa tríade, o aluno é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento (tudo que, sendo observável pelo sujeito, torna-se foco de seu esforço de aprender). O segundo elemento é a língua (o objeto de conhecimento). Trata-se da língua

tal qual se fala e escreve fora da escola, a que está presente nos textos escritos que circulam socialmente e a que se usa em instâncias públicas. O terceiro elemento da tríade, o ensino, é concebido como a prática educacional que organiza a mediação entre sujeito (aluno) e objeto do conhecimento (a língua).

É importante ressaltar que essa mediação só ocorrerá se

O professor planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno. Ao assumir o seu papel de informante e de interlocutor privilegiado, o professor, consciente de sua responsabilidade, prioriza os temas e assuntos a serem trabalhados em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (PCNs, 1998, p. 22).

Entretanto, muito tem se falado em relação ao problema do professor de língua portuguesa: para alguns está relacionado a lacunas em sua formação, enquanto para outros, está relacionado ao fato dele não ser leitor. Como ser mediador de leitura sem ler? É incoerente, improvável e inadmissível.

Segundo Lajolo (1988, p. 29), “faz tempo que não se sabe qual é a formação necessária ao professor de língua materna e que também não se sabe o que ele deve formar”. Ora, se não há clareza quanto à formação necessária do profissional e nem do que ele deve formar, torna-se ainda mais difícil e mais complexo o processo de formação de leitores na escola.

Mas é necessário e urgente ser questionado: Qual o papel do professor de língua materna e o que ele deve formar? Leitor crítico ou reproduzidor de ideias já concebidas? No bojo dessa discussão, deve estar clara a importância do papel do professor de língua portuguesa na formação de leitores de literatura desde os primeiros anos escolares.

De acordo com Lajolo (1988, p. 32),

O professor de Língua Portuguesa deve dispor de uma noção ampla de linguagem, que inclua seus aspectos sociais, psicológicos, biológicos, antropológicos e políticos. Ele deve estar familiarizado e ser usuário competente da modalidade culta da Língua Portuguesa. Deve também estar familiarizado com uma leitura bastante extensa da Literatura Brasileira e Portuguesa. Frequentador assíduo dos clássicos, sua opção pelos contemporâneos, pelas crônicas curtas ou pelos textos infantis deve ser, quando for o caso, mera preferência. Deve estar, sobretudo, familiarizado com a história do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira.

São muitos os pré-requisitos para ser professor de língua portuguesa o que exige comprometimento e uma formação consistente e constante. Infelizmente, essas características

e formação necessárias ao professor parecem se distanciar da realidade de grande parte dos profissionais das escolas públicas brasileiras. Essas lacunas na formação do professor deixadas ao longo do tempo vêm comprometendo sobremaneira a adequada aprendizagem da língua materna e a apropriação significativa dos textos literários pelos alunos.

Para Lajolo (1988, p. 32), a inclusão da disciplina Literatura Infantojuvenil nos currículos de formação de professores, embora não faça milagres, torna-se necessária, talvez até indispensável. Outro aspecto levantado pela pesquisadora é a compreensão de que a literatura infantojuvenil é um produto tardio da pedagogia escolar, e que só se tornou uma necessidade no momento em que a sociedade, através da escola, precisou dela para burilar e fazer cintilar as lições de moral e bons costumes que as crianças do mundo moderno começaram a aprender.

Também é ressaltado por Lajolo (1988, p. 33) que a noção de criança se altera com o tempo e cumpre ao professor de língua portuguesa entender que cada criança é diferente e se comporta de acordo com cada momento histórico que vivencia. O professor necessita estar informado e atualizado sobre as questões de todos os momentos históricos, principalmente, do vivenciado pelos alunos.

O mais grave, segundo Machado (2001, p. 123), é que “a formação do professor a quem cabe facilitar o encontro entre o jovem e o livro, normalmente, se fez sem que ele ou ela, pessoalmente, tenha tido esse encontro”. Sem esse encontro professor-literatura/literatura-professor, torna-se bem mais difícil e até mesmo impossível para o mesmo mediar o encontro aluno/leitor-livro, uma vez que ele próprio ainda não teve o encantamento, a descoberta, o prazer de ler.

Machado (2001, p. 124) insiste na necessidade de se buscar meios de facilitar a imersão do professor em leitura boa, para si mesmo, de coisas prazerosas e situações atraentes e que despertem sua paixão de ler. Prioritariamente, as escolas formadas de professores, nos diversos níveis, devem incluir literatura em seus programas curriculares. São sugestões da autora, uma experiência inglesa de leitura silenciosa contínua, em que num certo horário na escola todos leem, sem qualquer cobrança – desde a diretora ao porteiro; criação de clubes de leitura para os docentes, sala de leitura específica para professores, nas escolas, com estante cheia de bons livros; concursos para funcionários leitores de literatura, com prêmios atraentes como viagens, etc.

Entretanto, existem professores que descobrem a paixão pelos livros e têm consciência de seu papel na sociedade e compromisso com seus alunos. Profissionais dispostos a propor metodologias inovadoras e contribuem com a aproximação e acesso do alunado com o livro e

a leitura, principalmente de textos literários e de autores consagrados pelo público e pela crítica. Nesses casos, o êxito de uma metodologia de leitura pode estar intimamente ligado à postura, à sensibilidade e à perspicácia do professor que a conduzirá de modo que os alunos sejam conquistados através desse modo de atuar.

Silva (1988, p. 67) concebe “metodologia de ensino e didática como campos abertos, dinamizados pela imaginação criadora, sensibilidade e perspicácia do professor”. Segundo o autor, “não são as crianças que devem se adequar aos métodos, mas os métodos se adequarem às necessidades reais das crianças” (SILVA, 1988, p. 67).

Os métodos estão relacionados à forma de ensinar, ou seja, de criar situações específicas de aprendizagem, as quais devem corresponder aos interesses, necessidades e expectativas das crianças. Isso se dá através do diálogo, da interação professor-aluno e de aproximação e de conquista e de como esse professor estabelece o diálogo, a interação entre texto-aluno.

Para Silva (1988, p. 67), os professores devem considerar no desenvolvimento de qualquer atividade de leitura, que os leitores devem ser conduzidos à constatação, reflexão e transformação dos significados, a partir de temas específicos e bem sequenciados.

Para tanto, o professor deve observar o tempo e o espaço adequados para os leitores se expressarem e compartilharem dos significados a que chegaram durante e após a interação com os textos. É atribuição do professor dar voz aos alunos para que estes possam falar acerca de questões envolvendo o texto, além de conduzir e sistematizar as ideias geradas por eles, e também de fornecer outros significados que os leitores, por suas limitações, não conseguiram captar.

O processo da leitura deve ser percebido como um enriquecimento mútuo, professor e alunos concretizando circuitos de leitura de forma dinâmica e prazerosa em sala de aula e na escola como um todo.

2.2 Literatura

2.2.1 Ensino de literatura e seus desafios

É preocupante o caminho que o ensino de literatura tem tomado nas aulas de língua portuguesa, pois não vem conseguindo ao longo do tempo modificar o baixo nível de leitura dos alunos tanto no ensino fundamental como no médio. Prova disso são os números bastante elevados de analfabetismo funcional no Brasil. De acordo com o Índice de Analfabetismo

Funcional (INAF), medido pelo Instituto Paulo Montenegro, o Brasil tinha, em 2007, na população de mais de 15 anos de idade, 32% de analfabetos funcionais. É um número bastante alto e se configura em um dos grandes desafios do sistema escolar brasileiro.

Diante dessa realidade brasileira, jovens frequentam regularmente as escolas, mas não conseguem interpretar, compreender as ideias de um texto. Sendo assim, saem da escola incapazes de relacionar fatos, questionar ideias, refletir sobre problemas que fazem parte do seu próprio cotidiano e reconhecer a importância da literatura como fonte rica de representação do pensamento humano.

E o que a escola vem fazendo para mudar esse quadro? O professor continua repetindo modelos antigos e cansativos de leitura silenciosa, estudo de algumas questões sobre o texto e proposta de escrita sobre o gênero lido – práticas que têm cansado o alunado e ocasionando nele uma certa rejeição e aversão à leitura. É importante que a escola reveja essas práticas e se reconheça como parte importante no processo de valorização do texto literário; que professores, especialmente, de língua portuguesa, percebam sua importância no processo de formação de leitores do texto literário na escola.

É fato também que a literatura se efetiva através da leitura e está relacionada aos inúmeros objetivos de quem lê. Dentre os quais, pode-se citar: entreter-se, emocionar-se, conhecer novos mundos, novas culturas e compreender os sentidos e as intenções do texto.

Assim, a leitura como prática social estabelece uma relação de interação entre escritor e leitor, através do texto. É claro que ler um texto de jornal e ler um texto literário são práticas bem distintas, pois a obra literária exige que o leitor acione estratégias diferenciadas que envolvem vários níveis de conhecimento de mundo, de escrita e de linguagem.

Como a relação do indivíduo com o mundo se dá, essencialmente, através da linguagem, é importante que o indivíduo se aproprie dela e de todas as suas múltiplas formas. Dentre as quais, merece destaque a literária, que, fundamentalmente, constitui o texto literário. Por ser diferenciada da utilizada pelos outros gêneros textuais, a linguagem literária se caracteriza por uma forma especial de organizar e utilizar as palavras a fim de que adquiram novos e amplos significados.

Em função de seu caráter obrigatório, a leitura literária na escola tem sido foco de discussões e reflexões, pois como prática leitora que objetiva apenas avaliação através de provas, trabalhos e exames, o texto literário perde sua significância e seu valor para o aluno. Desse modo, surge a necessidade de se repensar tal prática a fim de se transformá-la em atividade interessante e instigante de forma que conquiste o alunado e o leve a atribuir as atividades leitoras a importância que ela tem.

De acordo com Rildo Cosson (2014, p.16), “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”.

Para que ocorra o desenvolvimento das potencialidades da escrita, é essencial que a escola proporcione a seus alunos não apenas o acesso, o contato com a obra literária, como também possibilite a eles a construção do sentido do texto efetivada pela sua compreensão. É através desse entendimento que a literatura pode proporcionar ao ser humano realizar reflexões sobre si mesmo, sobre temas universais e sobre sua relação com o mundo.

Candido (1982, p. 249) ressalta:

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. Não que a literatura modifique imediatamente o mundo em que vivemos, mas, ao menos, ela aprofunda e inquieta a sensibilidade do leitor para uma vida que pode sempre ser humanamente modificada.

Portanto, a importância do desenvolvimento da quota de humanidade citada por Candido (1982, p. 249) só pode ser obtida através da aproximação do texto literário com o leitor em uma sociedade letrada, na qual já são estabelecidas cotidianamente práticas de leitura e escrita. Essa aproximação pode estar relacionada à forma como a obra literária é vista e acolhida pela comunidade, assim como pelo valor dado ao livro e sua relevância em suas vidas.

Em seu texto “Manifesto por um Brasil literário”, Bartolomeu Campos de Queirós (2014, p. 131-132) assim se posiciona sobre o assunto:

Reconhecemos como princípio o direito de todos participarem da produção literária. É no mundo possível da ficção que o homem se encontra livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia.
(...)
A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços que convive (QUEIRÓS, 2014, p. 132).

Esse reconhecimento de um direito passa por uma política de leitura na escola. A educação literária torna possível o processo de aproximação do aluno com o universo literário e todas as nuances provenientes desse contato. Entre elas, a reflexão, o mergulho na fantasia e na linguagem que caracteriza esse texto.

O direito à literatura ainda não é regido por lei, nem consta como prioridade nos currículos escolares, mas é uma necessidade intrínseca do indivíduo adentrar ao mundo do

conhecimento, uma vez que a leitura dos textos literários é tão importante na vida do ser humano quanto outras questões relativas aos aspectos sociais e históricos. Na escola, assim como na vida, os alunos são influenciados pela postura, pelo comportamento dos adultos com os quais convivem. É responsabilidade do professor auxiliar os alunos na compreensão dos objetivos e da necessidade da leitura literária, não somente no cotidiano escolar como também fora da escola.

Ana Maria Machado (2001, p. 77) também aponta nesse sentido de que todo cidadão tem direito de ter acesso à literatura e de descobrir como partilhar de uma herança humana comum. Como direito, a leitura literária deve ser compromisso compartilhado com todos e em todos os níveis escolares. A escola, de um modo geral, não vem se preparando adequadamente para abraçar como um de seus propósitos a formação do leitor, principalmente, nos dias atuais em que o aparato tecnológico vive o seu apogeu. Nessa concorrência celular *versus* livro (texto literário), é preciso priorizar e unir forças para que a leitura seja tão prazerosa e instigante quanto o mais moderno aparelho eletrônico.

Sabe-se que ainda há sérias resistências ao uso de novas tecnologias em salas de aula, ainda que elas estejam presentes no cotidiano social. A escola como espelho das mudanças que ocorrem na sociedade não deve ficar afastada da inclusão das novas tecnologias em seu espaço.

Nesse caso, há duas questões a serem levantadas sobre o tema: a primeira refere-se à utilização de E-books e CD-Rom como instrumentos de leituras literárias; a segunda, consideram-se os espaços escolares, como a sala de informática, servindo de apoio para ampliações das leituras realizadas em salas de aula. A realidade de algumas escolas públicas não contempla nenhuma das duas possibilidades.

A sociedade atual é apressada, quase sem tempo para nada, convive com muitas imagens, textos curtos, mensagens quebradas e excesso de informações rápidas e confusas, mas pobre de significações. Assim, momentos de leitura, de fruição, de busca por detalhes, por frases bem construídas, de lentamente ir se apropriando das partes do texto, de releituras de pedaços até chegar ao todo, também são importantes para o enriquecimento pessoal do indivíduo.

Em relação a esse prazer de ler, Machado (2001, p. 123) alerta:

Prazer de ler não significa apenas achar uma história divertida ou seguir as peripécias de um enredo empolgante e fácil – além dos prazeres sensoriais que compartilhamos com outras espécies, existe um prazer puramente humano, o de pensar, decifrar, argumentar, raciocinar, contestar, enfim: unir e confrontar ideias diversas. E a literatura é uma das melhores maneiras de nos encaminhara esse território de

requintado prazeres. Uma democracia não é digna desse nome se não conseguir proporcionar o acesso à leitura de literatura.

Deve-se ressaltar que esse prazer de pensar, que só pode ser vivido pelo homem, é ampliado por outras ações igualmente importantes, como formar e emitir opiniões, relacionar fatos e ideias, contestar, discutir temas, conversar sobre a leitura do texto literário com outros gêneros textuais. Esse prazer deve ser conquistado e valorizado pela escola, que deve assegurar o acesso à literatura para todos os alunos.

Silva (1998, p. 23) acrescenta ainda mais a definição ao colocar que

O texto literário – mais propriamente, o texto poético – desempenha, ao longo de toda a história do Ocidente, um papel preeminente na formação escolar, educativa e cultural dos jovens e não existem razões substantivas para que se altere significativamente, e muito menos para que se abandone essa herança multissecular.

A riqueza da linguagem, dos recursos expressivos, da inventividade, da fantasia, presentes no texto literário, tem formado gerações ao longo do tempo e da História, por isso devem ser alvo de continuidade de estudos e análises com um trabalho sério e sistemático dentro das escolas, principalmente, nas aulas de língua portuguesa. Para Silva (1988, p.24), Língua e literatura são indissociáveis, pois uma depende da outra para se realizar. Essa relação intrínseca de interdependência entre língua e literatura resulta em completude de importância para a formação integral do jovem.

Para o professor Silva (1988, p. 24), “o texto literário deve ser o núcleo da disciplina de Português, como a praça maior dessa cidade, como a manifestação por excelência da memória, do funcionamento e da criatividade da língua portuguesa”. Ainda segundo o mesmo autor (1998, p.24), “não se pode ensinar a língua sem o estudo da poesia, não se pode ensinar a poesia sem o estudo da língua”. São pontes que se ligam e se completam.

A questão da centralidade do texto literário está intimamente ligada ao aspecto criativo da linguagem. É claro que a escola também pode e deve ser palco de uma diversidade de gêneros textuais, uma vez que a sociedade é constituída dessa pluralidade textual. No entanto, o texto literário como o centro das aulas de língua portuguesa pode e deve conversar com os demais textos, estabelecendo uma rede de relações intertextuais, de modo a contemplar todos os saberes e vivências de uma cultura plural.

Os critérios de seleção desses textos, segundo os PCNs (1998, p. 7), devem levar em consideração os níveis de desenvolvimento linguístico, psicológico, cognitivo, cultural e estético dos alunos. Porém, é de fundamental importância, que o professor conheça seu aluno,

sua realidade, necessidades e dificuldades, para que sua intervenção mobilize questões que venham a acrescentar motivos para se ler. Além disso, de acordo com Silva (1988, p. 25),

Devem ser textos de grande qualidade literária, isto é, no sentido mais lídimo da expressão, textos canônicos: textos modelares pela utilização da língua portuguesa, pela beleza das formas, pela densidade semântica, pela originalidade, pela riqueza e pela sedução dos mundos representados.

A prática pedagógica centrada apenas nos livros didáticos limita o acesso do aluno a esses textos, uma vez que na maioria das vezes esses exemplares reduzem aos mesmos títulos e mesmos autores ou selecionam equivocadamente os textos a serem lidos pelos alunos. Nesse sentido, ao longo dos anos escolares, devem ser lidos textos de uma qualidade estético-literária relevante e representativa de diversos gêneros literários. O professor, como leitor privilegiado e conhecedor de tais obras literárias, incluindo, os cânones, deve realizar a seleção criteriosa tendo em mente os objetivos da leitura.

Deve ser assegurada também a articulação do texto literário com textos de outras linguagens para que o aluno tenha condições de relacioná-las, observando semelhanças e diferenças e com a finalidade de enriquecê-lo culturalmente e historicamente como cidadão.

A formação e o desenvolvimento da sensibilidade e do gosto estético não são um luxo, um privilégio ou um adorno supérfluo, aristocrático ou burguês, pois que constituem uma dimensão primordial e constante, antropológica e socialmente, do homem (SILVA, 1998, p. 26).

O desenvolvimento da sensibilidade e do gosto estético faz parte também de um processo de aprendizagem, na qual os homens estão em constante convívio e, dessa convivência, busca-se a construção de saberes capazes de tornar a vida um acúmulo de saber, de prazer e de experiências. É a partir de momentos prazerosos que se vai desenvolvendo o valor do aprender e do descobrir-se enquanto ser pensante.

A escola pública, com sua clientela diversificada de crianças e adolescentes oriundos das variadas classes sociais e, por vezes, carentes de uma soma de bens culturais e artísticos, necessita redefinir suas metas para garantir a seus alunos o conhecimento necessário à sua formação.

Mesmo que os textos literários sejam representativos de uma determinada época, de um momento histórico específico e uma cultura distanciada da realidade social, geográfica e histórica dos alunos, eles devem ser tomados como centro do ensino-aprendizagem de modo a privilegiar sua leitura, análise, interpretação e valorização.

Para contribuir mais com as reflexões sobre o papel da leitura do texto literário nas escolas, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental (1998, p. 26) preconizam a ideia de que

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Ele não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua.

Como forma de representar de representar de uma forma diferenciada às experiências humanas, o texto literário ultrapassa o sentido comum da linguagem, pois media relações de sentidos entre o homem e o mundo através do caráter ficcional que veicula.

Sobre a questão da representação da realidade da literatura, Ribeiro (2000, *online*) diz que

O real da Literatura é, então, um processo que envolve atores historicamente situados em contextos sociais claramente definidos. O real Dom Quixote é aquele que se instaura a cada ato de leitura. Para cada leitura haverá um Dom Quixote que é diferente, sem deixar de ser essencialmente o mesmo.

Isso significa que a realidade pode ser construída e reconstruída a cada ato de leitura. Cada leitor, dependendo de sua história e cultura atribui a leitura uma significação diferenciada e única. Assim sendo, é importante pensar em alguns pontos: ensinar o texto literário na escola com quais objetivos?

Pensar os objetivos para a leitura do texto literário é fundamental para o desenvolvimento das atividades propostas no espaço escolar, pois é a partir deles que pode ser determinada a metodologia, que está intimamente relacionada com que material de literatura (obras) utilizar.

Ribeiro (2000, *online*) refere-se ao assunto:

Estudar Literatura e ensiná-la – se é que isto é possível e, mesmo desejável, – significa mergulhar decididamente em minha história, em minha sociedade, em minha cultura e em minha própria identidade, como pessoa e como cidadão. É uma busca alucinada do sentido da vida e da sociedade, num diálogo apaixonado com os que ousaram, antes de mim, a difícil travessia.

Por se tratar de uma experiência particular, mas ao mesmo tempo cultural, o ensino de Literatura na escola deve ser pautado, sobretudo, em critérios muito bem definidos para ela. Rezende (2013, p. 106) considera desejável ir do ensino de literatura para a leitura literária,

pois o ensino centra-se no professor, enquanto a leitura, no aluno. Isso implicaria em uma mudança de concepção educativa. A autora defende que acompanhar o processo de aprendizagem do aluno e dar a ele o tempo necessário é mais importante do que cobrir uma lista de conteúdos previamente definida.

Como prática social, a leitura da obra literária sugere, antes de tudo, um movimento de identificação: lemos o que gostamos de ler, seja porque temos um gênero preferido – suspense, policial, romance, poesia, crônicas, etc. – seja porque recebemos indicação; também porque a obra faz sucesso, ou então porque queremos reler... (REZENDE, 2013, p.107-108).

A leitura literária não-obrigatória, resultada de um processo de identificação entre leitor e texto, deve ser atividade incentivada na escola, apesar de suas limitações e outras necessidades. Observa-se que a prática escolar vem cometendo grandes equívocos em relação a essa leitura descomprometida. As práticas leitoras impositivas são realidade em todos os níveis de ensino, entretanto, é imprescindível encontrar caminhos, tempo e espaço para práticas que privilegiem a leitura literária como fruição e momento de reflexão.

Entre tantos motivos por que ensinar literatura, Perrone-Moisés (2006, p. 27) aponta:

1) porque ensinar literatura é ensinar a ler, e sem leitura não há cultura; 2) porque os textos literários são aqueles em que a linguagem atinge seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação; 3) porque a significação, no texto literário não se reduz ao significado (como acontece nos textos científicos, jornalísticos, técnicos), mas opera a interação de vários níveis semânticos e resulta numa possibilidade teoricamente infinita de interpretações; 4) porque a literatura é um instrumento de conhecimento e de autoconhecimento; 5) porque a ficção, ao mesmo tempo que ilumina a realidade, mostra que outros mundos, outras realidades são possíveis, libertando o leitor de seu contexto e desenvolvendo nele a capacidade de imaginar, que é um motor das transformações históricas; 6) porque a poesia capta níveis de fruição e de expressão da realidade que outros tipos de texto não alcançam.

Há muitas razões para a efetivação do ensino de literatura nas escolas brasileiras no intuito de garantir a inclusão social de crianças e jovens ao universo literário. Não se pode privar os alunos de qualquer esfera social do convívio e apropriação da arte literária nas escolas sob pena de comprometer aspectos fundamentais de sua formação.

2.2.2 Os clássicos para a infância: primeiros contatos

As primeiras experiências de leitura na vida de qualquer pessoa são sempre marcantes. Seja para se emocionar, para aprender, para se divertir, para passar o tempo, a leitura sempre

transforma vidas. Para alguém que está iniciando no universo literário, é importante a orientação de um leitor mais experiente: no caso da família, os pais; no caso da escola, os professores.

É também igualmente importante para a formação de qualquer criança ouvir histórias. Escutá-las é o primeiro passo para a formação do leitor. Ler histórias para crianças é abrir a porta para o mundo da imaginação, do divertimento, da linguagem... E é assim ouvindo histórias que a criança sente emoções as mais distintas como medo, tristeza, alegria, espanto e surpresas. É através das histórias, das narrativas que a criança adentra em outros tempos, outros lugares e passa a conhecer outros seres, personagens, ideias, universos. As crianças que já sabem ler e, até mesmo os adultos, gostam de ouvir histórias e, a partir dessas experiências, passam a pensar e a ver as coisas com os olhos da imaginação.

É indiscutível que Monteiro Lobato abriu caminhos para escritores da chamada literatura infantil brasileira, mas, por seu recente surgimento, é difícil ainda traçar a história desse gênero em nosso país.

Para Zilberman (2014, p. 9), “livros lidos na infância permanecem na memória do adolescente e do adulto, responsáveis que foram por bons momentos aos quais as pessoas não cansam de regressar”. Para uma leitura representar uma experiência prazerosa e significativa na vida da criança e do adolescente, o livro deve ser interessante e de boa qualidade, com uma linguagem simples, mas ao mesmo tempo, polissêmica, de modo que o leitor sempre queira voltar a ler.

Silva (2009, p. 11) considera que a partir dos anos 70, a qualidade da produção literária voltada à criança despertou o interesse da escola. Como consequência, as editoras lançam mais de 600 títulos destinados a este público por ano. A concorrência trouxe preocupação com a qualidade gráfica e do texto escrito. Tudo isso culminou com a incorporação dessas obras para a leitura e tarefas das séries do ensino fundamental.

Na década de 1980, a literatura infantil brasileira foi incluída como disciplina curricular nos cursos de graduação e pós-graduação em Letras. Em 1982, Lygia Bojunga recebeu a medalha “Hans Christian Andersen” e, em 2000, foi a vez de Ana Maria Machado. Tal prêmio foi considerado o Nobel da literatura infantil, o prêmio máximo na área, concedido ao conjunto de obras dos melhores escritores e ilustradores do mundo.

Com qualidade diferenciada, as obras destinadas ao público infantojuvenil começaram a se destacar no cenário nacional. Assim,

A literatura infantil exhibe uma fisionomia diferenciada na atualidade porque não se submeteu aos paradigmas representados pelos escritores que dominavam a cena

literária no começo dos anos de 1970 e que vieram a constituir as primeiras opções dos professores e estudantes (ZILBERMAN, 2014, p. 52).

Os autores trataram de contrariar o panorama vigente em três aspectos: propuseram uma literatura de contestação, preferiram um diálogo direto com o leitor infantil e proporcionaram novidades ao narrar e lidar com a tradição.

Atualmente, podem-se observar tendências na produção literária infantil: a do realismo, a da fantasia para o questionamento de problemas sociais, a do reaproveitamento do folclore e a da exploração de fatos históricos. Mesmo com avanços na área, uma boa parte da produção literária infantil ainda se ressentida da excessiva preocupação pedagógica, pois usa o texto literário como pretexto para ensinar as crianças comportamentos, conhecimentos e valores concebidos socialmente.

Com o passar do tempo, a literatura infantil ganhou seu espaço na escola e na sociedade, o que a colocou num patamar elevado, mesmo em relação a outros lugares do mundo.

No começo do novo milênio, a literatura infantojuvenil cresceu e se diversificou. Tem se observado que é marca dessas produções narrativas que privilegiam o aqui e o agora do leitor com ausência dos elementos mágicos. Há preferência pelo protagonismo jovem que se identifica com aspirações e problemas existenciais dos leitores também juvenis.

Entretanto, nem tudo é realismo na literatura infantojuvenil. Hoje, percebe-se que os jovens têm demonstrado interesse pelo que se chama de *fantasy fiction*. Para Zilberman (2014, p. 184),

Fantasy fiction designa uma produção de amplo escopo, pois não se limita à literatura, estendendo-se ao cinema, histórias em quadrinhos, novelas gráficas, jogos, blogues e performances, de que são exemplos os RPGs (Role Playing Games).

Entretanto, para a pesquisadora, a popularidade da *fantasy fiction* não deixou indiferentes os escritores brasileiros. Sua diversidade temática determinou que o gênero tomasse caminhos marcados pela presença do sobrenatural e da magia, mesmo quando contaminada pela ciência e pelo racionalismo.

Há também espaço para narrativas com heróis de tradição mítica. De uma forma ou de outra, Zilberman (2014, p. 187) afirma que, nesse começo de século e de milênio, também a literatura para crianças e jovens se transformou e, como seus usuários e figuras fictícias, avança no tempo com renovada qualidade.

Outro ponto a ressaltar é que a leitura dos clássicos desde os primeiros anos escolares deve ser necessária, uma vez que estes são livros que, quanto mais antigos, mais novos e atuais ficam. Segundo Calvino (2007, p. 11-12),

Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos, quando são lidos de fato. Os clássicos são livros que as pessoas releem, mas que qualquer leitura deles é sempre uma descoberta.

Um exemplo de um clássico sempre atual é *Dom Quixote*. Mesmo escrito há quatrocentos anos, pelo espanhol Miguel de Cervantes Saavedra, continua encantando gerações até os nossos dias, porque consegue emocionar e, ao mesmo tempo, divertir o leitor de todas as idades, mas, principalmente, o jovem leitor.

Para Ana Maria Machado (2002, p. 53), as histórias de cavalaria deram origem a uma das obras-primas da literatura universal, um dos clássicos que foram mais fundo na análise do espírito humano, de forma emocionante e divertida ao mesmo tempo – *Dom Quixote de La Mancha*. A escritora ainda acrescenta que o livro de Cervantes “é uma crítica que o espírito racional renascentista faz às credences medievais, uma sátira ao mundo dos cavaleiros andantes, seus exageros, seus clichês, suas repetições, seu heroísmo desmesurado” (MACHADO, 2002, p. 53). Além de Quixote adorar livros de cavalaria e viver no mundo da fantasia,

Em suas aventuras, questiona o certo e o errado, o direito e o torto, mas também faz com que nos emocionemos com a dimensão da solidariedade humana e da compaixão pelo semelhante, com a sede de justiça e a ânsia do bem. Muito mais: celebra a amizade, criando com Sancho Pança, o camponês que lhe serve de escudeiro, uma dupla imortal que é uma síntese do ser humano em suas dualidades: espírito e matéria, cabeça-nas-nuvens e pé-no-chão, desprendimento e ambição, sofisticação e simplicidade, filosofia e espírito prático, erudição e ignorância, aristocracia e popularismo (MACHADO, 2002, p. 53).

Nessa obra-prima de Cervantes, realidade e fantasia se misturam, e se destacam dois aspectos principais: a construção de uma amizade verdadeira entre pessoas bem diferentes e a permanente interrogação entre os limites do sonho e da realidade. Portanto, a leitura desse clássico é mais que relevante, é indispensável para alunos-leitores e para o público em geral.

De acordo com Ana Maria Machado (2002, p. 54),

Entre tantas outras coisas maravilhosas deixadas para nós todos como herança por essa obra-prima de Cervantes, sempre celebrada por suas qualidades filosóficas e humorísticas, talvez possamos destacar esses dois aspectos fundamentais: a

celebração da lenta construção de uma amizade verdadeira entre pessoas muito diferentes e a permanente interrogação sobre os limites do sonho e da realidade.

A leitura de clássicos na escola deve ser incentivada, pois enriquece a experiência humana, trazendo a ela elementos importantes a sua formação intelectual. Machado (2001, p. 142) afirma que a tradição clássica está desaparecendo a uma velocidade galopante – e todos vão empobrecendo com isso. Assim, a autora considera que é difícil para um adulto ler um clássico, uma vez que ele precisa estar habituado a algo não imediatista e deixar-se ser seduzido pelos prazeres das leituras e descobertas. Segundo ela, é importantíssimo que ele já tenha encontrado clássicos na infância e na adolescência, mesmo que sejam recontados ou adaptados. O importante é não se desvirtuar da obra original.

Segundo Perrone-Moisés (2006, p. 29),

Talvez o subversivo, hoje, seja ensinar os “autores canônicos” (Dante, Cervantes, Shakespeare, Goethe, Balzac, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade...), porque a literatura de massa está disponível aos alunos sem que eles precisem de “introdução”, e as informações superficiais sobre a realidade contemporânea estão em todos os jornais e televisões, ou na internet.

Essa reflexão é bem apropriada em um tempo de facilidades e rapidez nas informações. Assim, a escola deve se preocupar em introduzir aos alunos o novo, o diferente, o desafiador, obras que dizem mais do que parecem dizer, que fazem pensar sobre a vida e sobre as relações entre o homem e a vida. Nesse sentido, é igualmente importante que as crianças e os jovens conheçam e aprendam “lições de vida” e reflitam com os grandes personagens das obras clássicas literárias, como Dom Quixote, Robinson Crusoe, Robin Hood, Peter Pan, Alice entre tantos outros. Os clássicos não envelhecem e são para todas as idades.

Calvino (2007, p.16) deixa explícito que os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos, e resume que a única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos.

Dessa forma, ler sempre é melhor do que não ler, principalmente, os clássicos que têm sempre algo novo a revelar, a refletir, a desafiar o aluno-leitor em época de trivialidades e superficialidades.

2.2.3 A leitura na perspectiva do letramento literário

É importante pensar nas diversas concepções de letramento. Para Soares (2012, p. 120), o letramento é, sem dúvida, pelo menos nas modernas sociedades industrializadas, um

direito humano absoluto, independentemente das condições econômicas e sociais em que um dado grupo humano esteja inserido. Igualmente, destaca-se a concepção de letramento literário veiculada por Cosson (2014, p. 25), como sendo o processo de apropriação da literatura enquanto construção de sentidos.

As práticas de leitura e escrita são, hoje, fundamentais para que o indivíduo tenha uma vida social e profissional de qualidade. Nesse contexto, a escola deve ser palco de acolhida e de desenvolvimento de ações que possibilitem aos alunos uma participação mais efetiva na sociedade letrada em que vivem.

Diante dessa realidade, é fundamental que estejam presentes na sala de aula todo tipo de material de leitura, dentre os quais, se destaca o texto literário. Mas não é o suficiente apenas contar com um acervo bibliográfico de qualidade, é importante saber o que fazer com ele. Desse modo, é que a escola deve priorizar a criação de projetos nos quais o livro chegue às mãos dos alunos-leitores numa política constante de formação do hábito, do gosto, da prática da leitura literária.

As relações sociais são permeadas através da linguagem, das palavras que circulam cotidianamente em nossa vida. Fazer parte dessa sociedade é utilizar e compreender os usos dessa linguagem. Para Cosson (2014, p. 16), “a prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana”.

Com isso, é importante a escola desenvolver atividades de leitura que possibilitem aos alunos esse contato mais íntimo com o texto literário, principalmente de autores consagrados pelo público e pela crítica literária.

É através da literatura que o homem adentra em um universo de saberes e temas que o faz relacionar-se com os outros e com o mundo que o cerca. Cosson (2014, p.17) ilustra que “no exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos”. É através dessa experiência rica de significados que o homem vai moldando sua personalidade e se relacionando com o meio em que está inserido.

Segundo o dicionário de termos literários de Ceia,

O texto literário é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura) e diferente de todos (pela linguagem); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de uso de uma linguagem) e diferente de todos (pela procura de uma forma e estrutura peculiares); é ao mesmo tempo igual a todos os outros (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem) e diferente de todos (em termos de forma e estrutura e uso da linguagem). Vale este princípio complexo como o

princípio dos paradoxos da definição referencial de literatura, que anula qualquer tentativa de institucionalização da literariedade como explicação do fenômeno literário. O texto literário não é um registro linguístico efêmero, pois tem por objetivo ser preservado na tradição oral e/ou escrita. Neste sentido, é intemporal. Em relação ao leitor, por exemplo, a especificidade do texto literário pode dizer respeito ao efeito catártico que conduz à crença de que a literatura pode purificar e reeducar a sociedade (assim acreditaram os neo-realistas). Em relação aos autores, tal especificidade, pode traduzir-se no fato de o texto literário poder ser expressivo (propriedade não formal, mas referente aos registros diretos das experiências pessoais e do caráter do escritor) ou impessoal (criações que ofuscam a individualidade do escritor) (SERRA, *online*).

O fato de o texto literário se diferenciar dos demais textos pela forma como usa a linguagem e pelo fato de ser preservado na tradição oral e escrita ao longo do tempo, confere a ele uma leitura diferenciada. Pode-se dizer que há níveis diferenciados de leitura de um texto literário. Para o leitor compreender ou interpretar os reais sentidos dele, é necessário ir além de seu significado literal. Para tanto, o leitor deve conhecer os recursos de linguagem que produzem efeitos de sentido mais amplos. Numa obra literária, os significados só se concretizam no momento em que o leitor efetivamente lê, e depende dessa relação, leitor/texto, a atribuição de sentidos. Assim, na concretização da leitura, é importante que haja sintonia entre leitor e texto, de modo que este desperte naquele o desejo, a necessidade, a busca, o querer ir além das linhas. Para isso, o leitor utiliza suas capacidades intelectuais, afetivas, culturais, além de informações, conhecimento linguístico, experiências e sensibilidade, que também são importantes para a compreensão do texto literário.

Segundo Cosson (2014, p. 26), “há a necessidade de se ir da simples leitura do texto literário quando se deseja promover o letramento literário”. Para tanto, torna-se importante o papel do professor, porque a leitura é uma atividade a ser aprendida e intensificada à medida que se cresce. Portanto, ao assumir esse papel de ampliar a leitura com a exploração adequada da obra literária através de sequências bem elaboradas, o professor deve assegurar ao aluno o conhecimento do discurso e do gênero literário necessário à sua formação pessoal e intelectual. Se os livros falassem por si mesmos, os problemas de interpretação e ausência de leitura estariam resolvidos sem a intervenção escolar. É imprescindível, então, a intervenção criteriosa do professor para que a leitura do texto literário possa ser significativa para o aluno.

Assim sendo, para se promover o letramento literário na escola, é importante se ampliar a simples leitura para uma exploração mais apurada do texto literário. O bom leitor, segundo Cosson (2014, p. 27) “é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo”.

Proporcionar aos alunos, além da leitura literária, a compreensão dos sentidos que essa leitura traz é dever e tarefa da escola a fim de se promover o letramento literário.

2.3 Ensino

2.3.1 A escolarização da literatura infantojuvenil

O processo de escolarização da literatura infantil e juvenil, de acordo com Soares (2011, *online*), deve ser analisado sob duas perspectivas: na primeira, podem-se interpretar as relações entre escolarização e literatura infantil, “como sendo a apropriação, pela escola da literatura infantil” (SOARES, 2011, *online*). Desse modo, a escola toma para si a literatura infantil, escolarizando-a, através da didática, da pedagogia, de acordo com seus interesses e para atender a seus propósitos, fazendo dela uma literatura escolarizada. Na segunda perspectiva, estas mesmas relações devem ser interpretadas como sendo a produção, para a escola, de uma literatura destinada a crianças. Assim, analisa-se o processo pelo qual uma literatura é produzida para a escola, para os objetivos da escola, para ser consumida pela escola, pela clientela escolar, e busca-se literatizar a escolarização infantil.

Para Soares (2011, *online*), à primeira perspectiva está subjacente o conceito de que há uma literatura que é destinada ou que interessa a crianças, da qual a escola lança mão para incorporá-la às suas atividades de ensino e aprendizagem, às suas intenções educativas,

De acordo com a autora, ao longo do tempo sempre se atribuiu à literatura infantil e juvenil um caráter educativo e formador, por isso ela quase sempre está vinculada à escola, a instituição, por excelência, educativa e formadora de crianças e jovens.

A escolarização da literatura, segundo Soares (2011, *online*), é inevitável, porque é da essência própria da escola, é o processo que a institui e que a constitui. Ela afirma:

A escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em categorias (idade, grau, série, tipo de problema, etc.), categorias que determinam um tratamento escolar específico (horários, natureza e volume de trabalho, lugares de trabalho, saberes a aprender, competências a adquirir, modos de ensinar e de aprender, processos de avaliação e de seleção, etc.) (SOARES, 2011, *online*).

O excesso de formalidades e rígida organização escolar, mais a ordenação de tarefas e ações, seleção dos saberes, sequências e exclusão de conteúdos e o modo de ensinar e fazer aprender esses assuntos é o que se chama de escolarização.

Já que a escolarização da literatura ou de qualquer outro campo do conhecimento é inevitável, é necessário se fazer direito ou adequadamente, sem que o texto literário vire apenas objeto de estudo de nomenclaturas, banalidades gramaticais e análises superficiais.

Ainda segundo Soares (2011, *online*),

O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o.

A crítica de Soares não é em relação à escolarização da literatura, mas a forma inadequada como vem ocorrendo essa escolarização, pois, dessa maneira, transforma o literário em escolar, o que perde toda sua verdade, significância, relevância para o alunado.

Assim, de acordo com Soares (2011, *online*), as três instâncias responsáveis pela escolarização da literatura são: a biblioteca escolar; a leitura e estudo de livros de literatura, em geral determinada e orientada por professores de Português; e a leitura e o estudo de textos, em geral, componente básico de aulas de Português.

2.3.2 A biblioteca escolar

A biblioteca é instância de escolarização da literatura por diferentes razões: uma delas é o próprio espaço de guarda e acesso à literatura; outra é a organização do espaço e do tempo de acesso aos livros e de leitura; e outra é a seleção de livros que são oferecidos à leitura, livros em locais de difícil acesso ou ainda escondidos dos leitores.

Outro ponto a destacar é de quem é responsabilidade de socializar a leitura: a professora? A bibliotecária? Baseadas em quais critérios? Para que séries? Para meninos? Para meninas? Que tipos ou gêneros ou autores?

Os rituais de escolarização literária na biblioteca envolvem fichas a preencher, proibições e orientações como ler em silêncio, em posição ereta, sem riscar ou danificar o livro.

São questões a serem esclarecidas e discutidas pelo coletivo da escola, pois o controle, a programação, o planejamento do espaço, do tempo, do que ler, como ler, acaba por retirar a liberdade de escolha e de comportamento do aluno-leitor, que, de certa forma, com tanta obrigação, regras e imposição vão se afastando do espaço e tornam a leitura em atividade controlada, imposta e enfadonha.

Entretanto, é consenso afirmar que, para que haja um fomento à leitura em toda escola, deve existir uma biblioteca, que é um espaço privilegiado de leitura onde deve estar acessível todo o acervo bibliográfico, seja resultado de políticas governamentais de apoio à leitura como o da Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), seja resultado de ações locais como a compra de acervo com recursos do PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola) ou PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) ou mesmo através de campanhas de doação de livros pela própria comunidade em que a escola esteja inserida.

Além de um bom acervo, é necessário um planejamento de ações pedagógicas em conjunto do professor da biblioteca com o professor de sala de aula, com o objetivo de proporcionar ao alunado momentos de leitura prazerosa das obras não só existentes na biblioteca, mas que sejam aquisições importantes para compor o acervo.

No caso de ausência de biblioteca escolar, há de se pensar em criar cantinhos de leitura e outros espaços a partir de doações e aquisições de livros necessários, assim como elaboração de projetos de leitura.

De acordo com a Lei 12.244⁴, de 24 de maio de 2010:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país contarão com bibliotecas, nos termos da Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, em como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do país deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis 4.084, de 30 de junho de 1962 e 9.674, de 25 de junho de 1998.

A Lei 12.244 sinaliza para a organização do sistema de biblioteca nas escolas públicas e privadas do país. Com finalidade de consulta, pesquisa, estudo ou leitura na escola, os sistemas de ensino federal, estadual e municipal devem se adequar à lei até 2020, sendo sua responsabilidade a guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

⁴Lei 12.244 de 24 de maio de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm>. Acesso em 02/07/2015.

2.3.2.1 O livro infantil

A escolarização dos livros infantis ocorre por ser uma leitura determinada e orientada por professores de português como tarefa escolar, retirando-se, assim, a leitura por lazer, por prazer, realizada como e onde se quer.

Há também o caráter avaliador da leitura que deve ser medida através da prova, da ficha de leitura, do trabalho em grupo, do seminário, entre outros instrumentos avaliativos. Parece que, para a escola, o mais importante é avaliar. De uma forma ou de outra, a leitura sempre terá que ser comprovada, anotada, verificada, o que evidencia ser uma leitura escolarizada.

A leitura literária deve ser encarada como um direito de todos os alunos. Para tanto, a leitura deve ser prazerosa, sem excessivas cobranças, nem obrigações, nem avaliações. O que deve ser destacado é a relevância e significância dessa leitura. Soares (2011, *online*) lembra que “fora da escola, nunca temos de demonstrar, comprovar que lemos, e que lemos bem, um livro”.

2.3.2.2 O livro didático

É nesta instância que a escolarização da literatura é mais intensa e tem sido mais inadequada. De acordo com Soares (2011, *online*), há quatro aspectos a destacar: a questão da seleção de gêneros, autores e obras; a questão do fragmento do texto a ser lido e estudado; a questão da transferência do texto de seu suporte literário para o suporte didático; e, finalmente, a questão das intenções e objetivos da leitura e estudo do texto.

Em relação ao primeiro aspecto, há uma recorrência sempre aos mesmos autores, os mesmos gêneros e as mesmas obras para séries iniciais, limitando, assim, o universo de obras, gêneros e autores diversificados e de qualidade de nossa literatura. Isso tem causado uma escolarização inadequada. Talvez o que se deva pretender é a compreensão do literário e o gosto pela leitura. Ainda há os critérios para a seleção de autores e textos que não são apropriados, pois “ou se lança mão de obras e autores muito conhecidos, ou de autores pouco representativos e obras de pouca qualidade” (SOARES, 2011, *online*).

Acrescenta-se a isso a ausência, nos livros didáticos, de referência bibliográfica e de informações sobre o autor do texto, tornando-o, assim, independente da obra a que pertence. Essa escolarização inadequada não desenvolve no aluno o conceito de autoria, de obra e de fragmento da obra.

O outro aspecto mencionado pela pesquisadora é a seleção do fragmento de textos maiores, geralmente utilizados em função do tempo limitado dos horários de aula imposto pelos currículos escolares. Porém, Soares (2011, *online*) aponta que essa seleção de fragmento deve considerar o texto como uma unidade de linguagem, do ponto de vista semântico (significativo e coerente) e do ponto de vista formal (coesão dos elementos que o formam). Assim, de acordo com Soares (2011, *online*), muitas vezes são forjados textos, na verdade pseudotextos, criados pelo próprio autor do livro didático não propriamente para desenvolver atividades de leitura, mas para ensinar gramática e ortografia.

Há outra prática de usar um fragmento de texto literário infantil sem textualidade. Nesse caso, utiliza-se a narrativa, retirando dela as sequências responsáveis pela atribuição de sentidos. Existem, ainda, formas mais desastrosas de fragmentação das narrativas, nas quais são retirados elementos referenciais e essenciais para a compreensão do texto.

Com a transferência do texto literário de seu suporte para a página do livro didático, inevitavelmente, ele sofrerá transformações, pois é completamente diferente ler o texto no objeto-livro e ler no objeto-livro didático. Para Soares (2011, *online*),

São finalidades diferentes, aspecto material diferente, diagramação e ilustrações diferentes, protocolos de leitura diferentes. Se há essa necessidade de transformar, é preciso respeitar as características essenciais da obra literária, como a literalidade do texto.

Nessa transferência de suporte, perde-se também a autoria da ilustração da obra original, que é substituída por outra que não dialoga, não complementa e nem enriquece o texto, mas o distorce. No entanto, a distorção mais grave, segundo Soares (2011, *online*), é a alteração no gênero do texto:

Poemas se transformam em texto em prosa, textos literários são interpretados como informativos, textos jornalísticos como literários. Se é inevitável a escolarização do texto literário que se obedeça a critérios que preservem o literário e propiciem à criança a vivência do literário e não uma distorção ou caricatura dele.

Nesse caso, a desvirtuação afeta a essência literária, pois os textos literários são desfigurados, perdendo suas características e seu valor enquanto obra artística, resultado de um processo de criação.

Quanto aos objetivos da leitura de textos de literatura infantil nos livros didáticos, a posição de Soares (2011, *online*) esclarece,

Aos textos (ou pseudotextos) propostos à leitura dos alunos, nos livros didáticos, seguem-se sempre exercícios de “estudo do texto” – mais uma exigência do processo de escolarização da leitura: a escola deve conduzir o aluno à análise do texto e à explicitação de sua compreensão e interpretação. Entretanto, os exercícios que, em geral, são propostos aos alunos sobre textos de literatura infantil não conduzem à percepção do que é essencial neles, isto é, à percepção de sua literariedade, dos recursos de expressão, do uso estético da linguagem; centram-se nos conteúdos, e não na recriação que deles faz a literatura; voltam-se para as informações que os textos veiculam, não para o modo como as veiculam.

Essa prática dos livros didáticos voltada ao estudo do texto com questões direcionadas às informações contidas nele, retira o principal da leitura literária que é a análise e a compreensão do sentido do texto, os recursos de linguagem, a forma como o assunto é tratado. Assim, a leitura do texto literário perde sua função, deixa de emocionar, de divertir, de dar prazer, de ser uma atividade significativa para ser um ato enfadonho e obrigatório.

Os exercícios propostos aos alunos não acrescentam nada a eles, pois são de mera localização de informações no texto, exercícios de metalinguagem (gramática, ortografia) ou são exercícios moralizantes. Há outras possibilidades de realizar uma escolarização adequada com a elaboração de perguntas que levassem o aluno a fazer inferências e fazerem suas próprias perguntas ao texto, por exemplo. Outra prática frequente é propor exercícios de opinião sobre o texto, como: o que você achou? Gostou do texto? Nesses casos, o mais absurdo é sugerir o que aluno deve achar ou deve apreender do texto, pois muitas vezes isso já está preestabelecido nas respostas do livro do professor.

Segundo Soares (2011, *online*), uma escolarização adequada da literatura deve levar em conta as respostas para as seguintes perguntas: Por que e para que ‘estudar’ um texto literário? O que é que se deve ‘estudar’ num texto literário? Os objetivos é que devem direcionar a leitura do texto literário. Para a pesquisadora, o privilégio por conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura, devem levar em conta: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o “estudo” daquilo que é textual e daquilo que é literário.

Portanto, para que a escolarização do texto literário venha a atender os propósitos de formar leitores na escola, o professor deve buscar o equilíbrio entre a análise dos elementos textuais e das características estético-literárias de modo a possibilitar o exercício da imaginação e a apropriação desse gênero. Atender às expectativas dos alunos-leitores não é tarefa fácil, fugir da mesmice rotineira do livro didático é o desafio atual para os professores que se comprometem em levantar a bandeira da leitura literária nas escolas públicas brasileiras.

3 O UNIVERSO LITERÁRIO DE ANA MARIA MACHADO

Ana Maria Machado é considerada um dos grandes nomes da literatura infantojuvenil no Brasil. Além de escritora, é uma estudiosa sobre questões que envolvem leitura e literatura, e tem preocupação e interesse a respeito da leitura para jovens e adolescentes.⁵ Sobre o assunto, (MACHADO, 2001, p.10-11) afirma

Ser coisa um pouco mais complicada. Não porque não há bons livros e autores, mas porque há outras variáveis a se considerar como o fôlego de leitura do sujeito, por exemplo. Há quem desanime só de ver o número de páginas do livro, ou o tamanho da letra ou o fato de não ter ilustração. Há também o tempo e a obrigação que não devem ser levados em conta.

A autora recomenda ler uma página por dia e histórias curtinhas e divertidas. Ela afirma que “deve ser feita a leitura de textos curtos, fáceis, divertidos, variados, numa linguagem clara e parecida com a que a gente fala todo dia e toda noite”. Outra questão levantada por ela é subestimar a inteligência e a capacidade dos jovens. Eles gostam de rir, brincar, se divertir, mas também gostam de pensar e de criticar o mundo que os adultos estão deixando para eles.

Ainda segundo a autora (2001, p. 9), “não se deve impingir aos jovens e adolescentes que tenham os mesmos gostos que os nossos e que leiam nossos autores preferidos, mas que cada um procure o estilo e o autor que quiserem escolher”.

Desse modo, Ana Maria Machado (2001, p. 77) é bastante lúcida quanto ao caráter político da leitura, o que é explicitado no seguinte trecho:

Ler ficção é um ato político, porque, assim como a poesia, também os romances e contos (e mais os filmes, as peças, as novelas) nos obrigam a entrar na pele de um outro e entender seus motivos, nos acostumando a uma aceitação intrínseca da diversidade.

Deve ser ressaltado que, em suas obras, Ana Maria Machado respeita a criança, através de temas sérios e linguagem simples.

É necessário destacar que Ana Maria Machado tem contribuído de forma bastante significativa para a literatura infantojuvenil brasileira, pois ao longo de quatro décadas vem publicando títulos para esse público. Em 1978, apesar de já ser conhecida pelas crianças por sua participação na revista *Recreio* e pela publicação de obras como *Bento-que-bento é o*

⁵ Sobre **Vida e Obra de Ana Maria Machado**, ver **Anexo 5**.

frade, *Severino faz chover* e *Currapaco papaco*, lançou o livro *História meio ao contrário*, obra de caráter inovador, pois, nela, a escritora faz uma inversão aos modelos tradicionais dos contos de fada.

De acordo com Zilberman (2014, p. 54), Ana Maria Machado

Surpreende quando apresenta as soluções: o príncipe não resolve nada, porque a troca do dia pela noite faz parte do ciclo natural, e o rei, até então alheado da realidade do reino, descobre que está na hora de conhecer os súditos e os problemas vigentes. A princesa não aceita a escolha do noivo e sai a cuidar da vida, enquanto o príncipe percebe que está interessado em uma camponesa e acaba seguindo seu destino ao lado da moça que ama.

O livro *História meio ao contrário* foi publicado no período em que o Brasil passava pela ditadura militar e dá seu recado ao público infantil e adulto no sentido de levantar a voz para a busca pela liberdade de escolha e de caminhos a se trilhar. Essa obra representou também o surgimento de uma nova história, de novos rumos para a literatura infantil brasileira.

Além dessa obra inovadora, Ana Maria Machado escreveu *Raul da ferrugem azul* (1979) e *Bisa Bia Bisa Bel* (1982), obras que se destacam pelo papel feminino. No enredo do primeiro, a conversa com a personagem feminina, Estela, modifica o comportamento de Raul, que passa a tomar atitudes e enfrentar seus problemas. Em relação ao segundo, para Zilberman (2014, p. 85),

Bisa Bia Bisa Bel é o que se poderia chamar de um livro feminista, não apenas porque traduz o processo de independência da mulher ao longo da história, marchando do convencionalismo e obediência de Bia à completa autonomia e autoconfiança de Beta. Mas também porque elege um ângulo feminino para traduzir essas questões, revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado de experiências vividas. É o que se passa com Bel, a menina que se transforma internamente, sem deixar de ser ela mesma.

Nesse contexto é que ocorreram mudanças na literatura infantil brasileira a partir das décadas de 1970 e 1980 com o crescimento de escritoras para esse público e o aumento de personagens protagonistas femininas. Ana Maria Machado colabora com esse protagonismo, principalmente, com a obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, pois esta é considerada por muitos como uma obra-prima, que traz para o centro das atenções a personagem feminina, buscando seu equilíbrio interno e a construção de sua própria identidade.

Em 1996, com a publicação de *Amigos Secretos*, a escritora aponta para outro caminho de escrever para crianças, na medida em que incorpora em sua obra a convivência de seus

personagens com as do sítio do Pica-Pau Amarelo, de Monteiro Lobato e com outras clássicas como Peter Pan e Tom Sawyer. Acerca disso, Zilberman (2014, p. 170-174) afirma:

A autora não reproduz o já feito, mas utiliza-o para implantar sobre ele a novidade. Ana Maria Machado e outros autores sugerem que a produção do novo faz-se a partir da reciclagem do que já conhecemos, de preferência narrativas e poemas de autores que os precederam.

Assim, é estabelecido nessa obra um rico diálogo entre personagens tão ricos e significativos para o público infantil.

Entretanto, na literatura brasileira, há uma certa contradição envolvendo o nome de Ana Maria Machado: de um lado, é difícil encontrar seus textos nos livros didáticos para o ensino fundamental utilizados nas escolas públicas; por outro lado, através de busca em sites da internet, há disponível mais de uma centena de títulos publicados por ela e referência aos seus diversos prêmios recebidos a nível nacional e internacional.

Além disso, trata-se de uma escritora preocupada e engajada com as questões de seu tempo, principalmente, no que tange a importância da leitura literária no país. Sobre isso, ela (MACHADO, 2001, p.77) afirma:

Estou convencida de que um país mais democrático será necessariamente um país com mais contato com a literatura, não só porque garantirá o princípio da igualdade, de que todo cidadão tem direito de ter acesso a bons livros, mas também porque os governantes escolhidos por quem conhece mais situações, mais ideias, e personagens mais diferentes são necessariamente fruto de uma escolha mais exigente e sábia. A escolha de quem desenvolveu melhor sua capacidade de julgar porque exercitou mais a comparação dos diferentes e se habituou a conviver com o princípio da diversidade.

É uma autora com posições firmes no que diz respeito à importância da literatura para a construção de uma sociedade mais justa como se nota no seguinte trecho:

A literatura – infantil, juvenil, adulta ou senil, esses adjetivos não têm a menor importância – é constituída por textos que rejeitam o estereótipo. Ler literatura, livros que levem a um esforço de decifração, além de ser um prazer, é um exercício de pensar, analisar, criticar. Um ato de resistência cultural. (MACHADO, 2001, p. 88)

Ler as obras de Ana Maria Machado é mergulhar num universo mágico das palavras, é adentrar num mundo de palavras e vozes de seres humanos de todas as etnias, de todas as cores, de todos os sonhos, de todos os gostos, enfim, na pluralidade de sentimentos e ideias.

Sobre as razões ou motivos para escrever, a autora assim se posiciona

Por que escrevo? Porque a linguagem me fascina, me encanta, me intriga. Porque desde criança sempre adorei navegar nos mares das histórias – ouvindo, lendo, inventando. Porque a leitura é para mim um deslumbramento e a escrita é o outro lado das moedas desse tesouro. Escrevo porque é da minha natureza, é isso que sei fazer direito. Se fosse árvore, dava oxigênio, fruto, sombra para todo mundo. Mas só consigo mesmo é fazer brotar palavra, história e ideia, para dividir com todos. (MACHADO, 2001, p. 174)

Sua linguagem e seu trabalho voltado para a literatura infantil lhe confere o reconhecimento nacional e internacional de sua obra, principalmente, destinada ao público infantil. No entanto, seu acervo não se enquadra apenas aos limites da literatura infantojuvenil, pois escreve para todos os públicos.

Seus textos para crianças e jovens buscam uma relação de harmonia entre a ficção e o cotidiano das cidades e outros lugares onde as pessoas vivem e constroem suas experiências e histórias de vida. Há um equilíbrio em sua obra, entre a história e o mito, o cotidiano e a fantasia, temas universais e transversais. Sendo assim, acaba por viajar entre tantos temas importantes para a reflexão e conhecimento, o que atrai a atenção não apenas de crianças e jovens, como do público em geral.

Ana Maria Machado (2001, p. 159) define seu processo criativo:

Sou sempre fascinada pela criação e pela criatividade e me preocupo com o desenvolvimento do país, mas nunca me ocorreu chamar a criatividade de motor do desenvolvimento... um exemplo de como a criação pode ser despertada por um desafio e um estímulo. Nesse esforço, percebo que vou juntando vários elementos que vêm girando em minha mente nos últimos tempos, e corro até o risco de me repetir aqui e ali...aceitar desafios é um exercício de criatividade.

Numa sociedade em que “nada se cria, tudo se copia”, a criatividade para a autora é um exercício desafiador, e ela acrescenta,

Só consegue ser criativo quem é capaz de manter dentro de si o prazer infantil da brincadeira, já experimentado em criança. Se queremos o desenvolvimento por meio do motor da criatividade, é absolutamente indispensável que tenhamos a inteligência e a delicadeza de respeitar a infância, e façamos um esforço coletivo, como sociedade, para que as crianças possam ser crianças. Para que tenham acesso a uma educação de qualidade, e que, em toda parte, na escola e fora dela, possam brincar muito e soltas, livres, sem medo de violência, sem ter que trabalhar para comer, sem cair na rede do consumismo desenfreado, dos modismos sucessivos e da erotização precoce (MACHADO, 2001, p. 172).

Ana Maria Machado também é uma escritora preocupada com a educação de nossas crianças o que, por meio de suas obras, pode ser percebida através das mensagens e temas veiculados nelas, com ênfase à importância de ler e estudar para assegurar os direitos de

todos. Também é consciente da necessidade do gosto do público para garantir o exercício de sua profissão como ilustra o depoimento a seguir:

Escrevo hoje porque os leitores me profissionalizaram, me permitiram escrever. Só pude continuar escrevendo porque os leitores me leram, os críticos premiaram, os editores me deram espaço. Também sou uma militante da leitura. Fui livreira, editora, vivo fazendo palestra e dando curso de promoção da leitura por este Brasil a fora. Também é por isso que escrevo: porque amo os livros, devo tanto a eles, quero colaborar na expansão desse universo (MACHADO, 2001, p. 177).

Em suas obras, há dois traços marcantes: a significância da linguagem literária e o sentimento solidário de humanização do leitor. Como seguidora de Lobato, de quem se considera leitora voraz, seu amor pela literatura faz com que a autora seja porta-voz de sua época, levando para suas obras não apenas impressões pessoais de sua realidade vivida, como também os anseios, os dilemas, as questões que envolvem o coletivo, as crianças, as minorias, as mulheres, o ser humano de uma forma geral.

Sobre a obra de Ana Maria Machado, Lajolo (2004, p. 17) destaca a influência recebida pela leitura de Monteiro Lobato,

A produção de Ana Maria Machado parece ter seu ponto zero no ponto de chegada da obra de seu mestre Lobato: ela traz para seus livros o perfil feminino, o respeito pela pluralidade cultural, a paisagem dos diferentes Brasis, os conflitos da sexualidade, o jogo em cena aberta com a musicalidade da língua portuguesa, temas e procedimentos pouco presentes na obra lobatiana.

Apesar da influência de Lobato em sua obra, ambos vivem em momentos históricos e sociais diferenciados, o que confere a obra de Ana Maria Machado um enfoque mais moderno, pois ela busca através de seus textos discutir temas contemporâneos, como os citados acima, tudo isso aliado à sua forma leve de escrever.

Coelho (2005, p. 156, 157 e 215) *apud* CANTARIN (2008, p. 57) classifica cinco linhas básicas de criação literária, que se desdobram em outras, das obras de Ana Maria Machado, dessas observam-se:

- Realismo crítico (participante ou conscientizante): obras atentas à realidade social cuja matéria literária é orientada e filtrada por uma perspectiva político-econômico-social: *“De olho nas penas”*;
- Realismo lúdico: obras que enfatizam a aventura de viver, as travessuras do dia a dia, a alegria ou conflitos resultantes do convívio humano: *“Bento-que Bento é o frade, Currupaco e O domador de monstros”*;
- Realismo humanitário: obras que, atentas ao convívio humano, dão ênfase às relações afetivas, sentimentais e humanitárias: *Bisa Bia Bisa Bel*;
- Maravilhoso satírico: narrativas que utilizam elementos literários ou situações familiares, facilmente reconhecíveis, para denunciá-las como erradas, superadas e

transformá-las em algo ridículo. O humor é fato básico nessa diretriz: *História meio ao contrário e uma boa cantoria*;

- Maravilhoso fabular: situações vividas por personagens-aniamis, que podem ter sentido simbólico, satírico ou puramente lúdico: *Pimenta no cocoruto*.

Outro ponto importante de se destacar nas obras de Ana Maria Machado é a respeito das relações entre imagem/texto/leitor serem bastante exploradas, principalmente, com as seguintes características:

- Ênfase na necessidade de amor e carinho: que é natural em todos os seres. Estímulo à amizade, à solidariedade. Valorização eu/outro: “*Menina bonita do laço de fita*”.

- Os impulsos naturais na infância: os medos que precisam ser enfrentados e superados, a curiosidade que faz parte do crescimento e amadurecimento do ser: *Alguns medos e seus segredos e O domador de monstros*;

- Apelo à consciência ética e/ou crítica em relação ao respeito devido aos direitos naturais ou civis de cada um: *Umm boa cantoria e Era uma vez um tirano*. (CANTARIN, 2008, p.58)

Dentre essas características, observa-se a preocupação da escritora com temáticas que envolvem o ser humano em todas as suas dimensões: individual, social, econômica e política, temas sempre necessários em todos os tempos e todos os espaços.

Pereira (2004, p. 139) destaca

que a linguagem em Ana Maria Machado efetivamente resgata para a narrativa contemporânea brasileira o prazer de uma relação textual sem contorcionismos inúteis de estrutura, ou proliferação de diálogos vazados num vocabulário rebuscado. A leitura flui, envolvendo o leitor com um registro literário isento de hermetismos, atestando, porém, o domínio da Língua Portuguesa em nível de excelência.

Nesse sentido, com uma linguagem mais próxima do leitor a autora também se aproxima, criando uma atmosfera que conquista e favorece a leitura.

Portanto, são vários os motivos que demonstram a necessidade e relevância de se ler Ana Maria Machado nas escolas do país e do mundo, merecem destaque a temática e linguagem, que são extremamente criativas e, sendo assim, despertam o interesse do leitor de qualquer idade.

3.1 Análise de dois livros de Ana Maria Machado

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 24) assim se posicionam sobre a seleção de textos a serem lidos na escola:

Os gêneros existem em número quase ilimitado, variando em função da época (epopéia, cartoon), das culturas (haikai, cordel), das finalidades sociais (entreter, informar), de modo que, mesmo que a escola se impusesse a tarefa de tratar de todos, isso não seria possível. Portanto, é preciso priorizar os gêneros que merecerão abordagem mais aprofundada.

Desse modo, a escola tem autonomia para escolher os gêneros a serem lidos pelos alunos. Nessa escolha, é fundamental considerar aspectos importantes como os objetivos da leitura e a qualidade do texto. A dificuldade na seleção do que deve ser lido decorre dessa escolha ser função exclusiva do professor de língua portuguesa. Seu compromisso, posição política e formação enquanto leitor são decisivas para que ele possa selecionar livros, textos e autores relevantes para a realização de leitura na escola.

Os Parâmetros (1998, p. 24) acrescentam que:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Entende-se, portanto, que os textos literários se enquadram perfeitamente nas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e devem ser priorizados nas propostas de leitura uma vez que favorecem a reflexão crítica e a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, propiciando ao aluno uma leitura prazerosa e relevante.

Desse modo, as obras selecionadas para a proposta de leitura são: *Quem perde ganha* (5. ed. São Paulo: Global, 2008) e *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha* (São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005), ambas da escritora Ana Maria Machado. Tal seleção considera alguns aspectos como: os temas abordados são de interesse do público-leitor infantojuvenil, os contos da obra *Quem perde ganha* estão organizados em prosa poética e apresentam linguagem polissêmica, e *O cavaleiro do sonho* é uma adaptação bem cuidada do clássico universal de Cervantes. Além disso, ambas obras contam com ilustrações bastante significativas que contribuem para despertar mais interesse pela leitura.

Como não é muito comum nas escolas o trabalho com textos em prosa poética, torna-se importante que o alunado também se familiarize com essa estrutura textual. Aliar a prosa com elementos da poesia, como as rimas, torna o texto mais interessante e sua leitura, mais prazerosa.

Sobre prosa poética, o dicionário de termos literários de Ceia, diz que:

Não existe na designação *Prosa poética* contradição de termos, ao contrário do que possa supor. Com efeito, discurso em prosa (*prorsa oratio*, “Discurso que avança”) opõe-se a discurso em verso (“discurso que avança e retrocede”), e não a poesia. Prosa e verso são dois princípios de segmentação do discurso. Não se pode de qualquer modo esquecer que primeira forma de expressão literária é o discurso metrificado. Só relativamente tarde surge a prosa, em escritos filosóficos e, depois, no romance helenístico. Aqui o princípio da referencialidade narrativa sobrepõe-se pela primeira vez ao princípio rítmico na elaboração do discurso literário. A *Prosa poética* virá representar um compromisso na importância relativa dos dois elementos formantes do discurso: o semântico e o formal. O que a caracteriza é a manutenção, ainda que por vezes à espera de ser desocultada, do princípio rítmico, em detrimento do semântico narrativo. Sendo assim, a função referencial da narração perde em importância no caso da *Prosa Poética*. Ou seja, como discurso que avança, discurso tendente a um desfecho, a um fim. A *Prosa poética* leva assim não tanto à fruição semântica, como à fruição das unidades semióticas e, especificamente, de pronúncia, com marcação de pausas e atenção especial à articulação, à entoação e à criação de melodia. A opção por uma prosa em si claramente poética representa, no entanto, neste caso, a desintegração da visibilidade da poesia. Neste sentido, a *Prosa poética* é prosodicamente sempre prosa (PIMENTA, *online*).

Essa forma de organização do texto em prosa poética constitui um elemento a favor na proposta de leitura da obra *Quem perde ganha*, uma vez que os alunos podem perceber a relação entre o “discurso que avança” e os recursos rítmicos próprios dos poemas.

3.1.1 *Quem perde ganha*

Antes de analisar o texto escrito e suas características, é importante observar elementos visuais do livro como a capa e as ilustrações, uma vez que estas podem contribuir, significativamente, para despertar o interesse dos alunos-leitores. Considera-se, assim, que o trabalho efetivo com a multimodalidade é capaz de levar o aluno a perceber que existe uma ligação, uma interação entre o texto verbal escrito e o não-verbal (imagens ilustrativas). Oliveira (2014, p. 1) considera que um trabalho efetivo com a multimodalidade consiste num estudo que contemple a interação entre o texto verbal e o não-verbal como produtoras de sentido. Nesse sentido, a exploração dos elementos visuais deve ser motivada pelo professor, pois “as imagens sempre desempenharam um papel fundamental na produção literária infantojuvenil” (OLIVEIRA, 2014, p. 2).

A obra *Quem perde ganha*, de Ana Maria Machado, publicada pela editora Global, em 2008, é dividida em três histórias em prosa poética com ilustrações de Cris Eich. Percebe-se logo de início o colorido da capa com o fundo amarelo e um destaque a uma das personagens das três histórias lidas, a menina. Tais imagens são exploradas também poeticamente nas páginas do interior do livro.

Figura 1 – *Fiapo de trapo*

Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. Ilustrações: Cris Eich. 5. ed. São Paulo: Global, 2008. p. 7-8.

A primeira história desse livro é intitulada *Fiapo de trapo*, belíssimo texto em prosa, mas carregado de ritmo e sonoridade construídos através de rimas. Trata-se da história de um espantalho bonito e elegante com um coração bordado na camisa cor-de-rosa. Até a palha do recheio era macia e cheirosa, mas devido ao perfume forte, espantava a passarada. Era realmente um espantalho diferente, pois tinha o dom de sentir as coisas ao seu jeito e, como “era um boneco de palha, isso era um defeito” (MACHADO, 2008, p. 10). O pobre espantalho começou a sofrer com a solidão, pois ficava sozinho e triste, espantando passarinho. Era pássaro de toda cor e de todo canto, mas nenhum chegava perto.

Nesse ponto da história, a autora leva o leitor a refletir tanto sobre a passagem e as mudanças do tempo, como se percebe na cena em tela: “E o espantalho **ficava no tempo**. No bom e no mau tempo. No sol que queimava e na chuva que molhava. No mormaço que fervia e no vento que zunia” (MACHADO, 2008, p. 12). Assim como em outro trecho: “Até que um dia... no tempo tem sempre um dia. Um dia em que **muda o tempo** e um **tempo novo** se inicia” (MACHADO, 2008, p.12). Nesses trechos, as expressões em negrito apresentam mais de um sentido, o que traz mais expressividade ao texto.

O fato de usar as palavras com mais de um sentido, tornando o texto mais rico ainda, chama a atenção do leitor para os múltiplos sentidos dos vocábulos. Para Faria (2013, p. 12),

O texto literário é polissêmico, pois sua leitura provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual. Além de simplesmente fornecer informação sobre diferentes temas – históricos, sociais, existenciais e éticos, por exemplo –, ele também oferece vários outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas ideias etc.

Esse caráter polissêmico dos textos que compõem o livro pode ser explorado de diversas formas. O importante é que o aluno perceba como se dá esse processo.

Outro aspecto importante é que os textos que compõem esse livro de Ana Maria Machado trazem bem definidos os momentos e elementos narrativos, que fazem com que os alunos percebam a construção da história a partir da articulação e do desenvolvimento desses elementos.

Após a caracterização da personagem principal, a narrativa inicia o conflito através da mudança nos fatos intensificados a partir do dia em que choveu, mas não uma chuvinha qualquer, foi “uma tempestade, com granizo, raio, vendaval, aguaceiro e temporal, chuva de muito trovão que virou inundação” (MACHADO, 2008, p. 15). Ao término da chuvarada, ocorre o clímax, pois o espantalho sumiu, foram procurar e se percebeu que “ele tinha desmanchado, tinha sido carregado, pelo vento espalhado, pela chuva semeado, com a terra misturado, plantado naquele chão, sua palha adubando muito pé de solidão” (MACHADO, 2008, p. 16). E em seguida, inicia-se o desfecho: “E hoje em dia, sua palha misturada na terra ajuda a plantação a crescer” (MACHADO, 2008, p. 17). Os trapos de seda e de veludo do espantalho foram parar no galinheiro, nos ninhos dos pássaros e, no final bastante poético, é possível perceber que as perdas podem trazer ganhos: “e em cada ovo que nasce ali por aquele lugar, cada ninhada que se achega à procura de calor, em cada vida a brotar, em cada marca de amor, seu coração sobrevive num fiapinho de cor” (MACHADO, 2008, p. 17).

Esse conto possibilita o leitor a refletir sobre os sentimentos, tempo, natureza, mudanças, perdas e ganhos. Trata-se de uma história capaz de enriquecer a sensibilidade e a alma do leitor, através da elaboração e construção de uma linguagem poética e plurissignificativa.

Segundo Faria (2013, p. 24), os contos modernos abordam o dia a dia das crianças, desde as situações mais banais do cotidiano até temas sociais, existenciais, éticos, religiosos de nosso tempo e com os quais, conscientemente ou não, os pequenos leitores estão em contato.

As histórias fazem parte da vida dos alunos, geram interesse e há familiaridade com esse gênero textual. Conta-se e ouve-se histórias não só na escola, mas em muitos lugares de

convívio social: na igreja, no ônibus, na fila, na feira, na praia, na casa de amigos, na vizinhança, na escola, etc. As histórias fazem parte da maneira de ser, de ver e de estar do homem no mundo.

Figura 2 – *A menina que vivia perdendo*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. Ilustrações Cris Eich. 5. ed. São Paulo: Global, 2008. P. 18/19.

O segundo conto intitula-se *A menina que vivia perdendo*, com os momentos e elementos narrativos bem sequenciados. Também em prosa poética, é a história de Lena, menina em processo de crescimento, perdendo roupa e sapatos, mas essas perdas eram incompreendidas por ela. Então, ela perdeu a cadeirinha, presente da avó. Chorou e queria reclamar, gritar, brigar, mas tinha medo e vergonha. Porém, ela perdeu algo mais importante, sua própria cama. A partir dessa perda, ocorre o clímax, pois “Lena não aguentou. Perdeu tudo. Perdeu o medo e a vergonha. Perdeu a calma e a paciência. Perdeu as estribeiras” (MACHADO, 2008, p. 23) e reclamou. Os pais entenderam e explicaram as perdas. Explicaram também que ela iria ganhar uma cama nova, banquinho, poltrona e um irmãozinho. A partir deste momento, surgem as reflexões da personagem: “Lena levou um susto. Então ela não ia só perder? Ia ganhar também? E logo um neném? Podia ser bom, divertido. Mas podia ser chato, ruim” (MACHADO, 2008, p. 26).

No final do conto, a fala de Lena para a boneca revela a sua compreensão de como funciona a vida: “para ganhar e para crescer, também é preciso perder. É um jeito de merecer, de dar lugar para a coisa nova aparecer. E ia brincar com o irmão” (MACHADO, 2008, p.29).

Nesse conto, Ana Maria Machado trabalha com os muitos sentidos do verbo perder. Perder pode significar não caber mais na roupa, nem no sapato, nem na cadeirinha, nem na cama. Mas pode ter também o sentido de perder a calma e a paciência. A história de Lena também nos faz refletir que perder e ganhar é uma dinâmica da própria vida e faz parte do crescimento de todas as pessoas.

Figura 3 – *O boto e a estrela*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. Ilustrações Cris Eich. 5. ed. São Paulo: Global, 2008. P. 30/31.

No terceiro conto do livro, “*O boto e a estrela*”, Ana Maria Machado relata a história de um amor impossível de um boto por uma estrela e “brinca” com a palavra *bota*, atribuindo a ela outro sentido inesperado, como se vê em: “num desses saltos, de repente, apaixonou-se. Não foi por uma bôta. Nem por uma bota. Nem por uma gaivota, de mergulho e cambalhota” (MACHADO, 2008, p. 32). Usualmente, não usamos no nosso dia a dia a palavra *bota* como feminino de boto.

O conflito gira em torno das tentativas do boto para se aproximar da estrela: os amigos deram palpite, ele tentou até pescar a estrela, mas não conseguiu. “Foi então que ele viu a linha perfeita. No horizonte. Separando o céu do mar” (MACHADO, 2008, p. 35) e, nessa tentativa de chegar até a estrela, o boto começou a perceber as coisas bonitas que havia no mar. Viu “beleza que não acabava mais” e foi se esquecendo da estrela – “Ou então foi só mudando, vendo em cada coisa bela um pouco da formosura que tinha encontrado nela” (MACHADO, 2008, p. 37).

No momento final da narrativa, o boto, sem perceber, tinha mudado de amor: “Amava agora o mar, com tudo que nele há e que não para de mudar. Com o que guarda no fundo e o

que reflete do mundo. Até o brilho das estrelas, de cometas e luar” (MACHADO, 2008, p. 37). E no final do conto, a autora retoma a “brincadeira” com a palavra bota, no trecho “Além de várias bôtas lindas, no profundo azul do mar” (MACHADO, 2008, p. 37).

Nessa narrativa, o tema do livro é retomado, pois o boto “perdeu” ou “desistiu” de um amor impossível pela estrela que estava bem distante de seu alcance e começou a perceber as belezas do lugar onde habitava, “ganhando” assim um novo amor. Esse conto produz reflexão sobre a ausência do valor ao que está perto, o que ocasiona a busca por algo impossível, distante das pessoas.

3.1.2 O cavaleiro do sonho: as aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha

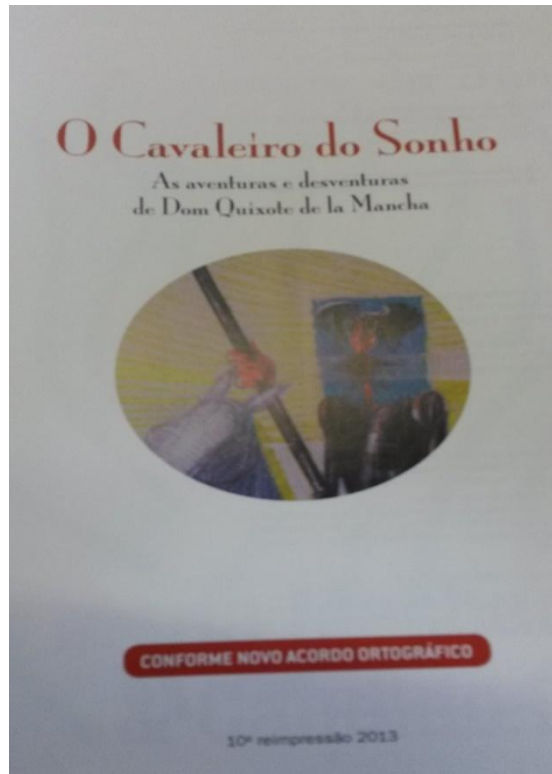
Para a segunda parte da proposta de leitura, o livro selecionado foi *O cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*, a adaptação de Ana Maria Machado com ilustrações de Candido Portinari do clássico de Miguel de Cervantes. São desenhos feitos a lápis de cor sobre papel, papelão e cartão, que fazem parte de imagens da Série Dom Quixote e pertencem ao acervo Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Dom Quixote é considerado o primeiro romance de todos os tempos e vem encantando leitores desde sua publicação, há mais de 400 anos. Essa obra clássica já teve inúmeras adaptações ao longo do tempo, entre elas destacam-se: *O Dom Quixote das crianças* (2010), de Monteiro Lobato, *As aventuras de Dom Quixote em versos de cordel* (2011), por Klévisson Viana, *O Último Cavaleiro Andante* (1999), obra em quadrinhos de Will Eisner, *Dom Quixote em quadrinhos* (2005), por Caco Galhardo e *Dom Quixote* (2014), também em quadrinhos de Philippe Chanoinat e Djian.

Um aspecto importante a mencionar sobre as ilustrações do livro em questão é que elas concorrem para sensibilizar o leitor e despertar o interesse do mesmo pela leitura, uma vez que são retratados os momentos principais da história através de desenhos. De acordo com Lajolo e Zilberman (2006, p. 124), “os livros contemporâneos vão manifestar outro traço de modernidade: a ênfase em aspectos gráficos, não mais vistos como subsidiários do texto, e sim como um elemento autônomo, praticamente autossuficiente”.

Assim, a exploração das ilustrações do livro *O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha* contribui para enriquecer a leitura do texto verbal escrito. Tal característica é de extrema importância, uma vez que as ilustrações são tão poéticas quanto o texto escrito e acrescentam algo a mais à experiência de leitura.

Figura 4 – *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de la Mancha*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ilustrações Candido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005. P. 1.

Considera-se a leitura desse clássico relevante na escola, uma vez que clássicos são obras sempre atuais. Calvino (2007, p. 15) esclarece que “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais compatível”. Assim, é que a adaptação feita desse clássico é bem construída por conservar a essência da obra. Magnani (2001, p. 126) acrescenta que “Dom Quixote é herói/anti-herói entre o cômico/satírico e o épico. Vários planos se entrecruzam no jogo mimético da narrativa que se desenvolve em dois níveis: a literatura falando a vida/a vida falando a literatura e a literatura falando a literatura”.

Esse aspecto antagônico da figura do herói conquista logo de primeira o leitor e o instiga a querer adentrar e acompanhar o personagem em sua trajetória tragicômica. O próprio título já induz o leitor a pensar sobre as aventuras e as desventuras que serão vividas pelo personagem.

Machado (2002, p. 15) esclarece sobre a leitura dos clássicos,

Ninguém deve ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro

eterno que não sai de moda. Tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um. O primeiro contato comum clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente.

A obrigação pela leitura gera um certo desconforto no leitor. Ao ser conquistado pelo texto, o leitor descobre o prazer de ler. Assim, o livro em questão é bem apropriado para o primeiro contato com o clássico, pois essa adaptação do clássico de Cervantes conta com a linguagem e o modo de narrar de Ana Maria Machado, que conquistam o leitor logo nas primeiras linhas.

Na primeira página, a escritora dá o tom de conversa ao livro, uma conversa sobre sonhos e como acreditar neles, a respeito de como os desejos podem consertar o mundo, acerca da leitura alimentando essas aspirações, de pessoas que arriscam a própria vida para viver seus sonhos. Pode-se visualizar esse aspecto na finalização da apresentação através do seguinte trecho: “Este livro é uma conversa sobre isso. Com histórias, aventuras e muitas maluquices bem engraçadas. Uma conversa que deixa a gente pensando. Em doideiras e sonhos. Mas também em amizade e num mundo melhor” (MACHADO, 2005, p. 6).

Como se observa, há um prenúncio sobre o que trata o livro, abrindo um leque de expectativas no leitor. O livro começa contextualizando o lugar e o tempo em que ocorrem os fatos e se detém na descrição do “herói” Dom Quixote. Nesse momento, a autora dá ênfase a um aspecto importante da personagem, o fato de não ser leitor qualquer, e sim dedicado a romances de cavalaria, como ilustra o trecho que segue: “aquelas histórias maravilhosas de cavaleiros andantes que saíam pelo mundo, salvando donzelas, protegendo os fracos, combatendo os poderosos, enfrentando dragões, bruxas, gigantes e feiticeiros para defender os que precisavam de socorro” (MACHADO, 2005, p. 8).

A partir desse momento da narrativa, Dom Quixote decide seguir seu sonho e virar cavaleiro andante. Preparou-se pegando uma armadura do tempo das bisavós, uma viseira para completar o capacete e seu cavalo esquelético rocim. Decidiu-se chamar Dom Quixote de La Mancha, porque era a região da Espanha em que morava, e eleger sua amada e inspiradora uma camponesa que uma vez achara bonita, dando a ela o nome de Dulcineia Del Toboso.

“Em certa madrugada, lá se foi cavaleiro e cavalo a consertar o mundo. Mas como nas histórias de cavalaria, é preciso ser armado cavaleiro” (MACHADO, 2005, p. 10). Dom Quixote tinha uma imaginação que lhe mostrava tudo o que precisava e assim viu uma hospedaria e pensou se tratar de um castelo e o dono da estalagem, seu castelão. Depois de

provocar algumas confusões, o dono da estalagem resolveu fingir que o armara cavaleiro para se livrar de Dom Quixote.

Armado cavaleiro, este não precisou ir longe para consertar o mundo, ao ouvir gritos de socorro e avistar um menino sendo espancado por um brutamontes logo ordenou que ele parasse e soltasse o garoto ou pagaria com a vida se não fizesse o que Dom Quixote ordenara. Mesmo após explicações do agressor, o cavaleiro ordenou que soltasse o indefeso menino, que aproveitou para reclamar dos salários atrasados. O grandalhão disse que ia pagar, mas, quando Dom Quixote se afastou, o homem recomeçou os castigos ao garoto.

Essa foi apenas a primeira de muitas aventuras e confusões que Dom Quixote se envolveu, mas, na adaptação de Ana Maria Machado, o que chama a atenção é a forma como ela narra o encontro e a amizade entre o cavaleiro Dom Quixote e seu fiel escudeiro, Sancho Pança.

Era engraçado ver aqueles dois. Um era magrelo e comprido, num cavalo ossudo. O outro era gorducho e baixinho, num burrico pequeno. Um era nobre e tinha lido um monte de livros. O outro era analfabeto. Lada a lado, cavalgando pelas estradas, iam conversando e ficando amigos. Uma das maiores amizades que já se viu (MACHADO, 2008, p. 18).

Figura 5 – *Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ilustrações Candido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005. P. 15.

As oposições entre Dom Quixote e Sancho não foram empecilhos para que eles construíssem uma das maiores amizades da literatura universal.

No episódio dos moinhos de vento, houve discordância entre os dois e Dom Quixote, mais uma vez, se deu mal. Nesse momento, o fidalgo confundiu os quarenta moinhos de vento

com gigantes malvados. Sancho tentou esclarecer que se tratava apenas de moinhos de vento girando as pás, mas não adiantou e Dom Quixote investiu contra os moinhos e foi jogado longe pela força do vento. Sancho veio acudi-lo dizendo que eram apenas moinhos, mas Quixote retrucou que fora um feiticeiro o responsável pela artimanha.

Mas Dom Quixote nunca desistia, acreditava que seus dissabores eram obra dos feiticeiros ou dos bruxos, seus inimigos.

Nessas aventuras ocorriam muitas desventuras, pois no final sempre Dom Quixote era vítima de surras e pancadas, também ocorriam quedas e ele saía todo machucado como nas vezes em que confundiu rebanhos de ovelhas com exércitos inimigos e avançou contra eles. A reação dos pastores foi violenta com pauladas e pedradas. Mesmo assim, o fidalgo não aprendeu a lição, pois dentro de pouco tempo já estava às voltas com novas lutas, atacando boiada, porém se deu mal outra vez. Em nome da liberdade, Dom Quixote chegou a soltar bandidos, prisioneiros, acreditando defender os pobres contra as injustiças.

Às vezes, as surras também sobravam para o Sancho, que começa a citar vários provérbios como “é... eu só queria uma ilha, mas a vida é assim... cheia de altos e baixos. Um dia é da caça, outro de caçador. Quem muito quer muito perde” (MACHADO, 2008, p. 26), entre outros. Depois de tantas surras, Sancho olhou para Dom Quixote todo quebrado, desdentado, e o chamou de O Cavaleiro da Triste Figura. O nome foi adotado pelo fidalgo com muito gosto.

Depois de fazer um retiro, ser enganado pelas pessoas e ser trancado de novo em casa, Dom Quixote não desiste de sua luta em defesa dos fracos e oprimidos. Nesse ponto do livro, Ana Maria Machado comenta sobre o escritor Miguel de Cervantes, responsável pela criação original da história, que fez mais de um livro para contá-la e como é importante lê-la por inteiro.

Depois de muitas reviravoltas, o próprio Sancho começa a acreditar na imaginação e convence Dom Quixote a lutar, porque quer ganhar sua ilha. Nesse momento da narrativa, Dom Quixote entra na jaula de leões que foram mandados por rei africano ao rei da Espanha. Mas os leões não deram a mínima para ele, que também adotou o nome de O Cavaleiro dos Leões.

Depois, as pessoas enganam Dom Quixote com o propósito de rirem dele. Também fingiram dar a Sancho o governo da ilha com a qual tanto sonhara. Mas, quando inventaram a necessidade de ele comandar exércitos numa guerra, o escudeiro achou melhor renunciar. Nesse momento, há a passagem que demonstra a importância da amizade: “Preferia viver na

aldeia, ser feliz com a família, ou ser escudeiro e andar com seu amigo por toda parte. Amizade era melhor que poder – concluiu ele” (MACHADO, 2008, p. 40).

A vida de aventuras segue, porque os dois, Dom Quixote e Sancho, resolvem, de novo, sair pelo mundo, consertando injustiças. Até que encontram o cavaleiro da Lua Branca com a proposta de desafio a Dom Quixote: uma luta para reconhecer qual é a dama mais bela, que, para Quixote, era Dulcineia Del Toboso. O fidalgo aceitou o desafio, mas perdeu a disputa e preferiu ser morto a trair o nome de Dulcineia. Entretanto, o cavaleiro da Lua Branca poupou a vida em troca da promessa de retorno à sua casa. Dom Quixote atende, mas triste, adoece gravemente. E, lembrando tudo o que viveu, chega à conclusão de ter estado louco e percebe a zombaria de que foi alvo. Sabendo que sua morte iminente, faz um testamento deixando seus bens para a sobrinha e Sancho.

Aproximando-se da conclusão, Ana Maria Machado informa ao leitor sobre a imortalidade de Dom Quixote, pois ele continua vivíssimo na lembrança dos homens e nos livros. Seu sonho de consertar o mundo também não morreu. Seu exemplo continua inspirando homens quando e onde menos se espera.

No final do livro, a autora declara como Candido Portinari produziu os desenhos que ilustram o livro e leva o leitor a refletir sobre a importância de obras como *Dom Quixote* e *Guerra e Paz*, e que seus criadores, Cervantes e Portinari, embora mortos fisicamente, são imortais nas obras que permanecem até nossos dias.

Ao ler as obras selecionadas de Ana Maria Machado, o aluno-leitor sai dessa experiência tocado, modificado de alguma forma, pois ambas levam a refletir mais pausadamente sobre os fatos narrados e sobre suas próprias vivências. Assim, mesmo que seja uma inquietação sobre a linguagem, sobre os temas, elas fazem com que os novos leitores dialoguem com o texto, pois possibilitam essas aberturas e aproximam cada vez mais escritor/leitor.

O objetivo de aproximar obra literária e leitor decorre em grande parte da escolha do professor, da percepção e da sensibilidade de que a temática das obras – “perdas”, “ganhos”, “solidão”, “sonhos”, “amizade” – envolve não apenas as personagens das histórias, mas a vida do homem em todas as suas fases. O fato de essas personagens, apesar de fictícias, vivenciarem questões inerentes a todo ser humano desperta o interesse, aguça a imaginação e promove a reflexão por parte do leitor.

Nelly Novaes Coelho (2000) *apud* Cantarin (2008, p. 39-40) levanta características de estilo e estrutura referentes à literatura infantojuvenil contemporânea com traços pós-

modernos, que podem ser encontradas na maioria das obras infantis e juvenis de Ana Maria Machado. Entre as mesmas, cita-se:

- Sequência narrativa: procura-se propor problemas a serem solucionados de maneiras diferentes ao invés de apresentar respostas prontas.
- Personagens: há forte presença de personagem questionadora que põe em cheque às estruturas prontas, um convite à reflexão.
- Voz narradora: mostra-se mais consciente da presença de um leitor possível, em um tom familiar e até de diálogo.
- Ato de contar: crescente valorização da linguagem e todos os processos a ela relacionados;
- Espaço: percebe-se uma preocupação crescente em mostrar as relações existentes nesse espaço a fim de conduzir à reflexão; natural do ser humano.
- Nacionalismo: busca as origens para definir a brasilidade em suas múltiplas culturas;
- Exemplaridade: deixa de ser usada somente com intenção pedagógica e passa a revelar a ambiguidade. CANTARIN (2008, p. 39-40)

Isso é observado nas obras selecionadas, principalmente, as cinco primeiras características, que são evidentes em suas respectivas leituras.

De acordo com Silva (2009, p. 208),

Ana Maria Machado é uma digna representante do final do século XX, pois retrata em sua obra as diversas faces e valores da cultura ocidental desse momento histórico. Como pessoa, da mesma forma, ela representa bem o século que a gerou.

Dessa forma, como já mencionado anteriormente, pode-se perceber a atualidade das obras e dos temas tratados por essa importante escritora brasileira.

Portanto, acredita-se que é indiscutível o valor das obras propostas para a leitura, acrescentando-se, assim, motivos mais do que justos para enriquecer a experiência leitora dos alunos do ensino fundamental.

4 PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

4.1 Contextualização da escola e do público-alvo

Para o desenvolvimento da atividade de leitura, o público alvo é de setenta alunos, de duas turmas do 7º ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 11 a 14 anos, estudantes do turno da manhã da Escola Municipal Senador Álvaro Adolfo. Essa escola foi fundada em 11 de agosto de 1983 e está localizada na rua Magalhães, s/n, no bairro da Guanabara, a cerca de quinhentos metros da rodovia BR-316, na cidade de Ananindeua, na chamada região metropolitana da grande Belém, estado do Pará. A escola possuía, em 2014, 749 alunos distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite, nas seguintes modalidades de ensino: fundamental do 6º ao 9º ano e de 1ª a 4ª etapas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A Escola Municipal Senador Álvaro Adolfo apresenta a seguinte estrutura física: oito salas de aula, uma sala de direção, uma de coordenação, uma de secretaria, uma para os professores, uma de informática e uma, onde estão guardados os dicionários, os livros enviados pelo PNBE-MEC e os instrumentos musicais. Esta sala pequena chamada de multifuncional funcionava para aulas de reforço do projeto Mais Educação, no contra turno. Há também uma quadra de esportes não coberta, um espaço de refeitório e banheiros para alunos e funcionários.

Os setenta alunos formaram, em 2014, duas turmas heterogêneas, sendo a primeira, 7º ano A, constituída por 35 alunos, sendo 17 meninos e 18 meninas com faixa etária entre 11 e 12 anos. A segunda turma, 7º ano B, constituída também por 35 alunos, sendo 15 meninos e 20 meninas com a mesma faixa etária da turma A. Praticamente a totalidade dos alunos dessas turmas residem nas proximidades da escola. Os mesmos são oriundos de famílias de baixa renda como a maioria da clientela da instituição.

Tal intervenção justifica-se em virtude de dados coletados através de aplicação de questionário no primeiro semestre de 2014⁶ na referida escola acerca dos hábitos de leitura e quantitativo de livros lidos pelos alunos das turmas mencionadas. Como se observou, uma parte considerável dos alunos responderam que gostavam de ler, mas na sequência não conseguiam informar nenhum nome de livro ou autor lido. Outro dado que motivou a escolha de Ana Maria Machado foi que dos setenta alunos, apenas um conhecia a autora pela leitura do livro *A menina bonita do laço de fita*. Desse modo, a proposta de leitura da escritora

⁶ Para **Dados obtidos pela aplicação do questionário**, ver **Anexo 2**.

representou uma forma de rever a prática pedagógica desenvolvida até então e um estímulo para conquistar leitores no universo escolar.

O projeto de leitura tem como objetivo geral apresentar a obra infantojuvenil de Ana Maria Machado aos alunos do ensino fundamental e, assim, aproximá-los do texto literário a fim de ampliar suas competências leitoras e seus repertórios de leitura. E como objetivos específicos: incentivar a leitura oral dos alunos, reconhecer a prosa poética, o valor do clássico e os diversos sentidos dos textos literários e produzir diário de leitura com as impressões acerca das obras lidas.

A meta principal é que os setenta alunos realizem a leitura dos dois livros de literatura infantojuvenil em um período de quatro meses no ano de 2014.

4.2 Metodologia utilizada

Como estratégias para o ensino de literatura na escola-campo, a fim de proporcionar o letramento literário para a construção de uma comunidade de leitores, utilizou-se como referência a sequência básica, proposta por Cosson (2014, p. 48), que se baseia na técnica da oficina e conduz o aluno a aprendizagem da leitura através da prática. Outra técnica defendida pelo autor (Cosson, 2014, p. 48) é a do andaime, na qual cabe ao professor sustentar as atividades a serem desenvolvidas, mas também é responsabilidade do aluno desenvolver uma autonomia para realizá-las a partir de pesquisas. E, finalmente, a outra perspectiva é a do registro das atividades realizadas através da proposta de produção de um diário de leitura, a qual será abordada no próximo tópico.

A sequência básica do letramento literário na escola, segundo Cosson (2014, p. 51) é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

A motivação procura explorar a antecipação que o leitor faz diante de um título de um livro, buscando despertar seu interesse pela leitura. Para Cosson (2014, p. 54), na escola, a preparação para a leitura requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo da leitura como um todo. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

A introdução, por sua vez, é a apresentação do autor e do romance a ser lido. O professor deve realizar a apresentação física da obra, chamando a atenção para leitura da capa, da orelha e de outros elementos para textuais que introduzem um romance.

Para Cosson (2014, p. 62), “a leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, o que não deve ser perdido de vista”. O

acompanhamento da leitura é importante, porque o professor percebe as dificuldades dos alunos e, assim, pode auxiliá-los. Ainda segundo o autor, “a leitura do texto literário é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente” (Cosson, 2014, p. 63). No caso do projeto de intervenção, a leitura se deu em sala de aula por serem textos curtos. Entre uma leitura e outra, eram feitos os intervalos com discussões sobre algumas questões para que os alunos construíssem o sentido dos textos.

De acordo com Cosson (2014, p. 64), “a interpretação parte do entrecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”. É importante pensar a interpretação a partir de dois momentos: um interior e outro exterior.

O momento interior é a decifração, é o encontro do leitor com a obra, é o contato íntimo, é uma experiência individual, única e insubstituível. Cosson (2014, p. 65) diz que “o texto literário é um labirinto de muitas entradas, cuja saída precisa ser construída e sempre pela leitura dele”. O momento externo é a concretização, a materialização como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. O princípio da externalização da leitura é seu registro.

O processo de externalizar a reflexão sobre a leitura de textos pode ser oral ou escrita. Preferiu-se, nesta proposta, utilizar o registro escrito com a produção de um diário de leitura para posterior discussão em turma.

Para melhor realizar esta proposta de leitura, foi necessária a elaboração de um material didático-pedagógico específico⁷, intitulado caderno de atividades, abordando os passos da sequência básica proposta para a leitura dos textos das obras: *Quem perde ganha* e *O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e Desventuras de Dom Quixote de La Mancha*, de Ana Maria Machado. Também consta nesse material a exploração das ilustrações das obras, trechos dos textos lidos e a proposta de registro do diário de leitura, instrumento a ser produzido pelos alunos à medida em que farão a leitura das obras.

Antes de apresentar o texto literário aos alunos, é necessário apresentar a proposta de trabalho e o motivo de seu desenvolvimento para que os alunos tivessem consciência do problema que se buscava resolver com a aplicação das aulas.

Dentro da carga-horária da disciplina de língua portuguesa de 6 aulas semanais, foram disponibilizadas duas aulas de 45 minutos a partir de 10 de setembro de 2014 para realizar a leitura das obras de Ana Maria Machado. Assim, surgiram as denominadas quartas literárias,

⁷ Para íntegra do **Caderno de Atividades** original, ver **Anexo 3**.

especialmente para a leitura das obras, finalizadas em 10 de dezembro do mesmo ano, com o total de 26 horas-aulas.

Os procedimentos metodológicos utilizados durante a aplicação da proposta foram assim desenvolvidos:

No primeiro dia, 10/09/2014, foi apresentado aos alunos o projeto de leitura de duas obras de Ana Maria Machado com a justificativa de contribuir e ampliar as experiências de leitura do texto literário. Houve também a explicação dos objetivos, principalmente em realizar a leitura e interpretação de duas obras de uma escritora brasileira, esclarecendo a metodologia utilizada (motivação, introdução, leitura e interpretação) e o calendário das atividades (quartas-literárias). Realizou-se, então, a apresentação da autora Ana Maria Machado e dos livros escolhidos. Esses livros foram mostrados aos alunos, que puderam tocá-los, folheá-los, de modo que sentissem sua materialidade e a vontade de lê-los.

4.2.1 Texto *Fiapo de trapo*

As atividades de pré-leitura do texto *Fiapo de trapo* foram importantes, pois houve a exploração dos elementos visuais da obra e a preparação para a leitura.

Em seguida, iniciou-se a motivação inicial para a leitura através da seguinte pergunta: “Vocês sabem o que é um espantalho?”. Essa atividade pré-leitura foi importante para despertar a curiosidade dos alunos para a leitura. Diante de algumas respostas dos alunos, com o auxílio de um dicionário, buscou-se uma resposta mais precisa: “**Espantalho:** s.m. **1.** Boneco ou qualquer objeto que se coloca no campo para espantar aves e roedores da seara. **2.**Fig. Pessoa muito feia e mal vestida. **3.** Fig. Pessoa inútil, sem nenhum préstimo”.⁸

O uso do dicionário foi importante para que os alunos percebessem que as palavras podem ter mais de um significado. Entre eles, o sentido literal e o figurado.

Em seguida, foi realizada a primeira leitura oral pela professora, necessária para que os alunos pudessem se familiarizar com a leitura diferenciada de entonações e elementos melódicos do texto, características da prosa poética. A realização da primeira leitura pelo professor é importante, pois, como leitor mais experiente, pode servir de modelo aos alunos. Durante a leitura oral, o aluno vai acompanhando o texto, observando os recursos de linguagem utilizados e já pode formular hipóteses sobre ele.

⁸SACCONI, Luiz Antonio. **Dicionário essencial da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001.

Foi proposta uma segunda leitura, dividida por dois alunos, um menino e uma menina, que se voluntariaram para realizá-la. Uma segunda leitura é importante para que os alunos também pudessem demonstrar suas habilidades de leitura em voz alta, observando sua dicção e respeitando as entonações, pausas e recursos melódicos do texto.

Após a leitura, realizou-se o momento das discussões orais, envolvendo algumas questões selecionadas para a compreensão do texto. Este momento foi igualmente importante, pois possibilitou aos alunos a apreensão dos fatos do texto, de caráter individual, que envolveu atitudes antes e durante a leitura.

A primeira questão referiu-se aos motivos que tornavam o personagem principal da história, espantalho, diferente dos demais. Houve, então, o posicionamento de alguns alunos, que destacaram os elementos textuais como “ele era bonito e elegante”, “tinha roupa de gente ir à festa”, “chapéu de veludo”, “camisa cor-de-rosa com coração bordado no peito”, “gravata de seda”, “cinto estampado”, “palha do recheio macia e cheirosa”, “tinha o dom de sentir as coisas ao seu jeito”, “sofria com a solidão”, “tinha vontade de chamar os pássaros”, etc.

Em seguida, houve o questionamento sobre o sentido de algumas palavras usadas no texto. Sugeriu-se aos alunos a consulta, novamente do dicionário, para que eles discutissem os seguintes trechos: a) “O espantalho elegante era mesmo um espanto” (Espanto significa medo, assombro ou algo que causa admiração ou pode significar os dois?); b) “Pássaro de todo canto” (canto foi usado no texto com sentido de lugar ou de todo tipo de cantar ou os dois?); c) “E o espantalho ficava no tempo”(tempo no sentido de relento ou período de tempo ou os dois?); d) “Um dia em que muda o tempo e um tempo novo se inicia” (mudar o tempo no sentido de mudança das condições climáticas ou de uma nova estação do ano se inicia ou os dois? E tempo novo no sentido de mudar a condição de vida ou de um novo modo de viver ou os dois?).

Essas discussões levaram os alunos a concluir que as palavras destacadas no texto não apresentavam um único sentido, o do dicionário, mas que poderiam ter seu sentido orientado pela intenção de quem escreve ou do contexto em que foram utilizadas. No caso do texto de Ana Maria Machado, o uso de palavras com mais de um sentido foi proposital e faz o leitor a pensar em todas essas possibilidades.

Outra questão de discussão foi acerca das características do texto em prosa poética, pois é organizado em parágrafos, mas com a presença de ritmo, obtido pelo uso de rimas, próprias da poesia. Questionados se haviam lido algum texto ou livro estruturado assim, os alunos responderam que não, mas que gostaram desse tipo de organização textual.

Depois, foi proposta uma interpretação dos momentos da narrativa, pois o texto apresentava muito bem delimitadas as sequências. Essa atividade foi importante para que os alunos percebessem bem o conflito apresentado na história. Oralmente, perguntou-se sobre a situação inicial, o conflito ou complicação, o clímax e o desfecho e solicitou-se que eles as delimitassem no texto. Previamente, foi explicado as características ou marcas de cada uma dessas sequências. Grande parte dos alunos conseguiram perceber os momentos narrativos e, com base neles, construíram o sentido do texto, o qual foi compartilhado entre eles. A partir das respostas orais, percebeu-se que a maioria dos estudantes constatou o sofrimento do espantalho com a solidão e o fato de ele querer estar próximo dos pássaros, mas em vão. Porém, através da tempestade, foi desmanchado e misturado com as palhas dos ninhos e, dessa forma, acabou ficando perto de quem queria.

Finalizou-se a aula com a proposta de registro a ser feito em casa das impressões e reflexões sobre o texto durante a leitura com a produção de uma página de um diário de leitura. Essa atividade foi interessante para cada aluno externalizar seu entendimento e sua ideia sobre o texto.

A segunda quarta literária ocorreu no dia 17/09/2014, com a retomada do texto anterior, em relação ao seu desfecho poético, pois após a tempestade o espantalho virou adubo, pedaços de ninho, do galinheiro, levando maciez, calor e amor aos filhotes de pássaros.

Houve, então, o momento de discussão das “perdas e ganhos” ocorridos na história e a construção do sentido do texto através das reflexões provocadas pela leitura. A seguir, houve instruções mais detalhadas para a produção da primeira página do diário de leitura anteriormente solicitada, a partir dessas reflexões.

4.2.2 Texto *A menina que vivia perdendo*

As atividades de pré-leitura incluíram as expectativas dos alunos-leitores a partir do título do conto e a ilustração inicial das páginas 19-20. Passou-se em seguida a motivação inicial através da pergunta: “Vocês acham que até hoje perderam mais ou ganharam mais? O que acham que ganharam? O que acham que perderam?”. Na turma A, ocorreu um empate, mas na B, a maioria disse que ganhou mais do que perdeu.

Passou-se em seguida para a primeira leitura oral do texto realizada pela professora para que os alunos se familiarizassem com o ritmo e a sonoridade do texto. Foi proposta a segunda leitura, realizada por dois alunos que se voluntariaram para realizá-la com discussão

oral a partir da seguinte questão: Qual a relação entre os textos lidos? Os alunos relataram a questão das perdas e ganhos que ocorrem nos dois textos, e o fato de haver também nesse texto as rimas e ritmos, apesar da organização em parágrafos, elementos da prosa poética.

Nesse segundo texto, foi solicitado aos alunos que percebessem os sentidos do verbo perder e verificassem se eles possuem o mesmo sentido em todas as ocorrências. Foi orientado o uso do dicionário. Destacou-se, então, alguns trechos: a) “A menina que vivia perdendo”; b) “Quer dizer, não é que ela perdesse sempre nos jogos que brincava”; c) “Também não era desse tipo de gente que perde coisas e tem que procurar”; d) “Como esta menina perde roupa”; e) “Perdeu tudo. Perdeu o medo e a vergonha. Perdeu a calma e a paciência”; f) “Perdeu as estribeiras”. Em seguida, os alunos constataram que em relação ao sentido do verbo perder, a autora também utilizou em diversos sentidos para levar o leitor a refletir sobre isso.

Retomou-se o enredo da história de Lena, observando os momentos narrativos, dando ênfase ao conflito da personagem e chamando a atenção para o desfecho, com o seguinte questionamento: Lena perdeu ou ganhou? A maioria dos alunos responderam que ela ganhou um irmãozinho, e isso é mais importante que tudo. Para alguns alunos, houve uma identificação bem grande com o texto, pois muitos também ganharam irmãos mais novos.

Finalizou-se a atividade com a proposta de registro a ser feito em casa das impressões sobre o texto durante a leitura, construindo uma outra página de um diário de leitura.

A terceira quarta-literária (24/09/2015) começou com a retomada do desfecho da história de Lena: “Para ganhar e para crescer, também é preciso perder. É um jeito de merecer, de dar lugar para a coisa nova aparecer. E ia brincar com o irmão” (MACHADO, 2008, p. 29). Após essa retomada, ocorreu a discussão sobre as reflexões trazidas pelo texto e a proposta de registro delas nas páginas do diário de leitura.

4.2.3 Texto *O boto e a estrela*

As atividades de pré-leitura para a leitura do terceiro conto do livro ocorreram com mostra das imagens ilustrativas das páginas 30-31, nas quais há a representação do personagem principal da história. Houve, a seguir, a motivação para a leitura do texto, intitulado *O boto e a estrela*, do mesmo livro de Ana Maria Machado, a partir as seguintes perguntas: Vocês conhecem alguma história em que o personagem principal seja o boto? E de alguma em que é o boto que se apaixona? Qual? Vocês sabem qual é o feminino de boto? Essas questões foram relevantes porque, na região amazônica, o boto é visto, nas histórias

populares contadas, como o sedutor, o conquistador das mulheres ribeirinhas, mas, nessa história, quem se apaixona é ele.

Houve a primeira leitura oral realizada pela professora para que os alunos se familiarizem com a estrutura e linguagem do texto. A segunda leitura foi realizada por dois alunos voluntários, essa releitura foi importante para que os alunos percebessem melhor o enredo do texto.

Passou-se, então, para as discussões orais sobre as questões levantadas anteriormente para compreender o texto. Foram retomadas as características de prosa e de poesia, que organizam o texto em prosa poética, assim como foram lembrados também os momentos da narrativa no conto lido, como situação inicial, conflito, clímax e desfecho.

Solicitou-se aos alunos que verificassem os significados das palavras bôta e bota no trecho: “Num desses saltos, de repente, apaixonou-se./Não foi por uma bôta. Nem por uma bota”, pois a autora faz uma brincadeira com uma palavra bota.

Outro ponto levantado para os alunos foi a relação entre o nome do livro de onde foi retirada a história *Quem perde ganha* e a história lida. Afinal, o boto ganhou ou perdeu? A maioria dos alunos afirmaram que ele ganhou um novo amor, o mar.

Finalizou-se com a proposta de registro a ser feito em casa das impressões sobre o texto durante a leitura, a página de um diário de leitura de *O boto e a estrela*.

A quarta literária do dia 01/10/2014 iniciou com a retomada do desfecho anterior: “Quando menos esperou tinha mudado de amor. Amava agora era o mar, com tudo que nele há e que não para de mudar. Com o que guarda no fundo e o que reflete do mundo. Até o brilho das estrelas, de cometas e luar. Além de várias botas lindas, no profundo azul do mar” (MACHADO, 2008, p. 37), seguida de reflexões sobre a mudança de amor e as belezas do mar.

4.2.4 O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha

Iniciou-se a apresentação do segundo livro de Ana Maria Machado, a adaptação do clássico de Cervantes, *O Cavaleiro do Sonho: As Aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*, chamando a atenção para o fato de o livro ser ilustrado por Candido Portinari. Como tratava-se de uma obra com 50 páginas, para melhor efetivar a leitura, a obra foi dividida em cinco partes, uma vez que o tempo de aula era insuficiente para lê-la na totalidade e de uma só vez. O livro foi passado de mão em mão de cada aluno, para que pudessem sentir a materialidade da obra e ver as ilustrações.

Passou-se, então, para a motivação inicial da leitura a partir de algumas questões levantadas, entre elas: Quais os seus sonhos? O que você seria capaz de fazer em nome de seu sonho? Qual o limite entre sonhar e viver sonhando? Que amigo você levaria para viver com você o seu sonho? Por quê? Você sabe o que é um clássico? Já ouviu falar de Dom Quixote de La Mancha? Onde? E de Candido Portinari? A partir do título, o que você espera do livro? Cada questão foi discutida em grupo, no qual alguns alunos externalizaram suas ideias.

Em seguida, a leitura oral da apresentação do livro foi realizada pela professora, que também realizou a leitura oral da primeira parte da história. Igualmente, houve a leitura oral realizada por dois alunos.

As quartas literárias dos dias 08/10/2014, 22/10/2014, 29/10/2014 e 05/11/2014 foram iniciadas com releituras orais realizadas pela professora dos trechos interrompidos na quarta anterior, para que os alunos recordassem o momento em que esta foi parada. Após a releitura, houve a continuação da segunda, terceira, quarta e quinta partes da leitura oral do livro *O Cavaleiro do Sonho*, respectivamente, realizadas pela professora, seguida de leitura oral feita por dois alunos.

Já na quarta do dia 12/11/2014, houve a mostra das ilustrações feitas por Candido Portinari que fazem parte do livro em estudo. Houve também a exibição de outras adaptações do clássico Dom Quixote para os quadrinhos de Will Eisner, Caco Galhardo e Philippe Chanoinat e Djian, para a literatura de cordel e a adaptação de Monteiro Lobato para o clássico.

Na quarta do dia 19/11/2014, iniciou-se com a retomada da história de Dom Quixote e, dos momentos narrativos, realizaram-se as discussões orais com as questões: Como a leitura de livros de romances de cavalaria influenciou Dom Quixote a ser cavaleiro andante? Por que era engraçado ver Dom Quixote e Sancho Pança lado a lado pelas estradas? O que você concluiu sobre o episódio dos moinhos de vento? Por que Sancho chamou Dom Quixote de O cavaleiro da triste figura? Por que as pessoas tentavam enganar Dom Quixote? Depois de ganhar sua ilha, Sancho desistiu dela. Por quê? Por que Dom Quixote adoeceu gravemente? Como a história de Dom Quixote se relaciona com a história de Portinari?

À medida que os alunos discutiam suas respostas, iam construindo o sentido do texto.

Para finalizar, foi proposta uma pesquisa complementar no site da escritora Ana Maria Machado⁹ sobre suas histórias e obras com o objetivo de socializar com a turma na quarta literária. Também foi proposto o registro a ser feito em casa de suas impressões sobre o livro

⁹ Disponível em: <www.anamariamachado.com>. Acesso em: 10 mai 2015.

O cavaleiro do sonho, com a produção da última página do diário de leitura para posterior socialização com a turma.

A quarta do dia 26/11/2014 foi de socialização dos diários de leitura, na qual os alunos realizaram voluntariamente a leitura oral de seus textos. Uma boa parte dos alunos concluiu essa atividade. Após as leituras, foi promovida uma roda de conversa sobre o que eles acharam de importante nas atividades e como as leituras das obras de Ana Maria Machado acrescentaram em suas experiências como leitores.

Já na quarta do dia 03/12/2014, ocorreu a socialização das pesquisas feitas no site da Ana Maria Machado em grupo; cada um apresentou um pouco mais sobre a autora. Depois da apresentação dos trabalhos, ocorreu uma roda de conversa sobre os trabalhos realizados em grupos.

A última quarta literária ocorreu no dia 10/12/2014, com a avaliação geral do projeto de leitura da obra de Ana Maria Machado, realizada pela professora, que apresentou os pontos positivos (o interesse, a participação dos alunos, a qualidade dos textos lidos, a importância da leitura literária para a compreensão e ampliação dos textos), e os pontos negativos (ausência da obra original, falta de comprometimento de alguns alunos – felizmente, a minoria – na participação das atividades desenvolvidas). Os alunos também avaliaram o projeto como positivo, principalmente porque gostaram muito dos textos. Finalizou-se com os agradecimentos e a leitura de um poema baseado na obra *Dom Quixote*¹⁰.

4.3 Diário de leitura: a voz dos sujeitos-leitores

O diário é um gênero textual em que a escrita tem como destinatário o próprio locutor, utilizando para sua produção a linguagem informal. Desse modo, o locutor tem total liberdade para escrever aquilo que deseja. Tratando-se de um diário de leitura, o foco direciona-se para um registro escolar. Entretanto, por ser um gênero de caráter pessoal, a liberdade no registro é bastante evidente.

Como o objetivo para a produção de um diário de leitura não é avaliar o escrito, mas as impressões, sentimentos e sensações sobre o lido, o registro torna-se bastante relevante.

De acordo com Cosson (2014, p. 133),

O professor orienta o aluno a escrever um diário, registrando suas impressões sobre o livro durante a leitura. O diário pode assumir várias feições: o diário de leitura,

³ Para íntegra do **Poema Dom Quixote**, ver **Anexo 4**.

que é o registro feito em casa pelo aluno à medida que for cumprindo os prazos acertados com o professor.

Assim, a proposta de escrita está relacionada a recepção dos textos lidos. Mesmo que resenhem os textos lidos, que busquem escrever para si mesmos, para os colegas e para a professora num tom de diálogo e não monólogo.

Para Machado (2005, p. 63), “o diário de leituras mesmo que seja um gênero privado no processo inicial de sua produção, ele se configura como um artefato que pode tornar-se instrumento de reflexão, desencadeador de múltiplos diálogos – internos e externos”.

Como experiência capaz de suscitar uma pluralidade de vozes, o diário de leitura traduz também o percurso de cada leitor em contato com o texto. “O diário de leitura é um texto produzido por um leitor, à medida que lê, com o objetivo maior de dialogar, de conversar com o autor do texto, de forma reflexiva”. (MACHADO, 2005, p. 64)

Ainda, segundo Machado (2005, p. 69),

A posição favorável à introdução da produção e da discussão de diários de leitura na situação de leitura escolar deriva exatamente da crença de que elas podem levar alunos e professores a outras formas de conduta durante a atividade de leitura escolar e conduzi-los a uma compreensão mais dialógica ou mais ativa.

Assim sendo, considera-se importante que o professor ao propor a atividade de produção de diário de leituras possibilite o diálogo entre o texto/o aluno-leitor/o professor em busca de uma compreensão do texto.

De acordo com Machado (2005, p. 69), na orientação para a produção dos diários de leituras, de acordo com o nível de escolaridade, de acordo com os objetivos que se quer atingir e ainda de acordo com os textos lidos, os professores devem instruir seus alunos a:

- Indicarem o que julgam mais interessante no texto, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo;
- Exporem suas dúvidas e posicionamentos diante do que o texto propõe;
- Explicitarem em que o texto lido contribui para sua aprendizagem, para mudanças em sua prática de leitura ou para a prática de produção e mesmo para sua profissão;
- Relacionarem as informações que o texto lhes traz aos diferentes tipos de conhecimentos que eles já têm, a diferentes discursos com os quais já entraram em contato, a suas diferentes experiências de vida, etc (MACHADO, 2005, p. 69).

Pelos objetivos propostos e pelo nível de escolaridade dos alunos, as instruções que se encaixam nesse trabalho são as duas primeiras, uma vez que a clientela do ensino fundamental é de alunos-leitores iniciantes ainda no contato inicial com o texto literário, mas à medida em

que essa experiência for ampliada, outras instruções mais complexas podem ser orientadas aos mesmos.

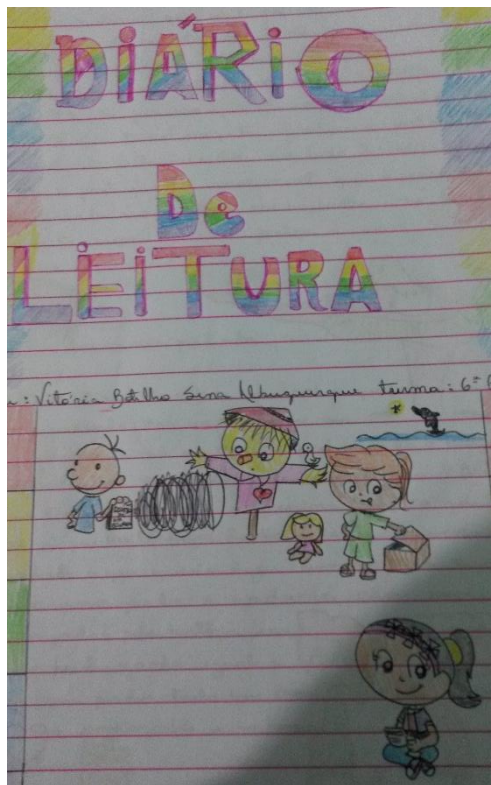
Para Machado (2005, p. 72), “a produção e discussão de diários de leitura permite que o aluno dialogue com o texto, que coloque textos em diálogo, que dialogue com os colegas e com o professor, permitindo-lhe assumir e expressar sua voz”.

Nesse sentido, a relevância na produção de diário de leituras ocorre no entrelaçamento de vozes, favorecendo a construção de diálogos possíveis a partir da leitura de obras literárias de qualidade reconhecida.

A seguir, apresenta-se algumas páginas do diário de leitura dos alunos do ensino fundamental, sujeitos-leitores das obras analisadas anteriormente, que demonstram como se deu a receptividade, o entendimento e a visão deles dos textos lidos. Para isso, esses depoimentos estão organizados por ordem de leitura das obras.

4.3.1 Análise das páginas do diário relativas a primeira obra lida *Quem perde ganha*

Figura 6 – Capa de um dos diários de leitura produzido por uma aluna do 7º ano da escola pesquisada



Fonte: Arquivo da pesquisadora (resultados alcançados no projeto).

Percebe-se, com base nas páginas do diário de leitura dos alunos, que a leitura do texto *Fiapo de trapo* contribuiu para a formação de leitores, pois acrescentou-lhes novidades em sua vivência.

A leitura desse texto também causou várias sensações nos alunos, como emoções, contentamento e reflexões sobre solidão, perdas e ganhos e, que, por tudo isso, foi bastante significativa para a vida deles. O trecho, a seguir, evidencia a contradição de emoções causadas ao aluno-leitor, pelo primeiro texto: “O texto *Fiapo de trapo* é legal, mas um pouco triste porque conta a vida de um espantalho que só queria uma coisa, que os pássaros estivessem com ele” (Informante A).

Percebe-se também que boa parte dos alunos compreenderam a essência do texto de Ana Maria Machado, que é a questão da solidão do espantalho que, com a mudança e passagem do tempo, acaba por se desmanchar e servir como adubo para a plantação e maciez para os ninhos dos passarinhos, como demonstra o seguinte depoimento: “Adorei essa história, o espantalho tão bonito e solitário, sem ninguém pra conversar ou desabafar, mas o final é melhor que o começo, a tempestade vem e destrói tudo, o espantalho morre, mas fica vivo em cada ninho de passarinho” (Informante B).

Desse modo, o texto trouxe reflexões profundas, pois os alunos, de fato, fizeram a reflexão de que, de certa forma, o fim do espantalho representou renovação para as plantas e carinho para os pássaros, como se observa no trecho seguinte: “Ele era um espantalho, mas tinha sentimentos só por causa que ele tinha na camisa um coração. A parte que eu achei mais legal foi a parte que ele se desmanchou porque nesse instante ele ficou feliz porque ajudou na plantação e no ninho” (Informante C).

Houve uma extrapolação da leitura pelo informante D com relação ao urubu, que não consta no texto: “Ele passa frio, calor, ele pode espantar urubu e é muito engraçado e eu achei esse espantalho tão bonito e muito elegante e ele ficava no milharal espantando urubu. Obrigada, tia, por mais um texto bonito”. Tal ocorrência se observa pelo fato de os pássaros citados no texto não fazerem parte da realidade dos alunos, então o informante acabou por fazer referência a um pássaro próximo a sua realidade. No entanto, os elementos novos trazidos pelo texto entusiasmaram o leitor, que se sente agradecido por ter tido contato com texto de boa qualidade.

As novidades trazidas pelo texto colaboraram com o despertar do gosto dos alunos que não apenas foram conquistados pela linguagem do mesmo, como também adquiriram novos conhecimentos em suas vidas, descobrindo coisas novas, como é evidenciado por: “o que chamou minha atenção foram aqueles nomes dos pássaros porque são diferentes, legais, mas

ao mesmo tempo estranhos e o jeito do espantalho se vestir também era estranho porque nunca vi espantalho bonito e elegante” (Informante E).

Em relação a novidade da estrutura do texto em prosa poética, o informante F assim se posiciona, demonstrando que tal estrutura o conquistou para novas leituras, adicionando novidades ao seu conhecimento literário e encorajando sua formação como leitor, uma vez que o mesmo percebeu a importância da leitura para sua vida: “Falando sobre o texto *Fiapo de trapo* eu gostei, muito legal de se ler porque eu achei diferente por ser em prosa poética, também a forma como foi escrita, as rimas muito legais e me incentivou a ler mais livros e me fez perceber como é importante ler e é o que tenho a dizer sobre esse texto, *Fiapo de trapo*”.

Nesse contexto, observa-se a importância da inserção de novas estruturas como a prosa poética como contribuição para o aluno-leitor refletir sobre a própria leitura e conhecer novos recursos de linguagem na formação do texto.

Pelos depoimentos sobre o segundo texto *A menina que vivia perdendo*, percebeu-se que grande parte dos alunos o receberam, também, muito bem e demonstraram compreendê-lo. Algumas meninas, em especial, se identificaram com a história, pois também estão passando pelo processo de crescimento, o que envolve perdas e ganhos, seus lados positivos e negativos, como comprovam os seguintes depoimentos:

“Eu, na verdade, me identifiquei muito com esse texto, porque fala de uma garota que vivia perdendo, não como se perdesse coisas e tem que procurar, a menina estava passando da fase de criança para a fase adolescente. Ela tava crescendo, mas ela ficou muito confusa, tudo estava sendo rápido demais. Gostei muito desse texto, ele quis explicar que uma hora nós vamos ter que crescer, evoluir e ter mais maturidade, gostei muito” (Informante F).

“Amei essa história, me identifiquei com ela. Quando eu era criança perdi muitas coisas, mas ganhei outras em troca, até mesmo perdi meu avô e ganhei meu irmão. Eu perdi, mas também ganhei” (Informante G).

Essa identificação com a temática do texto causa uma proximidade entre leitor/texto/autor que foi decisiva para o encantamento e a vontade de ler, uma vez que o sentimento de identificação do leitor o faz aproveitar ainda mais a leitura, o que acaba por incentivá-lo a procurar novas obras, que causem sensação similar de pertencimento.

Com a leitura desse segundo texto, alguns alunos começaram a perceber o processo criativo de Ana Maria Machado, com a utilização de rimas que trazem um ritmo diferenciado ao texto e, com isso, alcançou-se objetivo principal da proposta: aproximá-los da autora, possibilitando a compreensão de sua obra para o público infantojuvenil.

O depoimento a seguir comprova que a criatividade da escritora, além dos temas abordados por ela durante a obra, são elementos a mais na conquista do leitor, gerando interesse e compreensão por parte dos alunos: “Esse texto é muito interessante e acho que essa autora, Ana Maria Machado, tem ideias muito criativas para fazer seus textos e para provar que ela é boa, ela fez *Fiapo de trapo*, um texto que eu amei também e esse texto *A menina que vivia perdendo* é muito legal, fala sobre uma menina que vivia crescendo e por isso as coisas que ela tinha não dava, não abotoava e nem cabia mais nela” (Informante H).

Outro aspecto a considerar é em relação ao sentido do verbo perder nesse texto, uma vez que os relatos demonstram que os alunos foram assimilando e construindo o sentido da história a partir dele: “O texto *A menina que vivia perdendo* é legal porque conta a história de uma menininha que achava que estava perdendo tudo, mas ela perdia e ganhava outra coisa boa e maior para o tamanho” (Informante I).

O fato desse segundo texto retratar uma temática que é parte da realidade da vida dos alunos também foi comentado. Ressalta-se a importância da identificação do leitor com a veracidade transmitida pela obra: “Eu gostei desse texto porque relata uma realidade de uma menina que cada dia ia perdendo suas coisas perdeu até seu banquinho dado de presente da sua vó. Mas na verdade e ela não perdia nada apenas crescia” (Informante J).

As contradições vividas pela personagem também foram objeto de comentários positivos, já que refletem conflitos pessoais cotidianos, com os quais os alunos conseguem se relacionar: “Essa história também é muito legal porque conta que uma menina vai perdendo todas as coisas que ela ganha, é uma história de Ana Maria Machado, mas ela recebe a notícia que sua mãe está grávida, e ela acha que não é bom, mas ao mesmo tempo bom. Quando ele nasce, ela deixa suas coisas preferidas para o lado, sua boneca e sua cadeirinha, essa história é muito legal e minha nota é dez” (Informante K).

Com relação a leitura do terceiro texto de Ana Maria Machado, *O boto e a estrela*, os alunos já estavam bem familiarizados com a linguagem poética da autora e com o tema do livro *Quem perde ganha* e, assim, demonstraram gostar mais e compreender o texto de forma bastante significativa, como percebido através do comentário: “No texto *O boto e a estrela*, eu gostei muito porque é um texto muito bonito, romântico, um amor não correspondido, e mesmo não sendo correspondido, ele não desiste. Esse texto é excelente porque ele é tão apaixonado pela estrela que acaba indo atrás, mas quando tá a caminho acaba esquecendo a estrela e acaba se apaixonando pelas belezas do mar, por isso que esse texto merece dez, eu achei maravilhoso” (Informante L).

À medida em que o entusiasmo dos alunos crescia, a obra correspondia cada vez mais às expectativas deles. A história de amor do boto pela estrela envolve tanto meninos quanto meninas que estão na fase da pré-adolescência e, românticos, se identificaram com a determinação do boto em se aproximar da estrela. O fato de ser um amor impossível e ter havido a mudança de amor suscitou reflexões por parte dos leitores, que se apaixonaram ainda mais pela obra apresentada. Esse também era um dos objetivos do trabalho e foi alcançado.

A temática amorosa, geralmente, agrada aos leitores juvenis, portanto, os alunos demonstraram cada vez mais compreensão da mensagem trazida pela autora, como pode-se observar no trecho: “Depois que li o texto entendi a história de um boto sonhador que se apaixonou por uma estrela, mas não sabia como trazer a estrela, quando ia arrumar uma corda para a estrela, se distraiu com as criaturas belíssimas que vivem no mar e o boto mudou até de amor. No final da história explica que não podemos amar as coisas que são impossíveis, mas temos que amar as pessoas que estão sempre no nosso lado” (Informante M).

Alguns alunos foram bastante concisos em seus depoimentos. Ainda assim, conseguiram perceber a essência do texto:

“O texto ‘*O boto e a estrela*’ conta a história de um boto que se apaixonou por uma estrela, mas depois se apaixonou pelo oceano” (Informante N).

“O boto coitado se apaixonou pela estrela, eu achei incrível que no final ele vê o brilho da estrela em tudo o que vê no mar” (Informante O).

Finalmente, o depoimento a seguir demonstra que o aluno-leitor passou a refletir sobre a característica principal da personagem e trouxe isso para sua vivência, relacionando o texto consigo mesmo e sentindo satisfação e felicidade ao chegar à conclusão final: “No texto *O boto e a estrela*, percebi que a escritora quis falar de sonhos. Um boto sonhador já pensou? Todos temos direito de sonhar, amar e esse foi o caso do boto, ele se apaixonou por uma estrela cadente, mas uma estrela fica no céu e o boto na água, percebi que em certo momento do texto o boto fica triste porque ele não consegue trazer a estrela para perto dele, como ele viu que não deu certo, o boto mudou de amor, ele viu que o mar tinha a mesma formosura que a estrela, achei muito lindo, uma grande história de amor!” (Informante P).

Pode-se perceber, por esta página do diário de leitura, que o aluno-leitor faz reflexões sobre o direito ao sonho e ao amor, se incluindo como alguém também detentor desse direito, pelo uso da primeira pessoa na expressão “temos direito”. Desse modo, há um diálogo entre o autor/texto e aluno/leitor, possibilitando a visibilidade dessas vozes. A satisfação do mesmo também é verificada quando ele declara que se trata de “uma grande história de amor”. Este é um termo utilizado, geralmente, para identificar histórias que causam um impacto

significativo na vida de um leitor, criando lembranças e reflexões que perduram por muito tempo após a conclusão da leitura da obra. Logo, pode-se concluir que a experiência leitora vivida pelo aluno permanecerá com ele, motivando sensações positivas e gerando incentivo para que repita a experiência, promovendo, desse modo, um aumento do interesse pela leitura, alcançando-se assim outro objetivo deste trabalho.

4.3.2 Análise das páginas sobre a leitura da obra *O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*

Pelos depoimentos sobre a adaptação do clássico de Cervantes, percebe-se o quanto os alunos ficaram encantados com a história de Dom Quixote, comprovando que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2007, p. 11). É o que revela o seguinte relato: “Poucas pessoas são como Dom Quixote e podem mudar o mundo, eu leio todos os dias, para ter este poder, a imaginação do grande Dom Quixote, o cavaleiro mais legal que existe, cujas as armas são os livros” (Informante Q).

Através de seus diários de leitura, os alunos foram capazes de externalizar suas emoções, sua admiração por Dom Quixote e sua paixão pelos livros, demonstrando uma compreensão do personagem em questão: “Achei muito legal esse texto. Ele era um cavaleiro de família nobre só que dava tudo por livro. Adorava ler livro romântico de cavalaria, ele queria defender os pobres e os mais fracos. Ele lia tanto livro que começou a ver coisas e pensou que era realidade. Todo mundo pensava que ele era doido, mas não, ele só tava imaginando alto. Eu achei muito interessante esse texto e gostei muito” (Informante R).

Alguns alunos lembraram os episódios marcantes, conferindo destaque para a amizade com Sancho: “O livro mostra uma das maiores aventuras que já se viu no mundo. E consertar o mundo, é isso que Dom Quixote de La Mancha quer fazer ao lado de Sancho Pança. Mesmo sendo atirado pelas pás do moinho de vento como Dom Quixote, mas eles têm algo em comum, a maior amizade” (Informante S). Este trecho ressalta que ambos tinham “algo em comum”, o que, por sua vez, significa que a diferença entre os dois foi percebida pelo aluno, porém superada pela amizade que construíram.

Dom Quixote é uma obra que comove e leva o leitor a refletir sobre a fantasia e a realidade, a verdadeira amizade, a força do sonho e a importância do livro. Por tudo isso, é um clássico sempre atual. Tratando de temas universais e com uma linguagem acessível, Ana Maria Machado trouxe aos seus leitores, mais uma vez, uma história que tem encantado gerações e continua encantando: “Eu gostei muito porque conta a história de um homem que

sonhava com um mundo melhor e que ficou conhecido como Dom Quixote, ele tinha livros e pensava que as histórias de cavaleiros fossem reais e um dia ele pensou que os heróis estavam fazendo falta para o mundo e decidiu virar cavaleiro andante” (Informante T).

O fato da adaptação ter cinquenta folhas não representou obstáculo para a leitura, como se pode perceber através do comentário: “Na verdade agora não é um texto, é um livro, por isso é mais difícil de comentar por que é muito grande, então consegui gravar algumas coisas, mas mesmo assim vou comentar só um pouco. É muito interessante porque tem muita aventura e não foi só isso que me chamou atenção, por exemplo os quadros do Candido Portinari, as batalhas e os nomes que deram a Dom Quixote, por exemplo, Cavaleiro do sonho como o título, Cavaleiro da triste figura e Cavaleiro da lua branca” (Informante U).

Observa-se nessa página do diário que, para o informante, as ilustrações do livro foram bastante significativas, o que evidencia a importância de explorá-las antes, durante e após a leitura como um elemento que contribui para a construção do sentido do texto escrito. Outro aspecto a mencionar acerca deste depoimento é em relação aos títulos atribuídos ao herói “Quixote”, que, como foram diversos, reproduzem momentos e ideias diversas. No entanto, Cavaleiro da lua branca não se refere a Dom Quixote, trata-se do personagem, que a pedido de sobrinha de Quixote, lutou com o herói para que se ele perdesse, voltasse para casa.

A leitura de clássicos na escola traz consigo a ideia de que os alunos podem se identificar com a figura do herói. Para Machado (2002, p. 20), a leitura dos bons livros de literatura traz o contentamento para o leitor de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele se reconhece plenamente. O leitor consegue identificar, também, os ideais defendidos pelo herói, como evidenciado por: “Dom Quixote é um herói nas histórias de cavalaria, o sonho dele era consertar o mundo, que tenha paz e justiça. As aventuras e desventuras de Dom Quixote e Sacho Pança, por que desventuras? Porque elas trazem o que eles não esperavam como brigas, surras e nas aventuras de sair de casa, vestir uma armadura velha e um cavalo magrelo chamado rocim” (Informante V).

Normalmente, tem-se a impressão de que “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados, inéditos, quando lidos de fato” (Calvino *apud* Machado, 2002, p. 23). É isso que revela o depoimento seguinte, que salienta, também, uma das mensagens transmitidas pela autora: “Foi incrível, imaginário, sem palavras para um texto tão realístico, ele ensinou que temos que correr atrás dos nossos sonhos” (Informante X).

Acredita-se que não há razão para não se propor a leitura de clássico na escola, ou mesmo adaptações dele, desde que sejam bem-feitas, principalmente, porque tal leitura

promove uma profunda identificação entre leitor e obra, fazendo surgir um afeto e compreensão para com o personagem fictício: “Eu gosto muito do Dom Quixote porque ele se mete em muitas aventuras. Mas todo cavaleiro tem suas desventuras, o Dom Quixote gostava muito de livros, ele imaginava muita coisa, uma delas foi imaginar que o moinho de vento era gigante. Dom Quixote era um homem muito humilde e honesto, ele ajudava os fracos. Um dia, seu amigo lhe deu um nome que ele adotou ‘O cavaleiro da triste figura’” (Informante Y).

Para Petit (2009, p. 148),

Não é sem motivo que os poderes tenham temido tanto as leituras não controladas: a apropriação da língua, o acesso ao conhecimento como também a tomada de distância, a elaboração de um mundo próprio, de uma reflexão própria, propiciados pela leitura, podem ser o pré-requisito, a via de acesso ao exercício de um verdadeiro direito de cidadania. Pois os livros roubam um tempo do mundo, mas eles podem devolvê-lo, transformado e engrandecido, ao leitor. E ainda sugerir que podemos tomar parte ativa no nosso destino.

Portanto, são tantos motivos para se propor leitura literária na escola, são tantas as contribuições trazidas pelo acesso ao livro, que não se pode perder tempo para realizá-la. Diante dessas constatações, dos resultados alcançados e dos objetivos atingidos, conclui-se que a prática de leitura literária pode e deve ser efetivada na escola, a fim de se assegurar a formação do leitor como direito de todo cidadão.

4.4 Avaliação

A avaliação de atividades de leitura exige o acompanhamento do professor em todas as etapas do processo de interação texto-leitor: nas que antecedem a leitura, na leitura propriamente dita, nas discussões sobre as obras lidas, observando o interesse e as dificuldades encontradas pelos alunos durante o processo, bem como nos caminhos encontrados por eles para superá-las. As produções escritas servem como parâmetros para determinar os avanços e os problemas que ainda precisam ser superados.

Nesse sentido, os resultados na avaliação são importantes, mas também igualmente relevantes são as observações feitas ao longo do percurso, que permitem ao professor encontrar estratégias que auxiliem os alunos a superar eventuais dificuldades.

Para o professor dar conta de avaliar o desempenho do aluno, é necessária uma organização de registros sistemáticos realizados cotidianamente com as observações pontuais sobre o desenvolvimento de cada aluno.

Os resultados alcançados com a proposta de leitura e compreensão das obras selecionadas de Ana Maria Machado foram bastante significativos, principalmente envolvendo a leitura oral realizada por grande parte dos alunos das duas turmas, o interesse e o envolvimento dos mesmos nas atividades propostas, além da realização de pesquisas para ampliar conhecimentos sobre a autora e sua obra, e a organização do registro através do diário de leitura.

A dinâmica de solicitar a produção de um diário de leitura tem como objetivo principal o registro das impressões dos alunos-leitores sobre os textos durante a leitura. Essa é uma atividade que permite ao professor perceber os mais variados níveis de leitura dos alunos para que ele possa intervir novamente de forma mais intensa e eficaz nas dificuldades de compreensão deles.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, chega-se a algumas constatações importantes para o desenvolvimento de propostas de leitura do texto literário. Uma delas é que a leitura do texto literário com objetivos claros de enriquecer às experiências leitoras dos alunos é indispensável na vida escolar e extraescolar dos alunos, pois envolve três tipos de aprendizagem:

a aprendizagem da literatura, que consiste em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, saberes e habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários (COSSON, 2014, p. 47).

Se a escola quer contribuir para o letramento literário e a formação do leitor, deve se organizar coletivamente e elaborar propostas de intervenção com metodologias consistentes que proporcionem ao alunado o acesso a textos literários de boa qualidade. Obras que sejam interessantes, instigantes, com sequências didáticas bem elaboradas podem garantir aprendizagens significativas. Assim, o compromisso e a formação adequada do professor são fundamentais para a elaboração de ações ou sequências didáticas mais apropriadas para cada ano escolar, atendendo a necessidade de cada turma. Os alunos que compõem as turmas são diferentes e únicos em relação a outra e com interesses diversificados, por isso o professor precisa conhecer bem seus alunos e suas dificuldades para melhor poder intervir.

Outra constatação se refere à seleção de obras a serem lidas pelos alunos, que devem ser de boa qualidade e, de certa forma, que despertem o interesse dos alunos. Para que isso ocorra, o professor precisa ser leitor e ter um amplo conhecimento de obras, autores e temas que circulem socialmente e que possam interessar à faixa etária de seus alunos. O professor deve conhecer bem os interesses, gostos e dificuldades de seus alunos de modo a constituir acervo próprio com obras de qualidade, principalmente de literatura infantil e juvenil, e na ausência delas, ser capaz de preparar material didático próprio a fim de atender às necessidades e demandas escolares.

Constatou-se, também, que os alunos gostam de ler, principalmente se forem motivados para isso e se o livro for de boa qualidade. Práticas de leitura oral, principalmente, são fundamentais para que os alunos percebam questões relacionadas aos elementos mais significativos do texto. O professor, como leitor mais experiente, deve realizar a leitura oral primeiramente, para que ele possa servir de exemplo aos alunos. O exemplo e o despertar da curiosidade são caminhos importantes para a formação de leitores na escola.

Uma outra questão importante é que os clássicos são fontes inesgotáveis de leitura e por isso devem ser lidos na escola, de preferência, em adaptações bem cuidadas. Os alunos se entusiasmarão com as aventuras e desventuras de Dom Quixote e Sancho Pança, uma história de sonhos, de amor aos livros, e, sobretudo, de uma grande e verdadeira amizade. Com temas sempre atuais e indispensáveis na formação de nossos alunos, os clássicos permanecem como fontes inesgotáveis de beleza, sensibilidade e sabedoria.

Deve-se acrescentar também que Ana Maria Machado é uma escritora que consegue cativar o leitor pela verdade, pela linguagem, pela fantasia, pela originalidade e pela simplicidade com que conta as histórias. A relevância dessa escritora brasileira está na diversidade temática e na forma única que encontrou para cativar o leitor, o diálogo. Estabelece um vínculo com o leitor pelo tom de conversa com que conta suas histórias, escreve para todos os públicos, e consegue o reconhecimento da crítica e de entidades nacionais e internacionais. Porta-voz das questões de seu tempo, Ana Maria Machado consegue através de suas obras encantar e conquistar cada vez mais o leitor, uma vez que sua obra é sempre atual. É, sem dúvida, uma escritora que deve ser lida e recomendada, porque seu trabalho é de um valor incalculável para esta e para futuras gerações.

Através da pesquisa de campo, verificou-se que ainda há muitas lacunas e problemas em relação ao ensino de literatura na escola pública, o que tem acarretado sérias consequências ao aprendizado dos alunos, principalmente em relação ao alto índice de analfabetismo funcional. Contatou-se também que o processo inadequado de escolarização da literatura com o uso exclusivo do livro didático no cotidiano escolar vem prejudicando sobremaneira os alunos e impedindo a formação de leitores na escola.

Entretanto, propostas de práticas de leitura literária renovadoras que objetivem conquistar, aguçar a curiosidade e formar leitores capazes de refletir sobre o texto, construindo sentidos e ampliando sua vivência, podem contribuir de forma eficaz para o enfrentamento do problema.

Portanto, o convite à leitura literária deve ser bandeira defendida pelos professores de língua portuguesa como questão essencial para assegurar as novas gerações um mergulho no universo ficcional tão importante para a formação do ser humano.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ANTUNES, Benedito. PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (org.). **Trança de histórias: a criação literária de Ana Maria Machado**. São Paulo: Editora UNESP; Assis – SP ANEP, 2004.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil – Gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1994.

BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira. “**Formação do Leitor**”. In: **Literatura – formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Ática, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em 17 abr 2015.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 1ª ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura**. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p.169-191.

_____. **A literatura e a formação do homem**. In: DANTAS, V. (Org.) **Bibliografia Antônio Candido**– textos de intervenção. São Paulo: Ed. 34, 2002.

CANTARIN, Sílvia Maria Rodrigues Nunes. **E as meninas cresceram: A construção da personagem feminina nas obras de Ana Maria Machado**. Tese de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2008.

CEIA, Carlos. **O que é ser professor de Literatura**. Lisboa: 2002.

_____. **E-Dicionário de termos literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt>>. Acesso em 20 Mai 2015.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil – Teoria. Análise. Didática**. 7. Ed. São Paulo: Moderna, 2005.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: história e situação atual**. In: **Literatura Infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 22-28.

DALVI, Maria Amélia. (Org.); JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.); REZENDE, Neide Luzia de. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. 5. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

_____. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 1992.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas; Pontes, 1995.

_____. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995.

LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. A formação do professor e a literatura infanto-juvenil. In: **Série Ideias n.5**. São Paulo: FDE, 1988. p.29-34.

_____. ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Anna Rachel. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Ana Rachel. Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos na sala de aula. **Linha D'Água**, Brasil, n. 18, p. 61-80, dez. 2005. ISSN 2236-4242. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279/39999>>. Acesso em: 02 set 2015.

MACHADO, Ana Maria. Bom de ouvido. In: VERISSÍMO, Luis Fernando. **Comédias para se ler na escola**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001. p. 9-15.

_____. **Quem perde ganha**. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008.

_____. **O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha**. Ana Maria Machado & Candido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.

_____. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

_____. **Texturas: sobre leituras e escritos**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.

_____. **Amigos secretos**. São Paulo: Abril, 2009.

_____. **Histórias. Livros. Curiosidades**. Disponível em: <www.anamariamachado.com>. Acesso em 20/06/2014.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola – Sobre a formação do gosto**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Derli Machado de. **A multimodalidade na literatura infantojuvenil: buscando estratégias de leitura pela exploração da linguagem visual**. Anais do V SENALIC – TEXTOS COMPLETOS. Volume 05, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura para todos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, n. 9, p. 16-29, dez. 2006. ISSN 2237-1184. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/19709/21773>>. Acesso em: 11 Out. 2015.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIMENTA, Alberto. s. v. “Prosa Poética”. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/business-directory/5961/prosa-poetica/>>. Acesso em: 20 mai 2015.

PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1987.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Contos e poemas para ler na escola**. 1. ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

RAMOS, Rogério de Araújo (editor responsável). **Dicionário Didático de Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2011, p. 505.

RIBEIRO, Luís Filipe. Literatura e História: uma relação muito suspeita. In: **Geometrias do Imaginário**. Santiago de Compostela. Edições Laiovento, 2000. Disponível em: <<http://revistabrasil.org/revista/geometria/historia.html>>. Acesso em: 17 Jun 2015.

SACCONI, Luiz Antonio. **Dicionário essencial da língua portuguesa**. São Paulo: Atual, 2001.

SERRA, Carlos. s. v. “Texto literário / Texto não literário”. **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/business-directory/6007/texto-literario--texto-nao-literario/>>. Acesso em: 20 mai 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. A leitura no contexto escolar. In: **Série Ideias n.5**. São Paulo: FDE, 1988. p.63-70.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. Ed. Ver. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teses sobre o ensino do texto literário na aula de Português**. In: Diacrítica: Revista do Centro de Estudos Humanísticos da universidade do Minho. Braga, Portugal, n. 13-14, 1998-1999: 23-31.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELHISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiany (Org.). **Escolarização e leitura literária**. 2ª Ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F148697%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FA%20ESCOLARIZA%20C3%87%20C3%83O%20DA%20LITERATURA%20INFANTIL%20E%20JUVENIL%20completo.pdf>. Acesso em 30 jul 2015.

SOUZA, Renata Junqueira de... [et al]. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

_____. FEBA, Berta Lúcia Tagliari. (org.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: mercado de Letras, 2011.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

ZILBERMAM, Regina. Leitura: história e sociedade. In: **Série Ideias n.5**. São Paulo: FDE, 1988. p.13-17.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS

Nome: _____ Turma: _____
Sexo: _____ Idade: _____

Responda as questões abaixo de forma legível. O objetivo é traçar seu perfil de leitor.

1. Você gosta de ler? Por quê?

2. Quantos livros você já leu até hoje? Cite seus títulos.

3. O que mais você gosta de ler? Pode marcar mais de uma opção:

- a) Jornais
- b) Poemas
- c) Histórias de aventura
- d) Livros infantis
- e) Revistas em quadrinhos
- f) Contos
- g) Crônicas
- h) Outros: pode especificar:

4. Você conhece ou já leu algum livro de uma escritora chamada Ana Maria Machado? Caso afirmativo, cite o nome do livro.

5. Quais dos títulos abaixo desperta em você curiosidade de ler? Pode marcar mais de uma opção:

- a) *Quem perde ganha*
- b) *Um dia desses...*
- c) *Avental que o vento leva*
- d) *Jeca, o tatu*
- e) *João bobo*
- f) *O Natal de Manuel*
- g) *Palavras, palavrinhas e palavrões*
- h) *O menino que espiava pra dentro*

- i) Gente, bicho, planta: o mundo e encanta*
- j) A princesa que escolhia*
- k) Os dois gêmeos*
- l) Palmas para João Cristiano*
- m) Portinholas*
- n) O menino e o maestro*
- o) O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*

6. Você considera o ato de ler importante em sua vida? Por quê?

ANEXO 2 – DADOS DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

Com relação à turma A, para a pergunta “você gosta de ler?”, vinte nove alunos responderam que sim, gostam de ler; três disseram não; e três não responderam ao questionário. O que contrasta com a resposta à pergunta “quantos livros você já leu?”, uma vez que dez informantes não souberam citar nenhum nome de livro. Quatro informantes gostam de ler revistas em quadrinhos como *Turma da Mônica*, *Turma do Chaves*, *Smilinguido em quadrinhos*, entre outros. Três informaram já terem lido a *Bíblia*. Livros citados entre os mais lidos: *Crepúsculo*, por dois informantes; *Percy Jackson e o Ladrão de raios*, por dois informantes; *O pequeno príncipe*, por três informantes; *Diário de um banana*, por dois informantes.

Com relação a terceira pergunta, “o que você mais gosta de ler?”, temos os seguintes resultados:

História em quadrinhos: 20 informantes;

Poemas: 22 informantes;

Contos: 8 informantes;

Crônicas: 6 informantes;

Com relação a questão 4: Dos trinta e dois alunos que responderam ao questionário, nenhum aluno conhece ou já leu algum livro de Ana Maria Machado.

Para a questão 5, são os seguintes resultados:

O Natal de Manuel: 6

O menino que espiava pra dentro: 5

A princesa que escolhia: 9

Quem perde ganha: 17

Palavras, palavrinhas e palavrões: 11

Palmas para João Cristiano: 7

O avental que o vento leva: 7

Gente, bicho, planta: o mundo me encanta: 4

O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha: 8

Portinholas: 4

João Bobo: 3

O menino e o maestro: 8

Um dia desses...: 7

Os dois gêmeos: 6

Para a questão 6, 31 informantes responderam sim, é importante ler; um respondeu não; e três não responderam.

Com relação à turma B, vinte e dois responderam sim; cinco responderam mais ou menos; e três disseram que não gostam de ler. Cinco alunos não responderam ao questionário.

Para a pergunta “quantos livros você já leu?”, sete alunos responderam que nenhum. Dos livros mais citados, os dados são os seguintes: *Turma da Mônica: 4; Diário de um banana: 6; Bíblia: 4; Crepúsculo/ Eclipse/Lua nova/Amanhecer: 4; Percy Jackson e o ladrão de raios: 2; A cabana: 2; O menino do pijama listrado: 3.*

Para a questão 3, seguem os resultados:

Poemas: 15 informantes;

Contos: 6 informantes;

História em quadrinhos: 21 informantes;

Crônicas: 5 informantes;

Histórias infantis: 8 informantes.

Vinte e nove alunos responderam que não conhecem e não leram nenhum livro de Ana Maria Machado. Apenas um informante já leu o livro “*Menina bonita do laço de fita*”, da autora mencionada. Cinco alunos não responderam ao questionário.

Para a questão 5, são os seguintes resultados:

O Natal de Manuel: 9

O menino que espiava pra dentro: 12

A princesa que escolhia: 9

Quem perde ganha: 16

Palavras, palavrinhas e palavrões: 12

Palmas para João Cristiano: 5

O avental que o vento leva: 9

Gente, bicho, planta: o mundo me encanta: 11

O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha: 10

Portinholas: 2

João Bobo: 6

O menino e o maestro: 8

Um dia desses...: 6

Os dois gêmeos: 10

Jeca, o tatu : 4

Para a questão 6, vinte e oito alunos consideram importante ler; um, não; e seis alunos não responderam ao questionário.

Com base nesses dados, foram selecionadas as obras *Quem perde ganha* e *O cavaleiro do sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha* para a proposta de intervenção.

ANEXO 3 – CADERNO DE ATIVIDADES

**ANA MARIA MACHADO EM SALA DE AULA: LEITURA LITERÁRIA E
FORMAÇÃO DO LEITOR**

Caderno de atividades

Maria Helena da Silva Viana
(Organização)

Ananindeua – Pará

2014

ANA MARIA MACHADO EM SALA DE AULA: LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Apresentação

Caro aluno,

Na primeira parte deste caderno, você vai ler três contos escritos em prosa poética. Esses textos foram extraídos do livro *“Quem perde ganha”* de Ana Maria Machado, uma das maiores escritoras brasileiras para o público infantojuvenil. Para aguçar sua curiosidade, antecipo um pouco sobre os textos.

Fiapo de Trapo: A história começa assim: “Espantalho tão bonito e elegante nunca se tinha visto por aquelas redondezas. Nem por outras, que ele era mesmo carregado de belezas”. Texto profundamente poético sobre a morte e a vida, o fim e a permanência.

A Menina que vivia perdendo: O início: “Era uma vez uma menina que vivia perdendo. Pelo menos era o que ele achava”. Mas, na verdade, essa menina estava crescendo, com as perdas e ganhos que isso traz.

O Boto e a Estrela: Começa assim: “Era uma vez um boto sonhador, que saltava e achava que era bicho voador. Num desses saltos, de repente, apaixonou-se por uma luz que deslizava no céu”. Essa é uma história de amores possíveis e impossíveis, perdas e ganhos.

Na segunda parte, você lerá *“O cavaleiro do sonho – As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*, de Ana Maria Machado com ilustração de Cândido Portinari. Neste livro, a autora presta homenagem aos que ousam sonhar com um mundo melhor. Para isso, lança mão de duas obras – a de Miguel de Cervantes, por conta da comemoração dos 400 anos da 1ª edição de *“Dom Quixote de La Mancha”* e a de Cândido Portinari. Ao recontar a obra de Cervantes, o narrador reconstrói a história em torno de significativos episódios do Quixote original e, por meio deles, conversa com o jovem leitor sobre a singularidade de certos homens que, lutando contra moinhos de vento, arriscam a própria vida para o bem da humanidade. É imperdível!

Boa leitura!

Pré-leitura: Exploração dos elementos visuais do livro: Capa, contracapa e ilustrações

Figura 7 – Capa do livro *Quem perde ganha*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. Ilustrações Cris Eich. 5. ed. São Paulo: Global, 2008.

Motivação inicial para a leitura: Vocês sabem o que é um espantalho?

1ª Leitura oral realizada pela professora

2ª Leitura oral realizada por dois alunos

Texto I: **Fiapo de trapo (Ana Maria Machado)**

Páginas 8-9: Ilustração e trecho

“Espantalho mais bonito e elegante nunca se tinha visto por aquelas redondezas. Nem por outras, que ele era mesmo carregado de belezas. Precisava só ouvir a conversinha do Dito Ferreira enquanto montava o espantalho, todo orgulhoso do seu trabalho. [...]

E era mesmo. Tudo roupa velha, claro, como convém a um espantalho que se preza. Mas da melhor qualidade, roupa de se ir à igreja em dia de procissão e reza. [...]”.

Páginas 10-11: Ilustração e trecho

“Ah, porque é preciso também dizer que aquilo tudo dava certo, funcionava tanto... O espantalho elegante era mesmo um espanto. Passarinho nem chegava perto. E lá ficava sozinho, espetado no milharal deserto. [...]

Como todo espantalho, esse não andava nem falava, mas tinha o dom de poder sentir as coisas ao seu jeito – para um boneco de palha, isso era um grande defeito.

E era só por causa do desenho que tinha bordado no peito. Linhas de cor em forma de coração – e pronto, lá estava o pobre espantalho sofrendo com a solidão! Ninguém se aproximava dele, ninguém fazia um carinho, e ele ficava tão triste, só, espantando passarinho...

De longe via uma passarada, de todo tipo e feição. Pintassilgo e saíra, cambaxirra e corruíra, rolinha e corrupião. Pássaro de toda cor, de todo canto e tamanho, de todo a-e-i-o-u - sabiá, tié, bem-te-vi, curió e nhambu. [...]”.

Páginas 12-13: Ilustração e trecho

“E o tempo passava. Horas e dias, dias e semanas, semanas e meses, meses e anos.

E o espantalho ficava no tempo. No bom tempo e no mau tempo. No sol que queimava e na chuva que molhava. No mormaço que fervia e no vento que zunia.

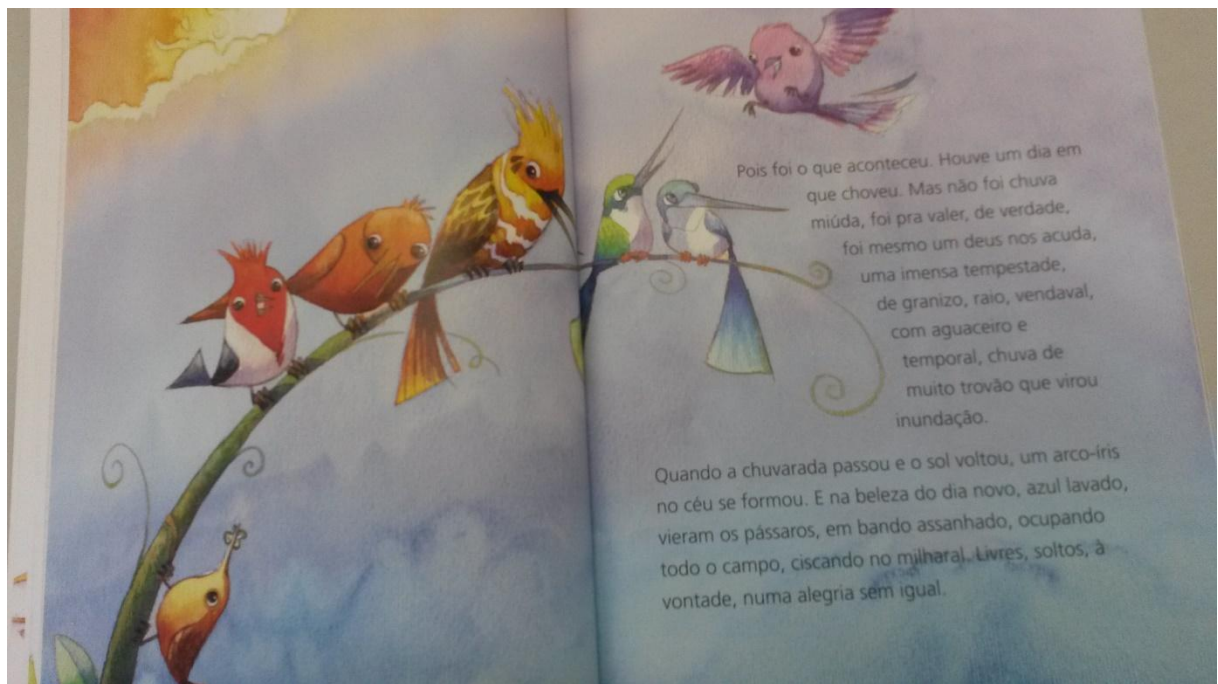
E seu cheiro se gastava, sua cor se desbotava, sua seda desfiava, seu veludo se puía.

Até que um dia...

No tempo tem sempre um dia. Um dia em que muda o tempo e um tempo novo se inicia. [...]”.

Páginas 14-15: Ilustração e trecho

Figura 8 – Ilustração da história *Fiapo de Trapo*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008, p. 14-15.

Páginas 16-17: Ilustração e trecho

“Ele tinha desmanchado, tinha sido carregado, pelo vento espalhado, pela chuva semeado, com a terra misturado, plantado naquele chão, sua palha adubando muito pé de solidão.

Do que sobrou por aí, foi tudo virando ninho, protegendo com carinho filhotes que iam nascer. Veludo em trapos, seda em farrapos, coração bordado em fiapos, maciezas boas de se aquecer. E hoje em dia, sua palha misturada na terra ajuda a plantação a crescer.

Os trapos de sua seda, o seu forro de bom cheiro, farrapos de seu veludo se espalhavam desde o galinheiro até a mais alta árvore que tenha um ninho barbudo.

E em cada ovo que nasce ali por aquele lugar, cada ninhada que se achega à procura de calor, em cada vida a brotar, em cada marca de amor, seu coração sobrevive num fiapinho de cor” (Machado, Ana Maria. *Quem perde ganha*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008).

Atividades de interpretação

Vamos conversar um pouco sobre a leitura do texto *Fiapo de trapo*?

1. O personagem principal da história é o espantalho, por que esse espantalho era diferente dos outros? Discutir com os alunos as características que tornam o espantalho da história diferente dos demais.
2. Dentre essas características, qual mais chama a atenção? Por quê?
3. Observe nos seguintes trechos as palavras sublinhadas. Em que sentido vocês acham que elas foram empregadas?
 - a) “O espantalho elegante era mesmo um espanto”: (medo, assombro ou que causa admiração?)
 - b) “Pássaro de todo canto”: (lugar ou de todo tipo de canto?)
 - c) “E o espantalho ficava no tempo”: (relento ou enquanto o tempo passava?)
 - d) “Um dia em que muda o tempo: (as condições climáticas ou uma nova estação do ano se inicia?)
 - e) “Um tempo novo se inicia”: (muda a condição de vida ou o modo de viver?)
4. O que podemos concluir sobre o sentido das palavras no texto?
 - a) As palavras apresentam um único sentido, a do dicionário?
 - b) As palavras têm seu sentido orientado pela intenção de quem escreve ou do contexto em que são utilizadas;
 - c) Não é possível saber o sentido exato de uma palavra seja qual for o texto
5. O texto *Fiapo de trapo* tem características de conto em prosa poética porque está organizado em parágrafos, mas apresenta ritmo, rimas próprios da poesia. Você já havia lido algum livro estruturado em prosa poética? Caso afirmativo, relate sua experiência. Caso negativo, relate suas impressões sobre essa forma de organizar o texto.

6. O texto é um conto, que é uma narrativa ficcional curta, apresentando poucas personagens e um único conflito. Nesse gênero textual, podemos perceber os momentos da narrativa, vamos identificá-los?
- Situação inicial (início da história- situação de equilíbrio):
 - Conflito ou complicação (fato que desencadeia a história):
 - Clímax (momento de maior emoção da história):
 - Desfecho (resolução do conflito e recuperação da situação de equilíbrio):
7. Atividade escrita: Relate suas impressões sobre o texto durante a leitura e escreva essa produção escrita como uma página de um diário de leitura.

Pré-leitura: Exploração dos elementos visuais do conto, páginas 18-19.

Motivação inicial para a leitura: Vocês acham de até hoje perderam mais ou ganharam mais? O que já ganharam e o que já perderam?

1ª Leitura oral realizada pela professora:

2ª Leitura oral realizada por dois alunos

TEXTO II: **A menina que vivia perdendo (Ana Maria Machado)**

Páginas 20-21: Ilustração e trecho

“Era uma vez uma menina que vivia perdendo. Pelo menos, era o que ela achava. Quer dizer, não é que ela perdesse sempre nos jogos que brincava. Como todo mundo, às vezes perdia, às vezes empatava, às vezes ganhava.

Não era disso que ela reclamava. Também não era desse tipo de gente que perde coisas e tem que procurar. Gente que esquece onde guardou e não consegue achar. Se fosse, ela era até capaz de não ligar.

Mas o que Lena perdia era muito mais sério. [...]

Lena bem que olhava e via o vestido. Como é que estava perdido? Mas a partir desse dia o vestido sumia, nunca mais aparecia. Não adiantava querer vestir, não conseguia descobrir.

Outras vezes era com o sapato. Ficava semanas de sandália. Quando chovia, o pai ia calçar a bota nela. [...]

Lena olhava e a bota perdida via. Não entendia. Mas a partir desse dia a bota sumia, nunca mais aparecia. Não adiantava querer calçar, não conseguia encontrar”.

Páginas 22-23: Ilustração e trecho

“Até que ficou pior. Chegou a vez da cadeirinha que tinha sido presente da avó. Não dava mais pra sentar, mas era boa de brincar. [...]

Queria reclamar, gritar, brigar. Mas tinha medo, vergonha, sei lá. Não queria que todo mundo ficasse sabendo que não entendia aquela história de perder o que tinha perdido. [...]

Mas aí que veio o susto maior. O pedaço pior.

Quando ela chegou no quarto, não viu mais a cama cor-de-rosa enfeitada com bichinhos pintados, que era dela desde o tempo de bebê, quando Lena precisava de grade para não cair.

No lugar do berço só tinha um vazio. Lena teve um arrepio.

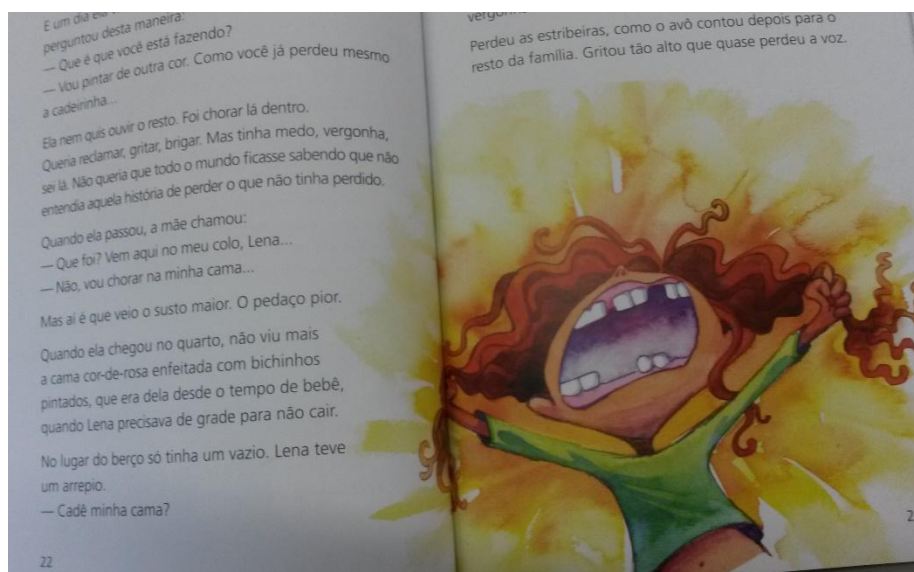
_ Cadê minha cama?

O pai e a mãe já vinham explicando:

_ É que você cresceu muito, já está grande, ia logo perder mesmo essa caminha...

Aí Lena não aguentou. Perdeu tudo. Perdeu o medo e a vergonha. Perdeu a calma e a paciência.

Figura 9 – Ilustração da história *A menina que vivia perdendo*



Páginas 24-25: Ilustração e trecho

“Mas não perdeu a vez nem a chance de reclamar:

_ Chega! Estou cheia desse negócio! Toda hora vocês ficam dizendo que eu perdi uma coisa que ainda não perdi. E aí somem com ela.

Os outros ficaram olhando sem entender:

_ Que ideia! Quem some com suas coisas Lena?

_ Vocês todos. Toda hora ficam dizendo que eu perdi a bota, o vestido, o casaco. E aí é que perde mesmo. Mas a minha cadeira e minha cama eu não vou deixar. Cadê minha cama? Cadê?

Aí é que os pais entenderam.

E explicaram:

_ Não é perder de não encontrar, Lena. É que você cresce e a coisa fica pequena.

_ É... não cabe mais, não entra, não abotoa. Então você dá pra alguém e fica com outra, nova e boa. [...]”.

Páginas 26-27: Ilustração e trecho

“Mas pensou na cadeirinha, na cama, e perguntou como quem reclama:

_ Onde é que eu vou deitar? E onde é que minha boneca vai sentar?

_ Os homens daqui a pouco vão entregar a cama nova. De menina grande. Com colcha combinando com a cortina, mesinha de lado e tudo. Até banquinho e poltrona.

_ E a cama velha?

_ Você dá para uma criança menor...

_ Por exemplo, para o irmãozinho que você vai ganhar...

Lena levou um susto. Então ela não ia só perder? Ia ganhar também? E logo um neném? Podia ser bom, divertido. Mas podia ser chato, ruim. Ela não sabia se queria. Não podia resolver assim. Ficou parada, olhando, num espanto sem fim. [...]”.

Páginas 28-29: Ilustração e trecho

“E quando o bebê nasceu não foi a menina que perdeu. [...]”

Conversando com a boneca dava outra explicação:

_ Para ganhar e para crescer, também é preciso perder. É um jeito de merecer, de dar lugar para a coisa nova aparecer.

E ia brincar com o irmão” (Machado, Ana Maria. *Quem perde ganha*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008).

Atividades de interpretação

1. Há semelhanças entre as duas histórias lidas? Quais?
2. Está também em prosa poética também? Por quê?
3. Observe os sentidos do verbo perder no texto. Ele tem o mesmo sentido em todas as ocorrências? Pode consultar o dicionário para responder a essa questão.
4. Quais são as diferenças de sentido nos seguintes trechos? Se precisar, pode consultar o dicionário.
 - a) “A menina que vivia perdendo”.
 - b) “Quer dizer, não é que ela perdesse sempre nos jogos que brincava”.
 - c) “Também não era desse tipo de gente que perde coisas e tem que procurar”.
 - d) “Como esta menina perde roupa”.
 - e) “Perdeu tudo. Perdeu o medo e a vergonha. Perdeu a calma e a paciência”.
 - f) “Perdeu as estribeiras”
5. No final da história, Lena perdeu ou ganhou? Justifique sua resposta com elementos do texto.
6. Atividade escrita: Relate suas impressões sobre o texto durante a leitura e escreva essa produção escrita como uma página de um diário de leitura.

Pré-leitura: Exploração dos aspectos ilustrativos da história “*O boto e a estrela*”

Motivação inicial para a leitura: Vocês conhecem alguma história em que é o boto que se apaixona? Qual? Qual é o feminino de boto?

1ª Leitura oral realizada pela professora:

2ª Leitura oral realizada por dois alunos

Texto III: **O boto e a estrela (Ana Maria Machado)**

Páginas 30-31: Ilustração e trecho

“Era uma vez um boto esportivo e sonhador. Saltava fora da água e imaginava que era um bicho voador, pelo meio das aves ao lado dos cascos das naves.

Num desses saltos, de repente, apaixonou-se. Não foi por uma bôta. Nem por uma bota. Nem por uma gaivota, de mergulho e cambalhota.

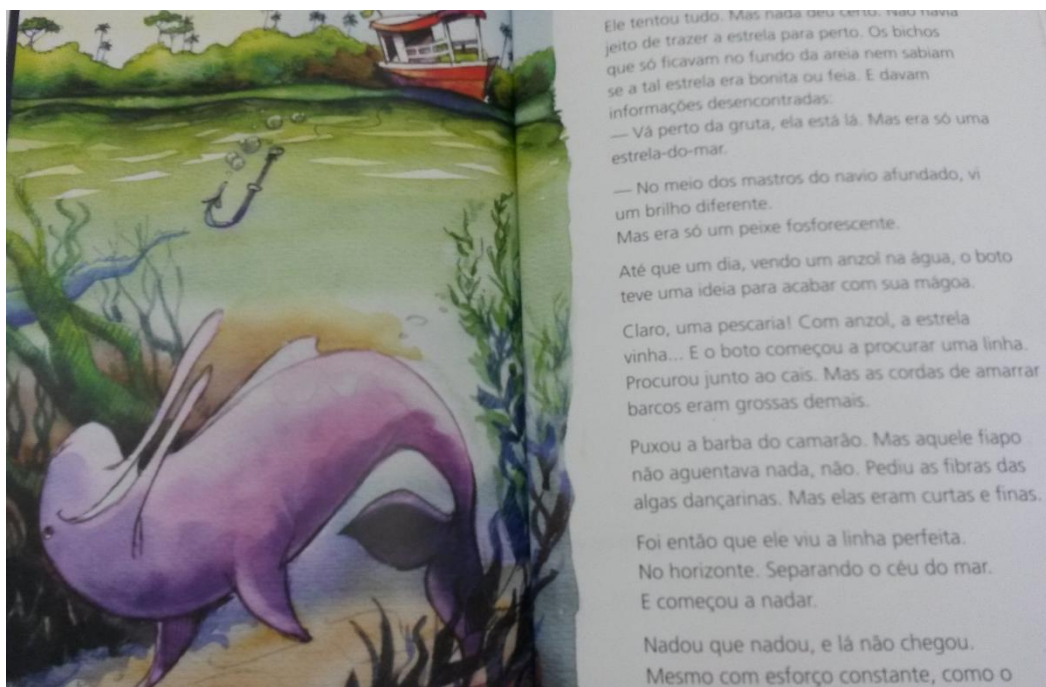
Foi por uma luz que deslizava no céu. Já imaginou? Boto apaixonado por cometa ou avião? Na verdade, por uma estrela cadente.

Volta e meia, quando ele saltava de noite, via seu amor que lá no alto brilhava. E que passava. E cada vez a paixão aumentava. [...]”.

Páginas 32-33: Ilustração e trecho

Páginas 34-35: Ilustração e trecho

Figura 10 – Ilustração da história *O boto e a estrela*



Fonte: MACHADO, Ana Maria. *Quem perde ganha*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008, p. 34-35.

Páginas 36-37: Ilustração e trecho

“Mas, no caminho, quanta coisa bonita! [...] Beleza que não acabava mais.

E no meio da procura o boto se distraiu. Foi esquecendo a estrela, com tanta beleza que viu. Ou então foi só mudando, vendo em cada coisa bela um pouco da formosura que tinha encontrado nela.

Quando menos esperou tinha mudado de amor.

Amava agora era o mar, com tudo o que nele há e que não para de mudar. Com o que guarda no fundo e o que reflete do mundo. Até o brilho de estrelas, de cometas e luar.

Além de várias botas lindas, no profundo azul do mar” (Machado, Ana Maria. *Quem perde ganha*. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008).

Atividades de interpretação

1. Por que esse texto tem características de prosa e de poesia?

2. Identifique os momentos da narrativa no conto lido:
 - a) Situação inicial:
 - b) Conflito:
 - c) Clímax:
 - d) Desfecho:

3. No trecho: “Num desses saltos, de repente, apaixonou-se./Não foi por uma bôta. Nem por uma bota”, a autora faz uma brincadeira com uma palavra bota? Explique os significados dessa palavra no contexto em que ela foi empregada.

4. O que fez o boto esquecer a estrela e mudar de amor?

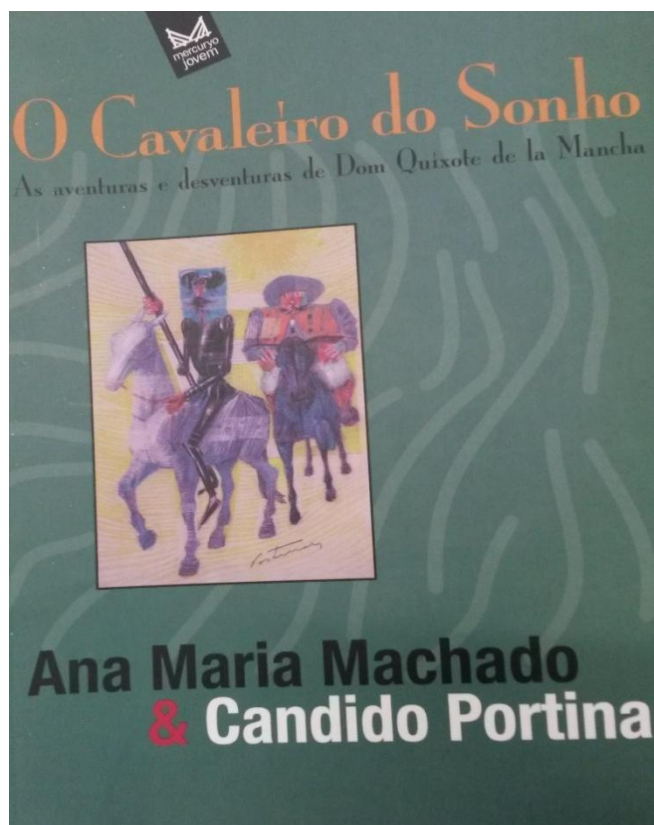
5. O nome do livro de onde foi retirada essa história é *Quem perde ganha*. Explique a relação entre a história lida e o título do livro.

6. Atividade escrita: Relate suas impressões sobre o texto durante a leitura e escreva essa produção escrita como uma página de um diário de leitura.

Parte II: *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.

Pré-leitura: Exploração dos desenhos ilustrativos da obra

Figura 11 – Capa do livro *O Cavaleiro do Sonho*



Fonte: *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo jovem, 2005.

Motivação inicial para a leitura a partir das seguintes questões:

1. Você tem sonhos? Você sonha com o quê?
2. O que você faria em nome do seu sonho?
3. Qual o limite entre sonhar e viver sonhando?
4. Que amigo você levaria para viver o seu sonho? Por quê?
5. Você sabe o que é um clássico?
6. Já ouviu falar de Dom Quixote de La Mancha? E de Portinari?
7. A partir do título, o que você espera do livro?

1ª Leitura oral realizada pela professora

2ª Leitura oral realizada por dois alunos

O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha (Ana Maria Machado)

Página 05 – Apresentação: “Era uma vez um homem que sonhava.

Até aí, nada demais. Todo mundo sonha de noite. E muita gente também sonha de dia. Faz planos para o futuro, quer uma vida melhor.

Alguns – bem menos – sonham com uma vida melhor para os outros. Para todo mundo. E sonham tão forte que acreditam no sonho.

Podem parecer que gente assim vive nas nuvens, fora da realidade. Mas é o contrário. De tanto ver em volta uma realidade cheia de coisas erradas, de tanto ficar triste com a dor dos outros, o sonho forte dessas pessoas fica sendo consertar o mundo.

Em geral, para ter ideias para esses consertos, esse pessoal lê muito. E fica imaginando um mundo tão melhor e perfeito que até parece sonho puro.

Mas tem ainda outro tipo de gente. Alguns – menos ainda – vão mais longe. Acreditam tanto no sonho que resolvem se esforçar para que ele aconteça.

E outras pessoas – bem pouquinhos mesmo – estão até dispostas a arriscar a própria vida nesse esforço. Porque para elas o mais importante é melhorar a vida dos outros.

Este livro é uma conversa sobre isso. Com histórias, aventuras e umas maluquices bem engraçadas.

Uma conversa que deixa a gente pensando. Em doideiras e sonhos. Mas também em amizade e num mundo melhor”.

Página 6: Ilustração – *Dom Quixote de cócoras com ideias delirantes*, desenho a lápis de cor sobre papel, 37 x 24.5 cm, 1956. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 7 – Início: “Em um lugar da Espanha, cujo nome ninguém lembra, mas ficava numa região chamada Mancha, há uns quatrocentos anos, vivia um fidalgo empobrecido.

Tinha uma lança e um escudo velhos, herdados de algum tataravô, um cachorro magrelo e um cavalo esquelético, desses que eram chamados rocim. Às vezes nem tinha

muito o que comer: só uma sopa rala, um pedaço de chouriço ou carne, um mexidinho de ovos com sobras da véspera. E com isso lá se ia a maior parte de seu dinheiro. Vivia com uma governanta e uma sobrinha, dormia muito, lia muito. Ninguém sabe direito o nome dele, mas ficou conhecido como Dom Quixote”.

Página 08: “Porém uma coisa preciosa ele tinha: livros. Era capaz de vender um campo ou toda a colheita para aumentar a biblioteca. Quase todo de romances de cavalaria, aquelas histórias maravilhosas de cavaleiros andantes que saíam pelo mundo, salvando donzelas, protegendo os fracos, combatendo os poderosos, enfrentando dragões, bruxas, gigantes e feiticeiros para defender os que precisavam de socorro. O fidalgo falava em tudo isso como se esse mundo dos livros fosse vivo, real, existisse à sua volta. Como diziam todos, vivia delirando e parecia um maluco.

Um belo dia, teve uma ideia. Achava que esses heróis de cavalaria estavam fazendo muita falta para consertar o mundo. E resolveu que essa era sua vocação: seguir seu sonho e virar cavaleiro andante”.

Página 09: Ilustração – *Dom Quixote a cavalo com lança e espada*, desenho a lápis de cor sobre papelão, 42 x 16 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 10: “Precisava se preparar. Pegou nos guardados uma armadura do tempo dos bisavós. Levou uma semana preparando uma viseira nova para completar o capacete, um rocim antes de todos os outros. Decidiu chamar-se Dom Quixote de La Mancha. E, lembrando-se de Aldonça Lourenço, [...] pensou que a moça devia ser uma princesa disfarçada e só podia se chamar Dulcineia. Ia ser sua amada e inspiradora. Dulcineia Del Toboso – com o sobrenome da aldeia onde a conheceu. [...]”.

Página 11: “[...] Dom Quixote não se apertou. Sua imaginação lhe mostrava tudo o que precisava. Depois de galopar um pouco, avistou uma hospedaria, com duas mulheres à porta e um guardador de porcos chegando, no meio de seus animais, a soprar uma buzina de chifre. Para ele, logo a hospedaria era um castelo, com duas formosas damas à sua espera. E um arauto tocava trombeta, anunciando sua chegada. [...]”.

Página 12: Ilustração – *Dom Quixote* desenho a grafite e lápis de cor sobre papel, 41 x 16.5, 1956. Coleção particular, Milão, Itália.

Página 15: Ilustração – *Dom Quixote e Sancho Pança saindo para suas aventuras*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 28.5 x 21.5 cm, 1956. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 17: “[...] _ Ninguém me derrotará – pensou Dom Quixote. – Mas me falta algo que todo cavaleiro tem: um escudeiro.

Quando melhorou, falou com um lavrador seu vizinho, o gorducho Sancho Pança.

_ Venha que vou lhe dar o governo da primeira ilha que conquistar.

O outro acreditou. Preparou seu burrico e se aprontou para segui-lo, sonhando com sua ilha. E um belo dia, a dupla partiu, sem ninguém ver”.

Página 18: ”Era engraçado ver aqueles dois. Um era magrelo e comprido, num cavalo ossudo. O outro era gorducho e baixinho, num burrico pequeno. Um era nobre e tinha lido um monte de livros. O outro era analfabeto. Lado a lado, cavalgando pelas estradas, iam conversando e ficando amigos. Uma das maiores amizades que já se viu”.

Ilustração: *Dom Quixote* – desenho a grafite, crayon colorido e lápis de cor sobre papel, 21.5 x 15.5 cm, 1956. Coleção particular, São Paulo, SP.

Página 19: “Isso não quer dizer que eles concordassem sempre, muito pelo contrário. Um dia, por exemplo, chegaram a um campo onde havia uns quarenta moinhos de vento.

_ Vês a minha sorte, Sancho? Lá estão dezenas de gigantes. Vou livrar o mundo desses malvados. Veja como giram os braços me provocando.

_ Gigantes, senhor? Braços? São apenas uns moinhos de vento, girando pás – discordou Sancho, tranquilo. [...]”.

Página 20: “[...] Arremeteu, fincou a lança numa das pás, e lá se foi pelos ares, jogado longe pela força do vento. Sancho correu para acudi-lo:

_ Eu não disse que eram apenas moinhos?”

Ilustração: *Dom Quixote arremetendo contra o moinho de vento*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 20 x 35 cm, 1956. Museu Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

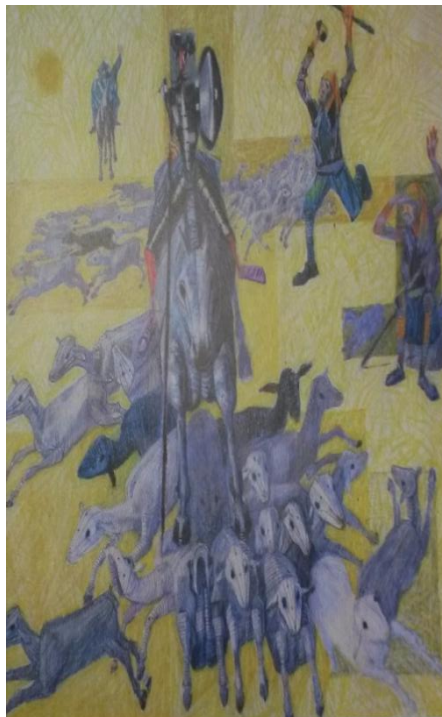
Página 21: “_ Não eram. Viraram moinhos, por artes de um feiticeiro que os protege.

Era sempre assim, em toda parte, o cavaleiro olhava para as coisas e pessoas comuns e via malvados que precisava combater para ajudar os fracos. O escudeiro sempre tentava lhe mostrar a realidade, mas não conseguia. E no fim das surras e quedas, todo machucado, Dom Quixote ficava convencido de que os bruxos, seus inimigos, trabalhavam para impedir que ele livrasse o mundo do que estava errado. [...]

Página 22: “Às vezes, as pessoas atacadas se assustavam e fugiam. Parecia que o cavaleiro venciam. Sancho então se animava com a ideia de que ia ganhar sua ilha, mas Dom Quixote explicava que ainda não chegara a hora. Outras vezes – a maioria delas -- as aventuras acabavam em pancadaria. Como no dia em que o cavaleiro ouviu trombetas no lugar de balidos, confundiu rebanhos de ovelhas com exércitos inimigos, avançou contra eles e teve de enfrentar a reação dos pastores que o atacaram a pauladas e pedradas. E nem assim aprendeu. Daí a um tempo, atacou uma boiada e se deu mal outra vez. Em nome da liberdade, chegou até a soltar bandidos que estavam prisioneiros. [...]

Página 23: Ilustração – *Dom Quixote atacando um rebanho de ovelhas*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 33 x 35 cm, 1956. Museu Castro Maya, rio de Janeiro, RJ.

Figura 12 – Ilustração do livro *O Cavaleiro do Sonho*



Fonte: *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo Jovem, 2005.

Página 24: Ilustração – *Dom Quixote arremetendo contra as vacas*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 35 x 49.5 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

“Dom Quixote apanhava mais, porque era ele quem enfrentava os inimigos que imaginava. Mas às vezes sobrava para Sancho. Como no dia em que o cavaleiro achou que uma venda era um castelo cheio de princesas encantadas. Ficou furioso quando, no dia seguinte, o dono quis lhe cobrar pela hospedagem, comida e cuidados com os animais, certo de que um feiticeiro o enganara, esporeou o cavalo e saiu a galope. O pobre Sancho ficou para trás”.

Página 25: “_ Então você me paga, seu miserável! – exclamou o dono da venda.

Juntou outros hóspedes, pegaram uma manta que cobria uma das camas, agarraram Sancho e ficaram brincando de jogá-lo para o alto e apará-lo com o cobertor. Não adiantava o escudeiro gritar, pois seu amo já ia longe. Aquilo durou até que os homens se cansaram com o peso do coitado”.

Ilustração: *Sancho Pança servindo de diversão para os aldeões*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 43 x 35 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 26: “_ Agora monte no seu jumento e desapareça!

Foi o que ele fez, gemendo, com o corpo doído e resmungando um provérbio atrás do outro:

_ É... Eu só queria uma ilha, mas a vida é assim... cheia de altos e baixos. Um dia da caça, outro do caçador. Quem muito quer muito perde. Tantas vezes vai o cântaro à fonte que um dia se quebra. Boa romaria faz quem em casa fica em paz”.

Página 27: “Muitas aventuras e muitas surras depois, Sancho Pança já dera até um novo nome para seu amo. Olhando para ele, todo machucado, abatido, de dente quebrado, chamou-o de O Cavaleiro da Triste Figura. Dom Quixote gostou do nome e o adotou”.

Ilustração: *Sancho Pança armando Dom Quixote*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 26.5 x 31,5 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ

Página 28: “Não desistiu de seus combates por um mundo melhor. Mas achou que precisava fazer um retiro. Ficar sozinho num lugar tranquilo, pensando na vida, rezando, sonhando com sua Dulcineia, e enlouquecendo um pouco – bem como ele tinha lido, nuns

romances de cavalaria, que havia acontecido com alguns de seus heróis, como Orlando Furioso ou Amadis de Gaula.

_ Enlouquecer um pouco? Para quê? Como? – estranhou Sancho Pança.

O cavaleiro explicou que era para provar seu amor por Dulcineia, seguir o exemplo de outros cavaleiros e fazer penitência por seus pecados, para que os feiticeiros não tivessem poder sobre ele. E como? Virando cambalhotas e ficando sozinho. Tirou a armadura, mandou Sancho levar uma mensagem a Dulcineia e começou a andar de pernas para o ar”.

Página 29: Ilustração *Dom Quixote às cambalhotas*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 26.5 x 21.5 cm, 1956, Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Figura 13 – Ilustração do livro *O Cavaleiro do Sonho*



Fonte: *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo jovem, 2005.

Página 31: “[...] É claro que ninguém segurava Dom Quixote por muito tempo. Daí a algumas, deu um jeito de fugir de novo com Sancho. E novamente se meteu em várias aventuras. Tantas que nem dá para a gente querer contar num livro pequeno como este. Até mesmo Miguel de Cervantes, que inventou e escreveu essa história – porque ela não aconteceu de verdade, mas saiu da cabeça desse escritor espanhol, que nasceu há quatro

séculos – fez mais de um livro para contá-la. E ainda inventou que havia outros contadores, que tinham deixado uns manuscritos com essas aventuras. Mas era só brincadeira de Cervantes, tudo foi mesmo criado por ele. E depois reunido num livrão maravilhoso, que encanta o mundo inteiro e vale a pena ler inteirinho um dia”.

Página 32: “Quando a gente olha o conjunto dessas aventuras, vai notando umas mudanças. Nas primeiras trapalhadas em que se mete, Dom Quixote se engana. Vê umas coisas e imagina outras. [...] Depois, aos poucos, vai ficando mais sensato. Chega a não atacar um estranho grupo de mascarados, guiados pelo demônio e levando a própria Morte. Sancho lhe explica que são atores a caminho de uma apresentação, e ele aceita, embora se meta numa confusão com um palhaço que assusta o jumento do escudeiro”.

Página 33: Ilustração – *Dom Quixote e Sancho Pança prosternados diante de mulheres a cavalo*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 29 x 31.5 cm. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ

Página 34: “A partir de um certo ponto, porém, são os outros que o enganam, pregam peças nele, se reúnem para rir do fidalgo. Como se ninguém suportasse a ideia de alguém querer consertar o mundo e, para isso, ter coragem de enfrentar qualquer um. Ele até desconfia de que as coisas não são bem o que lhe mostram ou dizem. Mas aí acontece uma coisa interessante; cada vez mais é Sancho quem acredita na imaginação e o convence, de tanta vontade que tem de ganhar o governo da ilha”.

Página 35: “O que nunca mudou em Dom Quixote foi sua coragem.

Uma vez cruzaram com dois carros cheios de bandeiras, levando duas jaulas com leões imensos que um governante africano mandava de presente para o rei da Espanha. Dom Quixote insistiu em enfrentá-los e acabou abrindo a jaula de um deles. Sorte que o bicho não estava para briga. [...] Não quis lutar com Dom Quixote que, depois disso, também adotou o nome de Cavaleiro dos Leões”.

Página 36: Ilustração – *Dom Diego de Miranda foge, enquanto Dom Quixote enfrenta o leão*, de Gustave Doré, pertence à parte II, capítulo 17, do livro *Dom Quixote*, 1869.

Página 37: “Outro dia, encontraram uma rica dama com seu séquito. Era uma duquesa e já conhecia a fama do herói. Resolveu se divertir às suas custas e o convidou a passar uns dias com ela e o marido, em seu castelo de verdade. [...] Todos vinham rir de Dom Quixote. Até os mordomos inventavam gozações, fingindo que eram demônios ou que Dulcineia estava encantada. [...]”.

Página 38: “Enquanto os dois montaram no tal cavalo de pau, os empregados do castelo manejavam foles para fingir ventos, faziam barulho para imitar trovões, tacavam fogo numas estopas em ponta de varas e quase encostavam nos rostos da dupla. [...]”.

Ilustração: *Dom Quixote e Sancho Pança no cavalo de pau*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 24.5 x 42 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 39: “[...] No outro dia, tiveram outra ideia. Fingiram que estavam dando a Sancho o que ele tanto sonhava: o governo da ilha Baratária. Tocaram sinos, fizeram festas, trouxeram casos complicados para ele julgar. E ficaram espantadíssimos com a sensatez que o escudeiro mostrou, resolvendo bem as coisas, com justiça e inteligência”.

Página 40: “Mas quando inventaram que ia ser preciso comandar exércitos numa guerra, e amarraram nele uns escudos de jeito que ele nem podia andar, o coitado achou melhor renunciar. Preferia viver na aldeia, ser feliz com a família, ou ser escudeiro e andar com seu amigo por toda parte. Amizade era melhor que poder – concluiu ele”.

Página 41: Ilustração – *Sancho Pança dormindo no cavalo e venerado pelo povo*, desenho a lápis de cor sobre cartão, 35 x 48 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Figura 14 – Ilustração do livro *O Cavaleiro do Sonho*



Fonte: *O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha*. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo jovem, 2005.

Página 42: Ilustração – *Dom Quixote a cavalo com lança e espada*, desenho a lápis de cor sobre papelão, 42 x 16 cm, 1956. Museus Castro Maya, Rio de Janeiro, RJ.

Página 44: “[...] Na cama, lembrando de tudo, o pobre fidalgo chegou à conclusão de que tinha estado louco. E também viu como tantos tinham zombado dele.

Mas agora estava bom. Sabia que estava doente e ia morrer. Fez um testamento, cuidando do futuro da sobrinha, e deixou um bom dinheiro para Sancho. Era um homem bom e justo, com loucura ou sem loucura”.

Página 45: “Mas na verdade não morreu. Até mesmo porque não viveu de verdade, apenas na imaginação de Cervantes e no que ele escreveu. E continua vivíssimo sempre, na lembrança de todos os homens e nos livros.

Seu sonho de consertar o mundo também não morreu. E seu exemplo de arriscar a vida pelo sonho de justiça também não se acabou com ele. Volta e meia reaparece, quando menos se espera.

Neste livro, por exemplo, dá para ver isso. As ilustrações a lápis de cor, foram feitas por Cândido Portinari, um grande pintor brasileiro. Um sujeito que também sonhava com um mundo melhor e mais justo”.

Página 46: “Depois de pintar tantos anos, Portinari adoeceu porque as tintas que usava eram tóxicas e o estavam envenenando. Começou, então, a usar lápis de cor. Foi nessa época que fez estes desenhos de Dom Quixote.

Mas aí aconteceu uma coisa inesperada. Tinha acabado a Segunda Guerra Mundial e os povos de todos os países estavam horrorizados com tanta matança e sofrimento. Os dirigentes até decidiram se reunir, para criar uma organização onde todos pudessem discutir à vontade e tentar resolver seus problemas sem armas. Foi assim que acabou sendo fundada a ONU, Organização das Nações Unidas. E resolveram fazer uma sede especial para ela, em Nova Iorque. Um edifício imenso e lindo, planejado por arquitetos de vários países. Inclusive o brasileiro Oscar Niemeyer”.

Página 47: “Resolveram também que bem na entrada haveria dois painéis enormes. Um mostraria a Guerra. O outro, a Paz. Para que ninguém jamais esquecesse as dores, mortes, lágrimas e sofrimentos que a guerra traz. E para que todos pudessem sempre fazer o possível para viver em harmonia. [...]

Convidaram Portinari para fazer esses painéis, celebrando seu sonho de um mundo melhor. Mas não dava para fazer uma pintura dessas com lápis de cor. Ia ser preciso trabalhar com as tintas que o envenenaram.

Ele achou que era por uma boa causa e aceitou, mesmo sabendo do perigo que corria. Pintou com todo entusiasmo. Pouco depois, morreu intoxicado. Para dar vida a seu sonho”.

Página 48-49: Ilustrações – *Guerra e Paz*, painéis a óleo sobre madeira compensada, 1952-1956. United Nations, New York, NY.

Página 50: “É claro que ainda há muita coisa para se consertar no mundo. E mesmo que tenha melhorado um bocado, nem dá para dizer que ele vai ficando mais justo. Mas uma coisa não dá para negar: tudo fica mais bonito quando artistas como Cervantes e Portinari nos dão de presente um livro como *Dom Quixote* ou uns painéis como *Guerra e Paz*.

É por isso que, mesmo tendo morrido, eles vivem para sempre.

É que ficaram enormes. Do tamanho de seu sonho”.

Página 52: Leitura da biografia de Candido Portinari, Miguel de Cervantes e Ana Maria Machado.

Página 53: Ilustração elaborada especialmente para este livro, em bico-de-pena, por Claudio Tucci, baseou-se no retrato de Miguel de Cervantes, desenhado por Ferro, 1791.

Atividades de interpretação

1. Como a leitura de livros de romances de cavalaria influenciou *Dom Quixote* a ser cavaleiro andante?
2. Por que era engraçado ver *Dom Quixote* e *Sancho Pança* lado a lado pelas estradas?
3. O que você concluiu sobre o episódio dos moinhos de vento?

4. Por que Sancho chamou Dom Quixote de O cavaleiro da triste figura?
5. Por que as pessoas tentavam enganar Dom Quixote?
6. Depois de ganhar sua ilha, Sancho desistiu dela. Por quê?
7. Por que Dom Quixote adoeceu gravemente?
8. Como a história de Dom Quixote se relaciona com a história de Portinari?
9. Atividade escrita: Relate suas impressões sobre o livro, durante a leitura e escreva essa produção escrita como uma página de um diário de leitura.

REFERÊNCIAS DO MATERIAL

BORGATTO, Ana Maria Trinconi. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Tudo é linguagem**. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Quem perde ganha**. 5. Ed. São Paulo: Global, 2008.

_____. **O Cavaleiro do Sonho: As aventuras e desventuras de Dom Quixote de La Mancha**. Ana Maria Machado & Cândido Portinari. São Paulo: Mercuryo jovem, 2005

ANEXO 4 – POEMA DOM QUIXOTE

Dom Quixote

Dom Quixote de La mancha
O cavaleiro da triste figura
Sua vida é uma eterna aventura
Sua história ninguém desmancha

Cervantes escreveu
Ana Maria Machado adaptou
Portinari pintou
O livro, nosso aluno leu

Lado a lado, Quixote e Sancho
Saíram de La Mancha
Surgiu assim uma grande amizade
Que dura por toda a eternidade

É um livro maravilhoso
Que encanta o mundo inteiro
Lê-lo é intenso e verdadeiro
Vale a pena, é esplendoroso!

Dom Quixote é um grande sonhador
Que de tanto ler decidiu viver
Num mundo de fantasia e amor
Para sonhar, é preciso crer!

(Maria Helena da Silva Viana)

ANEXO 5 – VIDA E OBRAS DE ANA MARIA MACHADO

Ana Maria Machado é carioca, do bairro de Santa Tereza. Na infância, passava os verões na praia de Manguinhos, no Espírito Santo, rodeada de carinho, sol e de histórias fantásticas ouvidas à noite. Criada numa família de leitores, aprendeu a ler sozinha, antes dos cinco anos. O Almanaque Tico-Tico e os livros de Monteiro Lobato foram suas primeiras leituras. Na adolescência descobriu os contistas, cronistas e romancistas brasileiros. No colegial começou a estudar pintura. Primeiro, na Escolinha de Arte do Brasil, depois no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna. Pretendendo ser pintora, Ana se dedicou-se por doze anos às telas e tintas, estudando e expondo seus trabalhos. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fez pós-graduação em Linguística na École Pratique des Hautes Études, em Paris. Antes de iniciar sua carreira literária, foi pintora, jornalista, professora universitária. Teve uma livraria, trabalhou em biblioteca, em rádio e fez até dublagem de documentários. Fez doutorado em Linguística sob a orientação de Roland Barthes. Sua tese sobre a obra de Guimarães Rosa resultou no livro *Recado do Nome*. Escreveu vários romances e sua paixão pela leitura está evidenciada na obra *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Em 1969 começou a publicar histórias para crianças na revista *Recreio*, dirigida por Sônia Robatto. Escreveu para o público infantojuvenil mais de cem livros, lançados no Brasil e em 17 países com cerca de 18 milhões de exemplares vendidos. Seus livros foram traduzidos para muitas línguas e ditados pelas mais importantes editoras europeias e latino-americanas. Ganhou em 2000, a medalha Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantil. Em 2001, recebeu o mais importante prêmio literário nacional, o Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra como ensaísta, romancista e autora de livros infantis e juvenis. Nesse mesmo ano, recebeu a Medalha Tiradentes, da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e a Ordem do Mérito Cultural, da Presidência da República. Em 2003, foi eleita para ocupar a vaga nº 1 a Academia Brasileira de Letras.

Sua história de vida é repleta de viagens, lutas, prêmios e histórias, muitas histórias. Tem fôlego de sobra para em suas andanças tirar o melhor proveito do que conhece e compartilhar com seus leitores. Até mesmo, quando foi presa durante a ditadura militar, optando pelo exílio na França. Ela viveu também na Inglaterra, na Itália e nos Estados Unidos. Hoje, vive no Rio de Janeiro, e com uma carreira de mais de quarenta anos e muitos prêmios acumulados, Ana Maria Machado ainda vive participando de congressos, conferências, encontros e visitas a escolas.

Os números e a diversidade de obras da autora são um capítulo à parte, pois ela escreve para todos os públicos como veremos a seguir.

São obras da autora (Machado, 2009, p. 141-142):

Para leitores iniciantes:

Banho sem chuva

Boladas e amigos

Brincadeira de sombra

Cabe na mala

Com prazer e alegria

Delícias e gostosuras

Dia de chuva

Eu era um dragão

Fome danada

Lugar nenhum

Maré baixa, maré alta

Menino Poti

Mico Maneco

No barraco do carrapato

No imenso mar azul

Onde está meu travesseiro?

O palhaço espalhafatoso

Pena de pato e de tico-tico

Que lambança!

O rato roeu a roupa

Surpresa na sombra

Tatu Bobo

O tesouro da raposa

Troca-troca

Um dragão no piquenique

Uma arara e sete papagaios

Uma gota de mágica

Vamos brincar de escola?

A zabumba do quati

Primeiras histórias:

Alguns medos e seus segredos

A arara e o guaraná

Avental que o vento leva

Balas, bombons, caramelos

Besouro e Prata

Beto, o Carneiro

Camilão, o comilão

Curupaco, papaco

Dedo mindinho

Dorotéia, a centopéia

O elefantinho malcriado

O elfo e a sereia

Era uma vez três

Esta casa é minha

A galinha que criava um ratinho

O gato do mato e cachorro do morro

O gato Massamê e aquilo que ele vê

Gente bem diferente

Gente, bicho, planta: o mundo me encanta

A grande aventura de Maria Fumaça

Jabuti sabido e o macaco metido

A jararaca, a perereca e a tiririca

Jeca, o tatu

A maravilhosa ponte do meu irmão

Maria Sapeba

Mas que festa!

Menina bonita do laço de fita

Meu reino por um cavalo

O Natal de Manuel

O pavão do abre-e-fecha

Ponto de vista
Portinholas
Procura-se um lobo
Quem me dera
Quem perde ganha
Quenco, o pato
O segredo da oncinha
Severino faz chover
Um dia desses...
Um gato no telhado
Um Natal que não termina
Uma história de Páscoa
Uma noite sem igual
A velha misteriosa
A velhinha maluquete
Vira-vira

Para leitores com alguma habilidade:

Abrindo caminho
Beijos mágicos
Bento que Bento é o frade
O cavaleiro dos sonhos
De carta em carta
De fora da arca
História meio ao contrário
O menino e o maestro
O menino Pedro e seu boi voador
O menino que espiava pra dentro
Palavras, palavrinhas, palavrões
Palmas para João Cristiano
Passarinho não contou
Ponto a ponto
Praga de unicórnio

A princesa que escolhia
O príncipe que bocejava
Livros de capítulos
Amigo é comigo
Amigos secretos
Bem do meu tamanho
Bisa Bia, Bisa Bel
O canto da praça
De olho nas penas
Do outro lado tem segredos
Do outro mundo
Era uma vez um tirano
Isso ninguém me tira
Mensagem pra você
O mistério da ilha
Mistérios do Mar Oceano
Raul da ferrugem azul
Tudo ao mesmo tempo agora
Uma vontade louca

Teatro e poesia:

Fiz voar o meu chapéu
Hoje tem espetáculo
Peleja
Os três mosqueteiros
Um avião e uma viola

Livros informativos:

Os anjos pintores
A descoberta da América Latina
Exploration into Latin America
Manos Malucos I

Manos Malucos II

O menino que virou escritor

Na praia e no luar, tartaruga quer o mar

Piadinhas infames

O que é?

Histórias e Folclore:

Ah, Cambaxirra, se eu pudesse

O barbeiro e o coronel

Cachinhos de ouro

Clássicos de verdade

O domador de monstros

Dona Baratinha

Festa no céu

Histórias à Brasileira II

João Bobo

Pimenta no cocuruto

Tapete mágico

Os três porquinhos

Uma boa cantoria

O veado e a onça

Para adultos:

Alice e Ulisses

Aos quatro ventos

A audácia dessa mulher

Balaio

Canteiros de Saturno

Como e por que ler os Clássicos universais desde cedo

Contracorrente

Esta força estranha

Ilhas no tempo: algumas leituras

O mar nunca transborda

Palavra de honra

Para sempre

Recado do nome

Romântico, sedutor e anarquista – como e por que ler Jorge Amado

Tropical sol da liberdade

Texturas: sobre leituras e escritos

Antologias:

O Tesouro das cantigas para crianças

O Tesouro das virtudes para crianças

ANEXO 6 – SINOPSE DAS OBRAS DE ANA MARIA MACHADO

Quinze títulos destinados ao público infantojuvenil foram selecionados para leitura e análise, dos quais foram escolhidos os dois para a execução do projeto de leitura. Seguem-se elencados pequenos resumos de cada um deles.

Um dia desses...

Com a temática sobre os dias da semana e diversão, Ana Maria Machado nos conta de maneira simples as descobertas de João ao iniciar sua vida na escola. Com ilustração de Lula, este livro nos mostra através de diálogos os convites que a personagem João faz ao cachorro, ao gato, ao papagaio, ao burro, ao galo e à prima Lorena para que um dia desses...pudessem vir brincar com ele. No domingo, o dia da brincadeira, todos chegaram à casa de João para o susto de seus pais. Esclarecida a confusão foram todos brincar e se divertir no quintal porque, afinal, domingo não tem escola,

Avental que o vento leva

Ilustrado por Helena Alexandrino, o livro apresenta como personagem principal Corina, uma menina que adorava brincar com cor e usava um avental branco para poder brincar sem sujar o vestido. Até que um dia, após tirar o avental sujo e pendurá-lo em um galho, ele desaparece. Corina vai, então, em busca do avental perdido. Ela passa por diversas indicações, sem sucesso, até se achar novamente em sua própria casa. Lá, ela encontra o avental devidamente limpo e guardado dentro da gaveta. Através dessa história, Ana Maria Machado mostra às crianças que nem sempre as coisas que achamos estar perdidas estão de fato. Por vezes, basta uma busca persistente como a de Corina, para acharmos o que procuramos – que pode nem estar tão longe.

Jeca, o Tatu

Ilustrado por Maria Eugênia, Ana Maria Machado começa a contar a história de Jeca, o Tatu, esclarecendo que, dentre todos os animais que sempre gostavam de contar vantagem, ele era o “único que nunca tinha nada para contar”, uma vez que nunca saía de debaixo da terra. Um dia, quando Jeca resolveu sair um pouco do túnel que estava cavando, ele foi parar na beira de uma estrada. Então, ele descobre várias coisas que nunca havia notado a existência porque nunca havia deixado seu “refúgio” para explorar o mundo ao seu redor. Em uma linguagem leve para crianças, Ana Maria Machado vem, através de Jeca, mostrar como

podemos viver muitas aventuras todos os dias, basta apenas termos coragem suficiente para deixarmos nossa zona de conforto. E, no final, além das aventuras, teremos inúmeras histórias para contar, igualzinho a Jeca, o Tatu.

Quem perde ganha

Esta obra é dividida em três narrativas com um número médio de dez páginas cada. As narrativas contam, respectivamente, histórias sobre um espantalho, uma menina e um boto. Sempre usando uma linguagem leve, descontraída e poética, Ana Maria Machado fala sobre como, muitas vezes, para se ganhar alguma coisa, é preciso perder ou até mesmo abrir mão de outra, seja por algum acontecimento alheio à nossa vontade, por força do tempo ou por escolha própria. Com ilustrações de Cris Eich, ao final das trinta e sete páginas cativantes e que certamente farão o leitor sorrir, a autora mais uma vez conquista pelo jeito simples com o qual narra suas lições de vida.

João Bobo

Recontada com a leveza e bom humor de Ana Maria Machado e com ilustrações divertidas de Roberto Weigand, João Bobo conta a história de um menino, que era bom e gentil, mas “só não era inteligente”, motivo pelo qual recebeu tal apelido na aldeia onde morava. O garoto parecia não conseguir fazer de maneira correta nenhuma das tarefas que a mãe lhe incumbia, até o dia em que desviou de seu caminho habitual para escapar de confusão e foi parar em uma fazenda maravilhosa. Lá, acabou por conquistar algo inesperado. A autora vem, através de João Bobo, mostrar que todos temos valor, mesmo que sejamos um pouquinho atrapalhados.

O Natal de Manuel

Afinal, o que é essa coisa chamada Natal? Essa é a maior pergunta de André, um garoto que fica confuso depois de várias respostas diferentes para a mesma pergunta. Sem conseguir parar de pensar nesse mistério, o garoto tampouco desiste de conseguir um esclarecimento para sua dúvida, acaba por pedir ajuda ao seu melhor amigo, Manuel. Este lhe dá uma resposta inesperada. Diante dessa resposta e das ilustrações divertidas de Cecília Esteves, Ana Maria Machado mostra, em uma linguagem clara e descomplicada, os diferentes significados do Natal para cada pessoa, sem deixar de lembrar o fato de que o aniversariante está sempre nos acompanhando.

Palavras, palavrinhas e palavrões

O livro de 46 páginas, que recebeu o prêmio Apple em 1988 e foi ilustrado por Fê, consegue arrancar gargalhadas do leitor logo em suas primeiras páginas, ao introduzir a história de “uma menina que gostava muito de palavras” e que está, aos poucos, descobrindo-as e começando a brincar com elas. Com humor leve, Ana Maria Machado mostra nesta obra a importância da descoberta do universo das palavras, da linguagem na infância. Mostra também a importância do acompanhamento dos pais nesse período uma vez que com uma imaginação bastante fértil os pequenos podem ir além do significado das “palavrinhas”.

O menino que espiava pra dentro

Nesta obra, o protagonista é Lucas, “um menino que presta atenção em tudo”. Esse garoto extremamente criativo e através da imaginação vai viver muitas aventuras ao lado de seu amigo imaginário Talento, ou Tamanco ou simplesmente Tatá. Com ilustrações de Alê Abreu, através da história de Lucas, Ana Maria Machado vem demonstrar o poder e a força da imaginação na vida de uma criança e o quanto ela pode ser rica e muito melhor que a realidade, a ponto de se querer viver lá para sempre. Ao mesmo tempo, também fala sobre como explorar a vida real de modo a enriquecer muito mais o nosso mundo próprio mundo “de dentro”.

Gente, bicho, planta: o mundo me encanta

Nesta obra com ilustrações belíssimas de Maurício Negro, Ana Maria Machado vem falar sobre um assunto muito relevante e sério: o desequilíbrio ambiental e como ele pode afetar as vidas humanas. Com três narrativas relativamente curtas, porém bem contadas e verossímeis, divididas em 35 páginas, a autora ressalta a importância de deixar que a natureza siga seu curso, pois somente assim se poderá garantir um equilíbrio que é essencial para todo o planeta. Sem ser extrema, a autora faz com que atitudes sejam repensadas sem precisar recorrer ao drama ou ao pessimismo.

A princesa que escolhia

Com ilustrações de Graça Lima, Ana Maria Machado narra a história de uma princesa que sempre fazia tudo o que a mandavam fazer, até o dia em que respondeu o seu primeiro “não”, levando o pai a colocá-la de castigo. A partir daí, desenvolve-se a história da princesinha e de sua jornada pessoal, e quanto mais o tempo passava, mais a personagem passa a compreender o quão é importante poder fazer suas próprias escolhas. Recusou até

mesmo o casamento arranjado por seu pai. Sua determinação em seguir seu próprio caminho permitiu a ela fazer o que queria e o que gostava e até mesmo provocando mudanças no seu próprio reino.

Os dois gêmeos

Ana Maria Machado reconta o mito de como os iroqueses explicam seu aparecimento como povo e a origem de todos os homens para justificar sua maneira de viver. Através da história da mulher grávida que caiu do Mundo do céu e acabou por se tornar avó de gêmeos completamente opostos, autora nos mostra que o que mantém o mundo equilibrado é o fato de as coisas serem contrárias. Com ilustrações de Rui de Oliveira, Ana Maria Machado com uma linguagem compreensível nos leva a refletir que uma pessoa pode ter muitos lados que acabam por se completar.

Palmas para João Cristiano

Essa obra é uma versão que Ana Maria Machado criou para apresentar ao público infantojuvenil a vida de Hans Christian Andersen, famoso escritor de histórias para crianças. Apelidando-o de João Cristiano, a autora fala de modo descontraído sobre a vida do escritor, mostrando os acontecimentos importantes para que ele se tornasse o exímio contador de histórias infantis que foi. Algo interessante e que chama a atenção é o fato de que a obra foi adaptada de modo a conquistar e incentivar leitores mais jovens, plantando a semente da curiosidade para que eles possam procurar e mergulhar nas Brás deste espetacular escritor, responsável por criar alguns dos personagens mais conhecidos da literatura infantil.

Portinholas

Através desta obra, Ana Maria Machado pode realizar o sonho de escrever uma história ilustrada pelas pinturas de Candido Portinari. Com um texto que leva o leitor a pensar sobre o papel da arte como caminho para externar sentimentos, emoções, sonhos e imaginação. A autora mais uma vez cumpre com maestria o que se propõe a fazer, enquanto nos deixa viajando entre portas, portais e portinholas, principalmente, portinholas.

O Cavaleiro do Sonho

A peculiaridade dessa obra está no fato de que é ilustrada com as aventuras de Dom Quixote pintadas a lápis de cor por Candido Portinari. Ana Maria Machado reconta a história

do cavaleiro, seu fiel escudeiro Sancho Pança e relaciona com a história de Portinari quando pintou seu famoso mural “Guerra e Paz”. O objetivo da autora ao abordar as obras de Cervantes e Portinari é mostrar ao leitor que a leitura e os sonhos podem influenciar as pessoas a perseguirem de fato aquilo em que acreditam e, quem sabe, conseguir transformar o mundo em um lugar melhor. No livro, a autora, de jeito leve e encantador, acaba por falar sobre como as pessoas tidas como loucas nem sempre são tão loucas assim. Talvez sejam apenas sonhadoras...

O menino e o maestro

Neste livro, inspirado por uma experiência pessoal de Ana Maria – o fato de encontrar uma criança tocando flauta doce várias vezes no calçadão de Ipanema – a autora fala sobre a importância da música na vida das pessoas e como ela tem a capacidade de transmitir culturas diferentes e como ela pode unir pessoas dos mais variados tipos e fazer um bem tão incrível a elas, bem esse, capaz até mesmo de transformá-las. Ana Maria Machado queria celebrar as coisas boas que a música é capaz de trazer e atinge seu propósito com perfeição através desse livro. Com uma linguagem leve e gostosa, que desta vez é ilustrada por Maria Inês Martins, ao final da obra, estamos repletos de “coisas boas” por dentro.